

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA
GAÚCHA EM SANTA CATARINA**

Edinéia Pereira da Silva

Orientador: Prof. Dr. René Ernaini Gertz

Porto Alegre
2010

EDINÉIA PEREIRA DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA
GAÚCHA EM SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade e Filosofia e Ciências Humanas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, área de concentração Sociedades Ibéricas e Americanas

Orientador: Prof. Dr. René Ernaini Gertz

Porto Alegre
2010

390.098164
S586c

Silva, Edinéia Pereira da
A construção de uma memória gaúcha em Santa Catarina /
Einéia Pereira da Silva. – Porto Alegre, 2010.
141 f. : il. color.; 30 cm.

Orientador: René Ernaini Gertz
Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-
Graduação em História. Faculdade e Filosofia em Ciências
Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Bibliografia: f. 126-141.

1. Identidade. 2. Memória. 3. Gaúcho. 4. Tradicionalismo. 5.
Centro de Tradições Gaúchas I. Gertz, René Ernaini. II. Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-
Graduação em História. III. Título.

EDINÉIA PEREIRA DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA
GAÚCHA EM SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade e Filosofia e Ciências Humanas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, área de concentração Sociedades Ibéricas e Americanas.

Aprovada em 27 de Agosto de 2010

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. René Ernaini Gertz – PUCRS (orientador)

Prof. Dr. Charles Monteiro – PUCRS

Prof. Dr. João Klug - UFSC

Àqueles que,
com voz cansada, porém os olhos radiantes,
me contaram com orgulho suas vivências.

AGRADECIMENTOS

Desde que comecei a esboçar essa dissertação, tinha decidido não colocar agradecimentos, não que eu não tivesse pessoas para agradecer, mas talvez, não devesse selecioná-las. Considero muitas as pessoas que me ajudaram e caminharam comigo até aqui, não só pessoas que estiveram juntas nos últimos anos, mas também, aquelas que, desde o início contribuíram para a minha formação.

Porém, neste momento julgo necessário alguns agradecimentos, pois negar apoio seria valorizar o “ter” e não o “ser”. Farei de forma muito sincera e sem hipocrisia. O caminhar até aqui foi longo e difícil, porém prazeroso, por estar trabalhando um tema, não por querer um título, mas por acreditar nele, por gostar realmente do que estava fazendo. Nunca considereirei como um trabalho, pois encontrar respostas aos meus questionamentos, que há muito tempo guardava me traziam alívios. Eram momentos prazerosos cada leitura que desenhava essa dissertação. Cada descoberta foi comemorada. Se não houvesse uma defesa; se não houvesse uma banca, ainda assim eu estaria realizada. Ainda que não tenha cessado minhas dúvidas, já valeu a pena!

Muitos torceram por mim, eu poderia citar inúmeras pessoas e esquecer também de muitas. Minha família, que se orgulha de mim e me apóia sempre; à minha primeira professora, D. Zomir, que desde os seis anos de idade trata-me com carinho de educadora dedicada que é, pessoa por qual nutro extrema admiração; entre os amigos, a mais atenciosa, que torceu, apoiou, ouviu e sempre acreditou que eu chegaria mais longe do que eu imaginava, Michelle Rigueira da Silva. À todos com muito carinho, obrigada.

Aos professores da UNIFEBE, UDESC, UFSC E PUCRS que estiveram comigo em alguns trechos desta caminhada, e contribuíram muito para minha formação, ao meu primeiro orientador, Moacyr Flores, à todos agradeço a atenção dispensada.

No entanto, tem aqueles que marcaram, pois acreditaram em meu objeto de pesquisa. Acreditaram que seria possível fazer dele uma pesquisa de mestrado, ouviram minhas idéias, meus questionamento e minhas dúvidas. São eles dois professores, os quais eu tenho profunda admiração.

Ao Professor João Klug, que ouviu, com toda paciência, sabedoria e respeito, as primeiras idéias. A confiança transmitida, foi suficientemente necessária para que eu seguisse convicta com meus objetivos.

Ao professor René Gertz, que, desde a entrevista do processo seletivo na PUCRS, foi quem mais me ouviu. Não foi de imediato meu orientador, mas posso afirmar que, nele estava a minha esperança, pois suas perguntas valorizavam meu projeto. René, é daqueles professores atenciosos com cada questionamento, acolhe e orienta cada idéia. Para minha satisfação veio a ser o meu orientador. Com toda a minha admiração e respeito, muito obrigado pela confiança.

Ao Movimento Tradicionalista Gaúcho e a Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha, por ter permitido o acesso a todos os documentos necessários para a pesquisa. Ao Centro de Tradições Gaúchas Laço do Bom Vaqueiro, pelo carinho, atenção, confiança depositada, na publicação do meu primeiro livro. Minha eterna gratidão.

Por fim, ao meu orientador maior, que me acolheu nos momentos mais difíceis, me conduziu em todas as situações e tem estado sempre ao meu lado. Este sim, nunca me abandonou, foi justamente por tê-lo comigo que eu cheguei até aqui. Muitas vezes cansada, por dormir duas noites por semana dentro de ônibus, ainda assim, jamais pensava em desistir. Todas as vezes que cheguei à PUC, era em sua casa que eu entrava primeiro, me recebia sempre de braços abertos. Pedia sabedoria, e ao mesmo tempo agradecia, pois sei que sou abençoada por ti, sempre me encheu com seu espírito. Eu o escolhi, e chego a conclusão que ele também me escolheu.

Senhor Jesus, obrigada por me permitir chegar até aqui com a sua benção, pois eu sei que “O Senhor é meu Pastor, e nada me faltará”.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar a construção de uma memória gaúcha em Santa Catarina, a partir da fundação de Centros de Tradições Gaúchas. Um fenômeno sócio-cultural que vem ocorrendo no Estado desde 1957, vem se expandindo e ganhando notoriedade a cada ano. Inicialmente, o trabalho apresenta uma contextualização do surgimento do gaúcho e a formação do seu estereótipo. Esse processo irá resultar em um movimento tradicionalista gaúcho, que irá criar práticas de representações do gaúcho, e o fará através dos Centros de Tradições Gaúchas. Por fim, o trabalho analisa os motivos que levam pessoas de diferentes lugares e grupos étnicos aderir a esse movimento.

Palavras-chave: Identidade, memória, Gaúcho, Tradicionalismo, Centro de Tradições Gaúchas.

ABSTRACT

This thesis aims at analyzing the construction of a “gaucho” memory in Santa Catarina, from the foundation of Centers for Gaucho Traditions. A socio-cultural phenomenon that has occurred in the state since 1957, which is expanding and gaining notoriety every year. Initially, the work presents a contextualization of the emergence of the “gaucho” and the training of his/her stereotype. This process will have result on a “gaucho” traditionalist movement that will create practical representations of the that, and will do so by the Centers for Gaucho Traditions. Finally, this work analyzes the reasons which have taken people from different places and ethnic groups to join such movement.

Key words: identity, memory, Gaucho, Traditionalism, Center of Gaucho Traditions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O Laçador: estátua símbolo do Rio Grande do Sul, obra de Antônio Caringi, 1954.	43
Figura 2 - Gaúcho	44
Figura 3 - Localização dos CTGs por estados brasileiros	61
Figura 4 - Localização dos CTGs no exterior	63
Figura 5 - Organograma da estrutura do Tradicionalismo Gaúcho.	64
Figura 6 - MTGs e CTGs por região e estados brasileiros	66
Figura 7 - Atual divisão administrativa da CBTG.....	67
Figura 8 - Distribuição de CTGs por cidades em Santa Catarina.....	89
Figura 9 - Mapa atual das Regiões Tradicionalistas do MTG - SC.....	90
Figura 10 - Mapa atual da distribuição de CTGs por RT do MTG - SC	90
Figura 11 - Mapa do estado de Santa Catarina distribuindo os CTGs em RT e dividindo o Litoral, Planalto Central e Oeste.....	93
Figura 12 - Mapa da origem do povoamento do estado de Santa Catarina	95
Figura 13 - Prenda da cidade de Blumenau.....	104
Figura 14 - Proprietários dos CTGs - 12 ^a RT	106
Figura 15 - Proprietários dos CTGs - 8 ^a RT	106
Figura 16 - Integrantes do GA Amigos da Tradição, Itajaí - SC.	109
Figura 17 - Pedro Raimundo	112
Gráfico 1 - Evolução da migração rio-grandense para os estados de SC e PR no período de 1940-2000.	58
Gráfico 2 - Quantidade de CTGs por Federação Tradicionalista.....	66
Gráfico 3 - Quantidade de CTGs nos períodos considerados mais significativos pela autora.	88
Gráfico 4 - Número de CTGs pelas três grandes regiões catarinenses	93
Gráfico 5 - Número de CTGs por RTs do Litoral catarinense.....	94
Gráfico 6 - População por RTs em Santa Catarina.	100
Gráfico 7 - Evolução da população rural e urbana em Santa Catarina entre os anos de 1950 e 2007.....	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Migrantes nascidos no Rio Grande do Sul presentes em outros estados do Brasil por unidade federativa - UF, 1940 a 2000.....	56
Tabela 2 - Quantidade de CTG por estado brasileiro.....	61
Tabela 3 - Quantidade de CTG por Países	63
Tabela 4 - Número de CTGs por Regiões Tradicionalistas em Santa Catarina.....	91
Tabela 5 - Distribuição de migrantes brasileiros segundo país de destino, por cidade de origem no Brasil	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADG – Academia de Dança Gaúcha

ATG – Associação Tradicionalista Gaúcha

ATGESC – Associação Tradicionalista Gaúcha do estado de Santa Catarina

CATG – Confederação Argentina de Tradição Gaúcha

CBTG – Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha

CITG – Confederação Internacional de Tradição Gaúcha

CNATGB – Confederação Norte-Americana do Tradicionalismo Gaúcho
Brasileiro

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

FPTG – Federação Paulista de Tradições Gaúchas

GA – Grupo Artístico

LP – Long Play

MTC – Movimento Tradicionalista Catarinense

MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho

MTG/RS – Movimento Tradicionalista Gaúcho do estado do Rio Grande do Sul

MTG/SC – Movimento Tradicionalista Gaúcho do estado de Santa Catarina

RT – Regiões Tradicionalistas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. ORIGEM DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO	19
1.1 O GAÚCHO: HISTÓRIA.....	19
1.2 DO MITO AO GAÚCHO TRADICIONALISTA	27
1.3 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO TRADICIONALISMO GAÚCHO	37
1.4 A MIGRAÇÃO DOS GAÚCHOS E A EXPANSÃO DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO	54
2. TRADICIONALISMO GAÚCHO EM TERRAS CATARINENSES	68
2.1 CENTROS DE TRADIÇÕES GAÚCHAS EM SANTA CATARINA	68
2.2 O MOVIMENTO TRADICIONALISTA CATARINENSE x MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO	74
2.3 A NECESSIDADE DE APREENSÃO DA IDENTIDADE GAÚCHA: "O GAÚCHO DE AL NETO" E O PRIMEIRO RODEIO DO BRASIL.....	79
2.4 O CATARINENSE CONQUISTA O ESTADO E ORGANIZA O BRASIL GAÚCHO	85
3. GAÚCHO CATARINENSE	92
3.1 EUROPEU, CATARINENSE E TRADICIONALISTA GAÚCHO	92
3.2 O ENCONTRO DA IDENTIDADE RURAL NO ESPAÇO URBANO.....	100
3.3 NECESSIDADE DE RECONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NA DIFERENÇA	107
3.4 GAÚCHO E O ESTADO DE ESPÍRITO E A INTOLERÂNCIA.....	114
À GUIA DE CONCLUSÃO	125
FONTES	129

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo examinar a construção de uma memória gaúcha fora do Rio Grande do Sul, com foco, o Estado de Santa Catarina. A expansão do gauchismo no Brasil e no mundo, nos últimos cinquenta anos, tem chamado atenção pela quantidade de Centros de Tradições Gaúchas presentes nas regiões mais distante do Brasil e exterior, constituindo um fenômeno sócio-cultural de presença relevante. Tal fenômeno é resultado de um grande fluxo migratório de rio-grandenses para os demais estados do Brasil em meados do século passado, visto que os fundadores dos Centros de Tradições Gaúchas são em sua maioria rio-grandenses. Em Santa Catarina o gauchismo também se constitui e se expande de modo rápido e com relativa organização. O estado é o segundo, com o maior número de Centros de Tradições Gaúchas, e apesar de ser o primeiro estado a receber essa migração, já no início do século passado, diferente dos outros estados, a maioria dos chamados CTGs, não foram fundados por rio-grandenses, e sim por catarinenses. Sendo este um dos fatores que influenciou a autora na escolha do tema dessa dissertação. A importância de ressaltar o tradicionalismo gaúcho como tema de estudos se justifica, principalmente pelo fato da própria autora fazer parte deste movimento gaúcho.

Muitas vezes, procurei respostas para os objetivos e práticas propostas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, e não encontrei. Posso dizer que, a escolha do tema dessa pesquisa é resultado de uma vivência permeada de dúvidas, e principalmente por ter buscado respostas dentro do movimento e não ter encontrado. Então, fui a procura de respostas fora do movimento e, para minha surpresa, constatei que, havia poucas produções intelectuais acerca do gauchismo, principalmente em Santa Catarina. Porém, o mais intrigante é que, as produções historiográficas em torno do tema são escassas e tendenciosas. Quando escritas pelos próprios tradicionalistas, estes, não fazem questão de não se incluírem na temática, quando escritos por pesquisadores simpatizantes ao movimento, os resultados afirmam as teses do movimento, porém, quando produzidos por pesquisados não simpatizantes, são contrários ao movimento, desconsiderando-o totalmente. Cientificamente, na sua grande maioria optam pela teoria de Eric Hobsbawm, referindo-se *A Invenção das tradições*, não que eu não tenha incluído a teoria do citado historiador, porém optei por incluir outras, também pertinentes.

Embora, adepta ao tradicionalismo gaúcho, tive o discernimento necessário para separar a minha militância diante deste movimento, da cientificidade da pesquisa, objetivando uma pesquisa que não beneficiasse interesses e valores próprios, embora eu tenha vontades e muita simpatia pelo movimento gaúcho. Meu objetivo é encontrar respostas para minhas indagações, mesmo que essas não sejam aquelas que eu gostaria que fossem. Não tenho interesse em colocar respostas baseadas na minha militância, pois caso contrário, não faria sentido ficar dois ou três anos em um programa de mestrado, buscando respostas das quais, supostamente eu já teria.

Meu objetivo com o mestrado, foi fazer uma pesquisa científica que viesse contribuir para a historiografia em torno do tema, de maneira clara e o mais próximo possível do aceitável.

Faço parte do Movimento Tradicionalista Gaúcho, desde a minha infância, participo da maioria das suas práticas, algumas considero pertinentes, outras nem tanto. Nos discursos tradicionalistas, os Centros de Tradições Gaúchas são os espaços criados para preservar os costumes dos gaúchos. Desde cedo minha curiosidade, fez com que eu pesquisasse, e percebesse que o CTG não representa tal e qual a forma como os gaúchos viviam no passado, mas também não considero tudo uma invenção por parte do movimento.

Várias foram as minhas indagações, e algumas continuam sendo. Aos poucos vou selecionando respostas, organizando minhas idéias e propondo a minha teoria. Costumo dizer que, “o movimento gaúcho fornece asas à minha imaginação e a História me coloca com os pés no chão.” Minhas escolhas sempre foram direcionadas para o caminho dos esclarecimentos.

O tema dessa pesquisa foi também muitas vezes por mim trabalhado na graduação, foi meu objeto de pesquisa na pós graduação *lato sensu* e de muitas palestras ministradas dentro do movimento. Fui Primeira Prenda de CTG, MTG e CBTG, o que me proporcionou viajar, a fim de ministrar palestras em diferentes lugares e em muitos eventos tradicionalistas gaúchos. Conheci outras realidades, tive um contato maior com o meu objeto de pesquisa, além do meu Estado. O fato de fazer parte do movimento facilitou o acesso a muitos documentos, que deram a essa pesquisa um diferencial.

Por outro lado, foi justamente a aproximação desses documentos, como também entrevistas com pessoas de diferentes lugares, que me fizeram perceber

que era necessário manter distância da minha militância, pois aos poucos fui encontrando respostas que entravam em conflito com o próprio movimento, mas que eram necessárias para o bom andamento da pesquisa. Optei por não omitir fatos, a fim de obter um resultado satisfatório.

A versão inicialmente apresentada ao programa de Pós graduação em História da PUCRS, foi alterada e complementada, me proporcionou momentos de prazer e também de insatisfação, porém necessário e ideal para obter um bom resultado. Quando aqui chegamos, as dúvidas permeiam nosso tema. As minhas eram muitas. Não que hoje eu tenha resolvido todas, mas a pesquisa me proporcionou inúmeros esclarecimentos. Não tive pressa, ao longo de três anos de estudos e pesquisa neste Programa de Pós-Graduação, e a muito com o meu dia-a-dia, apresento como produto a presente dissertação de mestrado.

O meu problema foi pensado e desenvolvido tal qual exposto no sumário. Boa parte do referencial teórico teve que ser construído, pois são poucas as produções historiográficas em torno do tema. Isso justifica o primeiro capítulo: *Origem do Movimento Tradicionalista Gaúcho*, que pretende esclarecer a origem do personagem principal, condutor e a razão da existência do Movimento Tradicionalista Gaúcho: o próprio Gaúcho. Neste capítulo inicial, priorizei o processo de formação, desde a origem histórica do Gaúcho, a passagem de mito, até a transformação em gaúcho tradicionalista. O capítulo analisa e discute a construção histórica sofrida pelo termo *gaúcho*, onde este é transformado em símbolo de honra, lealdade e herói. A produção de imagens como forma de representação, criadas para conduzir seus seguidores a um conceito pré-determinado, assim como uma palavra, designando uma nomenclatura, ou uma frase, que parece tão simples, mas é tão repleta de sentidos, são usadas para o fortalecimento dessa “tradição”.

Termos como “gaúcho” e “tradicionalista gaúcho”, são trabalhados de forma constante pelo movimento gaúcho, e há muito me instigavam. Ainda neste primeiro momento, tive a preocupação de apresentar a institucionalização do tradicionalismo, as tentativas e a formação do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Por fim, o processo de migração e expansão do movimento para além do Rio Grande do Sul. É inegável o crescimento do tradicionalismo gaúcho, e impossível pensar em tradicionalismo gaúcho somente no Rio Grande do Sul, esse fenômeno sócio-cultural já ultrapassou fronteiras, hoje temos CTGs na maioria dos estados brasileiros e em diferentes países.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho criou e continua criando, um amplo sistema de símbolos e representações, constrói sentidos, com os quais as pessoas passam a se identificar, conectando o presente ao passado.¹ Esse sistema vai chamar atenção, principalmente para aqueles que migram e na tentativa de matar a saudade, fundam CTGs, formando “comunidades imaginadas”² ficando em evidência o sentimento de pertencimento, o que ficará mais claro na discussão do próximo capítulo.

No segundo capítulo, o tema desta dissertação será o foco da discussão, *Tradicionalismo gaúcho em terras catarinenses*. O capítulo trata de situações que retratam o esforço e a necessidade de apreensão desta identidade gaúcha por parte dos catarinenses e as diferentes maneiras da construção dessa memória gaúcha no estado. O oeste e meio-oeste catarinense, na sua maioria colonizado por rio-grandenses, foram os pioneiros na fundação dos CTGs no estado. Os primeiros CTGs iniciam com um discurso, impondo limites na fronteira dessa comunidade imaginada gaúcha, sendo sua finalidade “cultivar a cultura do Rio Grande do Sul”³, porém em terras catarinenses. Já no planalto serrano, em Lages, os CTGs tem como objetivo cultivar a cultura da região, ou seja, eles se auto incluem “por direito”. Enquanto que no litoral catarinense, e principalmente nos CTGs fundados após 1985 em todo estado, vai haver uma apreensão, e passam a tratar como um estado de espírito. Portanto o tradicionalismo gaúcho, não é nem rio-grandense e nem catarinense, e sim, de todos que quiserem dele fazer parte.

No terceiro e último capítulo, a temática vai girar exatamente em torno desse “gaúcho”, mas que é catarinense. Um tema que chama atenção de muitos, e que está em evidência no litoral do estado, principalmente na região do vale do Itajaí, colonizada na sua maioria por europeus, local onde encontra-se o meu objeto de pesquisa, ou seja: o europeu, catarinense e tradicionalista gaúcho.

O meu problema foi pensado e desenvolvido com muito cuidado, no início vai se ater no aprofundamento das origens do gaúcho, necessário para que qualquer pessoa possa entender primeiro a formação do personagem e só depois nas transformações e polêmicas sobre ele, incluindo as formas de representação, como monumentos, fotografias, roupas, enfim. Em seguida, ative-me à formação de um

¹ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 51.

² ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Cia das Letras, 2008, p.10.

³ Primeiro Estatuto do CTG Fronteira da Querência.

movimento em torno deste, no estado de Santa Catarina, após problematizei a sua atuação neste estado, e por fim, a situação do gaúcho na atualidade, trabalhando com história oral.

Através deste trabalho, embora tenha procurado elucidar questões importantes, principalmente no que se refere ao gaúcho, fora do Rio Grande do Sul, e tenham me parecido interessante, esta dissertação se caracteriza como estímulos iniciais a outras discussões acerca de tão relevante tema, que tão pouco é pesquisado, pelo menos no que se refere a cientificidade. Embora sujeito a alterações e complementos, pois longe de mim, sugerir que esta seja uma obra acabada, acredito que irá colaborar para a historiografia.

1. ORIGEM DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO

1.1 O GAÚCHO: HISTÓRIA

O objetivo deste capítulo é buscar a gênese do gaúcho, historicizar a formação do indivíduo, rico em história e mito, e, a partir dele, a construção desta memória gaúcha que permeia o país e o mundo, afirmando ser a preservação de uma tradição. Várias são as dúvidas que permeiam a história do gaúcho assim como os signos que o envolvem. Vejamos a história do surgimento deste gaúcho, no tempo e no espaço.

O Rio Grande do Sul integrou-se tardiamente ao restante do País. Foi descoberto no início do século XVI, “a partir de expedições litorâneas de exploração, e destas viagens resultaram registros e descrições da costa gaúcha, permanecendo inexplorado por mais de um século”.⁴ Por sua posição geográfica e, posteriormente, situações econômicas, como também a caça aos indígenas de reduções jesuíticas, o sul foi cenário de intensas lutas, desde a sua descoberta. Por volta de 1600, iniciou o embate entre Espanha e Portugal na disputa por terras, e ao longo da história outras guerras e revoluções foram surgindo.

Desde a sua formação, a pecuária foi bastante significativa no sul, chegando a ser conhecida como a “idade do couro”, devido à intensa procriação de gado livre nos campos, sem dono. Segundo Augusto Meyer os primeiros cavalos e éguas chegam ao sul em 1535:

A bagualada*, esta sim, já então se desenvolvera livremente nas planuras do sul, desde a expedição de Mendonza em 1535, o qual conseguira desembarcar setenta e dois cavalos e éguas, sobre o total de cem embarcados na Espanha.⁵

Com o objetivo de chegar às chamadas reduções jesuíticas, as bandeiras portuguesas e espanholas foram adentrando nas terras do sul. Em 1605, os jesuítas portugueses estabeleceram reduções desde o Mampituba até a Zona de Gravataí. Já em 1626, na chamada zona do “Tape”, que se estendia pela bacia do Jacuí, limitando-se com a Serra do Mar e Geral e com o rio Uruguai, formara as reduções

⁴ PESAVENTO, Sandra J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, p. 7.

* Nome pejorativo dado aos equinos.

⁵ MEYER, Augusto. **Prosa dos pagos**. Rio de Janeiro: Presença, 1979, p. 12.

jesuíticas, sob bandeira espanhola, dedicando-se à agricultura e à formação de estâncias* de criação de gado trazidos da província argentina de *Corrientes*. Os bandeirantes, a fim de aprisionar os índios, atacavam as reduções, disputando a posse da mão-de-obra aborígine. Em 1640, registrou-se o combate final que resultou no abandono dos jesuítas da área. Os jesuítas retiraram-se para a outra margem do Uruguai, levando os índios, mas deixando o gado que criavam nas reduções. Estes rebanhos abandonados no pampa reproduzindo-se à solta formaram uma imensa reserva de gado, e estava lançado o fundamento econômico básico de apropriação das terras do sul, que seria a caça do gado xucro.⁶

O gado se multiplicava e era tratado como uma caça maior e menos arisca. Os rebanhos expandiam-se enormemente, vindo a se constituir em um manancial aparentemente inesgotável nas *Vacarias del Mar*** , que tanto índios missioneiros como gente da outra ribeira do Prata, a Argentina, e, mais tarde paulistas e portugueses, viriam recolher, além daqueles indivíduos que “sem rei, sem fé e sem lei, vaqueavam por conta própria, vendendo o couro a quem lhe pagassem mais”.⁷ A existência de um rebanho de ninguém sobre terra de ninguém chegou a atrair também ingleses que, estabeleceram na área um entreposto ligado a *South Sea Company*, para lucrar com o negócio da courama. Logo passou-se a desenvolver uma intensa atividade de caça a esse gado xucro, com a finalidade de extrair o couro, o que veio a ter uma intensa comercialização que movimentou o extremo sul. Os habitantes do sul e aqueles que lá estavam para negociar dispunham de cavalos e gados em abundância em uma terra que ora era da Espanha, ora de Portugal, bem como por muitas vezes fora considerada de ninguém. Esta situação despertou o interesse pela região para exploração, surgindo neste embate, indivíduos vindos de toda parte.⁸

* Palavra de origem espanhola que quer dizer fazendas.

⁶ PESAVENTO, op. cit., p. 8-9.

** Em castelhano vacaria quer dizer baqueira. Nome dado a grandes extensões de campos, onde missionários jesuítas das reduções colocavam seus rebanhos para se criarem soltos, alçados, formando reservas para suas estâncias. A introdução do gado pelos Jesuítas, em 1629, da margem direita para a margem esquerda do rio Uruguai, foi o ponto inicial de um rebanho imenso que se propagaria aos terrenos baixos do rio Uruguai que seria conhecido como *Vacaria del Mar*. Os Jesuítas, com a chegada dos bandeirantes, retiraram-se para a outra margem do rio Uruguai, levando os nativos, mas deixando o gado que criavam nas reduções.

⁷ PESAVENTO, op. cit., p. 11.

⁸ RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 414-415.

Juntamente com a intensa movimentação da pecuária, aparecem alguns viajantes, fazendo reconhecimento do território, estudando a região e relatando cada área visitada, o que resultou nos primeiros registros oficiais. Surge no fim do século XVIII o primeiro registro do termo gaúcho, um dos primeiros relatos, senão o primeiro, encontrado nos registros de José de Saldanha*, de 1787, onde ele relata todos os lugares por onde passava, como era e o que via. Em determinado dia, conta ter encontrado vestígios de coureadores e *gauches* do campo. Saldanha explica a palavra *gauches* em nota de rodapé de seu diário:

*Gauches, palavra Hespanhola uzada neste paiz para expressar aos Vagabundos ou ladroens do Campo, quais Vaqueiros, costumados a matar os Touros chimarroens a sacar-lhe os Couros, e a levalos occultam.te as Povoaçãoens, para a sua venda ou troca por outros gêneros.*⁹

Esta é a primeira prova documental em que aparece o nome *gauche*, referindo-se a gaúcho. Outros relatos de viajantes aparecem posteriormente, com a mesma conotação. Auguste Saint-Hilaire**, que viajou pela província do Rio Grande do Sul, em 1820, cita várias vezes em seus relatos os “garuchos” ou “gaúchos”, em diversas situações, que faz o tradutor Leonam de Azeredo Penna descrever em nota de rodapé: “Ao tempo da viagem de Saint-Hilaire, segundo o mesmo, eram denominados gaúchos ou garuchos os homens de maus costumes que perambulavam pelas fronteiras”.¹⁰

* **José de Saldanha**, nasceu em Lisboa, em 1758. Frequentou a Universidade de Coimbra, formado em Filosofia, Matemática e especializado em Geografia e Astronomia. No fim do curso de astronomia, embarcou na fragata São João Batista, realizando observações astronômicas e matemáticas, determinando várias coordenadas geográficas. A seguir, seguiu para o Rio de Janeiro. Graças ao seu conhecimento científico, foi designado como bacharel civil para integrar-se a Comissão demarcatória do Tratado de Santo Ildefonso, chegando ao Rio Grande do Sul em 1783. Em 1789 se dedicou a elaborar o Mapa Corográfico da Capitania de São Pedro, o que levou a empreender longas excursões pelo território rio-grandense na coleta de informações. Este foi o primeiro realizado no Rio Grande do Sul em que constaram dados geodésicos e medições de dezenas de sesmarias na fronteira e posteriormente acrescidos dados relativos a novas posses após a conquista das missões. Faleceu em Porto Alegre, no ano de 1808.

⁹ SALDANHA, José de. **Diário resumido**. Anais da Biblioteca Nacional, v. 51, p. 181.

** **Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire**, botânico francês, foi um dos primeiros cientistas vindos da Europa a fim de percorrer o território do Brasil. Durante seis anos, de 1816 a 1822, visitou as províncias do centro-sul do Brasil. Destacou-se por compor uma série de observações e recolhendo um acervo botânico, tendo como intuito oficial enviar pesquisas e coleções ao Museu de História Natural de Paris. Seus cadernos de viagem foram mais tarde publicados, entre eles, temos Viagem ao Rio Grande do Sul, onde apresenta um retrato da paisagem e dos costumes do Brasil da época.

¹⁰ SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)**. Tradução: Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999, p. 116.

Saint-Hilaire, em seus relatos, trata os gaúchos como “homens que realmente perambulavam, que quando apareciam eram obrigados a serem expulsos”.¹¹ Em outro momento, faz um comentário sobre um alferes, que julga não ter informado corretamente na ocasião em que pedira informação sobre o melhor caminho, comparando com o gaúcho, quando diz que este deve pertencer aos habitantes da região que tem costumes semelhantes aos dos gaúchos. O viajante quando fala do gaúcho, realmente tende a direcionar seus relatos para o indivíduo de má índole. No romance *O corsário*, de José Antonio do Vale Caldre e Fião, escrito em 1849, o gaúcho ainda é colocado como o elemento marginal do campo.¹²

Em 1850, um oficial da marinha norte-americana, Thomas Jéferson Page, que dirigiu uma expedição enviada para explorar o rio da Prata e seus tributários, escreveu um livro intitulado: *La Plata, The Argentine Confederation and Paraguay*, onde cita por diversas vezes o gaúcho como um habitante natural do sul, experiente com cavalos e com o laço, um homem livre e independente. O próprio autor diz também, em sua estada, estar gostando da independência selvagem da vida gaúcha.¹³

Nos relatos do Conde d’Eu*, que também esteve no Rio Grande do Sul em 1865, há os chamados gaúchos, que aqui viviam e eram tratados como habitantes comuns do sul, porém não mais com tantos pontos negativos. Em seus escritos, o Conde refere-se ao gaúcho como o habitante da província do Rio Grande do Sul que tinha habilidades com o cavalo e alguns hábitos específicos. Refere-se ao “chimarrão” onde diz que para o gaúcho, a “cuia” e a “bombilha” são distrações indispensáveis. Ainda em seus relatos, o conde fala da riqueza dos arreios, sempre com adornos de prata, porém os cavalos são relativamente pequenos e pouco nutridos, por comerem apenas capim¹⁴. Segundo Conde d’Eu, “o gaúcho prefere

¹¹ SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 136.

¹² FIÃO, José Antonio do Vale. **O corsário**: romance rio-grandense. Coleção Rio Grandense, v. 37. Porto Alegre: MTG, 1979.

¹³ PAGE, Thomas Jefferson. **La Plata, The Argentine Confederation and Paraguay**. London: Trubiner & CO., 1859.

* **Dom Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orléans e Saxe-coburgo-Gota, o Conde d’Eu**, tornou-se príncipe imperial consorte do Brasil por seu casamento com D. Isabel Cristina Leopoldina de Bragança. Em 1865, estava em viagem de núpcias, quando por ocasião da Guerra do Paraguai, tropas paraguayas invadem a Argentina e logo depois, a Província do Rio Grande do Sul. Após a partida do imperador para a região invadida, Conde d’Eu, recém chegado da Europa, também segue para o sul e em sua viagem faz anotações do seu dia a dia, que posteriormente foram publicadas com o título de *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*.

¹⁴ ¹⁴ EU, Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orléans, Conde d’. **Viagem militar ao Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: USP, 1981.

enriquecer seus arreios a comprar grãos para sustentar um cavalo, cujas pernas possam aquecê-lo e transportá-lo com segurança”.¹⁵

Para Conde d’Eu, o gaúcho é um habitante comum da província, com hábitos específicos, porém um habitante pacificado, pois ainda comenta que em algum momento este gaúcho ajudou-lhe a tocar os seus animais, e ainda faz comparações de sua vestimenta com as do próprio gaúcho, o que faz concluir que, segundo o Conde d’Eu, em 1865, era considerado gaúcho o habitante do sul:

Por escolta tínhamos apenas um soldado retardatário do imperador. Alguns gaúchos da localidade iam tocando para diante os nossos animais de muda. O conjunto formava uma caravana singular. Quanto a mim, achando o caso interessante, tinha trocado o meu selim e as minhas rédeas inglesas pelos arreios rio-grandenses de um dos tenentes coronéis, tinha calçado esporas chilenas e, com as botas altas e o poncho, ia o mais gaúcho que era possível, pois que a única insígnia militar em mim visível, além da bainha do sabre, era o tope verde e dourado do chapéu de feltro.¹⁶

Os relatos dos viajantes apresentam uma alteração do conceito de gaúcho com o passar do tempo, o que nos faz concluir que foram atribuídos diversos significados a este indivíduo ao longo do tempo, e por isso se faz necessária uma análise mais densa desses relatos.

Alguns historiadores e pesquisadores, principalmente dos séculos XX e XXI, tiram conclusões baseadas em poucas e breves citações, e, para cobrir algumas lacunas, optam por floreios e suposições, chegando à conclusão por meio de argumentos indutivos. É necessário que estes ricos relatos sejam analisados em um todo e principalmente o contexto da pessoa que está relatando e o do relatado.

Ao efetuar a análise da primeira citação, na qual Saldanha em seus relatos, apresenta os *gauches* como “vagabundos e ladrões do campo” acostumados a matar o gado para vender o couro, é necessário avaliar o contexto em que esse *gauche* estava inserido, visto que eram homens livres, sem domicílio e cavaleiros que perambulavam pelas fronteiras, muito eficientes na lida com o gado. As origens étnicas e sociais deste indivíduo são complexas, porém este é o homem nativo desta região e, por assim ser, é produto do seu meio. Vivendo em um ambiente onde o gado é criado por si só, livre e sem dono, qualquer indivíduo que vive do seu meio vai se beneficiar dele. Com a chegada do europeu, e diante de um sistema

¹⁵ EU, op. cit., p. 43.

¹⁶ EU, op. cit., p. 43.

capitalista, este nativo é colocado em posição oposta, visto como um concorrente na extração do couro.

Logo, antes de analisar as palavras de Saldanha que caracterizam o *gaúche*, é necessário analisar a pessoa que o descreve. Esta é a visão de um europeu, que freqüentou uma universidade, especialista em geografia, contudo com uma experiência apenas teórica, que logo ao final do seu curso embarca para a sua experiência prática, encontrando no Novo Mundo outra realidade. Será que também não seria o caso de considerarmos os portugueses como ladrões, exploradores destes gados em grande escala em território espanhol, ou também os espanhóis em território português, também como *gaúches*? Ou ainda os ingleses, que foram atraídos pelo negócio da courama e que também vieram explorar a região? Afinal quem era mais ladrão? O nativo da terra ou os europeus “civilizados”? Segundo Pedro Fonseca, o gaúcho não vem a ser um marginal:

O conceito de marginal não se aplica ao gaúcho. O gaúcho vivia integrado no seu meio e no seu ambiente e não à margem dele. O gaúcho é um produto da cultura-ambiente. É uma consequência de um estado econômico e ecológico, provocado pela presença do gado antes do aparecimento do homem. O gaúcho, portanto, não foi um marginal. Pelo contrário [...] ele é um homem integrado no seu meio ambiente.¹⁷

Assim também Luiz Antônio de Assis Brasil, ao prefaciar a obra “Viagem ao Rio Grande do Sul”, de Baguet, um viajante belga do século XIX, sob o título de “O olhar do outro sobre nós”, relata que:

Uma província de subsistência difícil e tensa, povoada por homens que Baguet classificaria de “rudes”, mas profundamente integrados ao seu cenário, e que nos chegam como expressões de uma parcela, pequena por certo, mas nem pior nem melhor do que as outras que constituem a Humanidade.¹⁸

Assis Brasil afirma que Baguet classificaria como homens rudes, porém integrados ao seu cenário, ou seja, o habitante estava de acordo com o meio em que vivia, e ainda lamenta por não ter atingido o estágio da civilização do Velho Mundo. Em sua obra, o próprio Baguet, descreve sua viagem, do Rio de Janeiro local onde morou por cinco anos, em direção ao sul em 1845. No primeiro capítulo o

¹⁷ FONSECA, Pedro A. V. da. **Formação do gaúcho**. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982, p. 19.

¹⁸ BAGUET, Alexandre. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Florianópolis/Santa Cruz do Sul: PAROLA/EDUNISC, 1997, p. XIV.

autor diz que em sua partida para o sul, pensou que talvez nunca mais iria rever seus amigos, pois descreviam os campos do Rio Grande erroneamente, como refúgio de bandidos dos quais raramente se escapa.¹⁹

Relatos posteriores apresentam os gaúchos como simples habitantes naturais do Rio Grande do Sul, segundo Conde d'Eu, em 1865, quando diz que alguns gaúchos ajudavam a tocar seus animais, diz ainda que ele próprio estava parecido, em suas vestimentas, com o gaúcho, por estar usando esporas, botas e poncho, como também partes da encilha de seu cavalo. Page chegou a dizer que estava gostando da independência selvagem da vida gaúcha, e que o gaúcho é um cavaleiro que, é mais hábil com o laço do que com a arma.²⁰

Outros viajantes, como Joseph Hörmeyer, que esteve no Rio Grande do Sul em 1850, descrevem que a população da província consta de gente de todas as cores e que o rio-grandense é de um caráter extremamente bondoso e cavalheiresco, bem como cortesia e hospitalidade estariam entrelaçadas indissolúvelmente. Hörmeyer não menciona a palavra gaúcho, mas sim campeiro:

O morador do campo, chamado campeiro, é menos culto, mais natural; mas também de estatura mais forte e bonita, e ainda mais cortês do que o cidadão. Há entre eles figuras de forma e força hercúleas, contribuindo para isso, em grau muito alto, a alimentação e o modo de vida rude.²¹

Em seguida, relata as mesmas características que outros viajantes atribuem aos gaúchos, como aquele que tem habilidades com o laço e com a vida pastoril:

Criado no meio de seus rebanhos e vivendo quase que exclusivamente da carne deles, o campeiro é um cavaleiro audaz, seguro e hábil, que sabe manejar de forma excelente a espada e a lança, sendo sua arma mais terrível e companheiro inseparável o laço.²²

Após 1824, chegam os primeiros imigrantes alemães e encontram-se nos relatos dos viajantes os chamados teuto-brasileiros, já habitantes da província do Rio Grande do Sul. Nos relatos podemos perceber que cada indivíduo passa a ser

¹⁹ BAGUET, op. cit., p. 23.

²⁰ PAGE, op. cit., p. 269-388-421.

²¹ HÖRMEYER, Joseph. **O Rio Grande do Sul de 1850: descrição da província do Rio Grande do Sul no Brasil meridional.** Porto Alegre: DC. Luzzatto Ed. EDUNI-SUL, 1986, p. 67.

²² HÖRMEYER, op. cit., p. 67.

produto do seu meio, Roberto Ave-Lallemant* descreve a vida de alguns alemães no Rio Grande do Sul:

Assim, desde crianças, aprendem os teuto-rio-grandenses a montar a cavalo e, como centauro, caracolam mesmo rapazolas através da planície [...]. Sentem-se livres, porque aprenderam a ser livres. Ainda meninos, os filhos montam a cavalo e percorrem destemidamente a planície. Sentem-se bem dispostos e livres e por isso são corajosos e mesmo altivos, quando os encontramos em caminho. E este elemento de uma grande determinação e energia desenvolve-se também nas moças, desde a sua tenra juventude. Montam sem esforço, elas próprias selam o cavalo [...].²³

Esses imigrantes passam a ter hábitos semelhantes aos do gaúcho. Devido à inserção ao novo meio, é necessário uma adaptação, inclusive da língua, principalmente os filhos já nascidos no Brasil que esqueceram sua língua diante da língua do novo país. Com o passar do tempo, cada habitante do Rio Grande do Sul, sejam eles imigrantes ou não, foram adaptando seus hábitos.²⁴

A ocupação rio-grandense através das estâncias inicia-se em meados do século XVIII por litoral e depressão central, alastrando-se para o oeste. A região da campanha e missões são ocupadas no início do século XIX após a definição das fronteiras.²⁵ Logo, os gaúchos tendem a ser contratados, convertendo-se em peões ocasionais ou permanentes das estâncias, por sua experiência com a lida no campo e de acordo com a necessidade de cada estância.²⁶ Transforma-se assim o gaúcho em reserva de mão de obra em que o estancieiro recruta os homens de que necessita.²⁷ Dreys descreve os trabalhadores das estâncias:

A estância é servida ordinariamente por um capataz, e por peões, debaixo da direção daquele; às vezes os peões são negros escravos, outras vezes e mais comumente são índios ou gaúchos assalariados; sua ocupação

* **Roberto Cristiano Bertoldo Avé-Lallement** nasceu em Lübeck, Alemanha, em 25 de julho de 1812. Faleceu nessa cidade, em 13 de outubro de 1884. Após estudos em Berlim e Paris, formou-se em Kiel, onde se doutorou em 1837. Veio para o Rio de Janeiro, tornando-se médico da Santa Casa de Misericórdia. Retornou à Alemanha em 1855. Dois anos depois retorna novamente ao Brasil, quando realizou várias viagens ao sul e ao norte do país. Ocupou-se com questões da imigração. Retornou a Lübeck em 1859.

²³ AVÉ-LALLEMANT, Roberto. **Viagem pelo sul do Brasil. Reise Durch Süd-Brasilien (Erster Theil)**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953, p. 4-108.

²⁴ HÖRMEYER, Op. cit., p. 73.

²⁵ LUCCAS, Luís Henrique Haas. Arquitetura das estâncias e fazendas do Rio Grande do Sul: distribuição interior e gênese. **ARQTEXTO - Revista do Departamento de Arquitetura e do Propar**, Porto Alegre, n. 3-4, p. 111, 2003.

²⁶ DUTRA, Cláudia Pereira. **A prenda no imaginário tradicionalista**. 2002. 126 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002, p. 26.

²⁷ RIBEIRO, op.cit., p. 423.

consiste em velar sobre os animais, contê-los nos limites da estância, reuni-los, guardá-los e apartá-los quando é mister²⁸.

Com o passar do tempo, o gaúcho é visto de diferentes formas e situações, embora sejam relatos de viajantes com objetivos, visões e realidades diferentes, é possível obter um quadro aproximado do real vivido na época e aproveitar o que é cabido para esta pesquisa. Diante dos relatos, desde a sua primeira aparição nos documentos de Saldanha, podemos chegar a algumas conclusões. Se o gaúcho já existia antes de 1787, de acordo com algumas obras do século XX, que o trazem, não há documentos comprobatórios consideráveis, apenas indicativos, como sendo “mozos perdidos, *cuatrerros*, *changadores*”²⁹, entre outros, seriam os gaúchos. O fato é que o primeiro documento a mencionar a palavra *gauches* e a defini-la, até o presente momento, é sem dúvida, os relatos de Saldanha, e a partir desta data outros viajantes também o apresentam. Não temos o interesse em pesquisar a origem da palavra, pois o que nos interessa é a proporção que ela tomou.

No entanto, a presente pesquisa tomará por base relatos após 1787, pelo fato de que a partir desta data é que se tem a primeira aparição comprovada do homem chamado *gauche*, posteriormente, gaúcho. Após analisar relatos do fim do século XVIII e XIX, podemos dizer que o gaúcho foi um tipo social, historicamente condicionado, porque o modo como o homem age está condicionado pela sociedade.³⁰ Assim, ele vem a ser um produto do seu meio, produto da sociedade³¹, em alguns momentos foi considerado ladrão, em outros um valente cavaleiro habilidoso com o laço, e por fim um peão de estância. Houve uma variação conforme o contexto histórico em que foi produzido, revelando diferenças significativas.

1.2 DO MITO AO GAÚCHO TRADICIONALISTA

O século XIX foi marcado por inúmeras obras sobre o gaúcho, iniciando um processo de resgate da sua figura, principalmente por meio da literatura, porém

²⁸ DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão EDIPUCRS, 1990, p. 94.

²⁹ CONI, Emílio. **Argentina, Brasil e Uruguai**. Buenos Aires: Solar/Hachette, 1969, p. 66-70.

³⁰ DURKHEIM, Émili. **As regras do método sociológico**. Tradução: Paulo Neves; Revisão da tradução: Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 18.

³¹ ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. Tradução: Sérgio Bath. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p 464.

trazendo um gaúcho idealizado. O gaúcho deixa o domínio da história para penetrar no domínio do folclore, no domínio da lenda heróica. Como já dissemos, a figura do gaúcho passou por algumas transformações, em diferentes contextos, e momentos históricos, até os dias atuais, processo no qual onde passa a adquirir a imagem de herói. Neste processo de recriação, o gaúcho torna-se um mito, e sofre uma série de transformações intencionais nos dois últimos séculos, como homem forte e virtuoso, possuidor de inúmeros conceitos e valores simbólicos, devido suas habilidades nas atividades campeiras, sua participação nas guerras e nas demarcações das fronteiras.

O mito não é uma mentira, nem uma falsidade, é a interpretação de uma realidade. Refere-se a uma existência histórica, pois ninguém consegue falar ou escrever sobre uma coisa que não existiu.³²

O gaúcho foi o escolhido para servir de modelo histórico individual em torno do qual os sul-rio-grandenses passariam a construir a sua identidade. É por meio da literatura regional que inicia o processo de mitificação e exaltação do gaúcho criando um modelo a ser seguido através do mito.

O habitante do sul precisa fortalecer sua identidade após a tentativa frustrada de ser independente do restante do país com a Revolução Farroupilha e surge a necessidade de criar um herói. O mito do gaúcho nasce associado aos ideais da revolução, que quer se sentir diferente dos demais por sua luta pela independência e usando-se das batalhas vencidas durante a revolução, cria este mito, pois a necessidade de criar símbolos heróicos surge quando o ego necessita fortificar-se³³. O mito vem forjar algumas situações em favor de outras, ou seja, é o mito se apoiando na memória histórica.

A fim de fortalecer a identidade escolhida e o regionalismo, um grupo de jovens letrados, criam em 1868, na cidade de Porto Alegre, o *Partenon Literário*. Uma entidade decisiva para o regionalismo gauchesco³⁴, que tinha como objetivo, difundir uma atividade intelectual, e para tal, buscam a exaltação da temática regional gaúcha através de contos, romances, bibliotecas, cursos, peças teatrais e

³² FLORES, Moacyr. **Gaúcho: História e Mito**. Porto Alegre: EST Edições, 2007. p. 7.

³³ JUNG, Carl G. (org). **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964, p. 123.

³⁴ FAGUNDES, Antonio Augusto. **Curso de tradicionalismo gaúcho**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994, p. 15.

diversas obras literárias, procurando sempre exaltar o regionalismo, o que mais tarde serviria para desenvolver o gauchismo.

Em 1870, no romance *O Gaúcho*, de José de Alencar, o gaúcho começa a ser retratado como guerreiro, que luta por justiça, vencedor e companheiro fiel do cavalo, servindo como modelo para a figura do gaúcho idealizado e mitificado. Também *El gaúcho Martin Fierro*, do argentino José Hernández, enaltece a figura do gaúcho.³⁵ Mas é com a obra *Os Farrapos*, de Luis Alves de Oliveira Belo, de 1877, quando o gaúcho entra para a literatura, onde o monarca das coxilhas passa a ser chamado de gaúcho - o centauro dos pampas, o herói revolucionário bom, franco, honesto e corajoso³⁶, além de outras obras de romancistas não menos importantes.

No final do século XIX, surge a primeira agremiação de gaúchos no Rio Grande do Sul, o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, entidade voltada às tradições, através da promoção de festas, desfiles de cavalarianos, palestras, enfim. Fundada em 1898, por João Cezimbra Jacques³⁷, o objetivo desta agremiação será o ponto de partida para as próximas entidades de cunho tradicionalista que surgirão posteriormente:

Organizar o quadro das comemorações dos acontecimentos grandiosos de nossa terra. [...] Pensamos que esta patriótica agremiação não é destinada a manter na sociedade moderna usos e costumes que estão abolidos pela nossa evolução natural e que a época em a qual vivemos não comporta mais, e nem é tampouco ela uma associação, tendo por fim trazer para objeto de suas práticas jogos e elementos recreativos do tempo corrente e importados do estrangeiro. Nem uma coisa nem outra. Mas é ela, sim, uma associação destinada a manter o cunho de nosso glorioso estado e conseqüentemente as nossas grandiosas tradições integralmente por meio de comemorações regulares dos acontecimentos que tornaram o sul-rio-grandense um povo célebre diante, não só de nossa nacionalidade, como do estrangeiro: por meio de solenidades ou festas que não excluem os usos e costumes, os jogos ou diversões do tempo presente; porém, figurando nelas, tanto quanto possível, os bons usos e costumes, os jogos e diversões do passado; por meio de solenidades que não só relembram e elogiem o acontecimento notável a comemorar, pelo verbo ou pelo discurso, como por meio de representações de atos, tais como canções populares, danças, exercícios e mais práticas dignas, em que os executadores se apresentem com o traje e utensílios portáteis, tais como os de usos gauchescos.³⁸

³⁵ FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre o ontem e o amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Itajaí: UNIVALI, 2000, p. 211.

³⁶ FLORES, op. cit., p. 8.

³⁷ OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil - Nação**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 100.

³⁸ JACQUES, João Cezimbra. **Assuntos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997, p. 56-58.

Nos objetivos do “grêmio”, há uma preocupação em cultivar elementos que venham enaltecer o povo rio-grandense, em destacar positivamente no cenário nacional e até no estrangeiro, através de datas comemorativas, os usos e costumes do passado, porém, não exclui os usos e costumes do presente, ou seja, procura manter as tradições, mesmo que inventadas³⁹, e por fim organizam solenidades que, não só relembrem e elogiem o acontecimento pelo verbo e pelo discurso, como também através de práticas.

No momento em que a associação fala em lembrar e elogiar acontecimentos através de solenidades, fica claro que há uma intenção de buscar um passado idealizado como forma de identidade, sempre selecionando o que há de melhor neste passado, o qual podemos chamar de atemporal, com espaço de tempo variável. Ao escrever ou ler, seja história ou literatura, há uma tentativa de penetrar neste mundo, buscando-se um “efeito de real”, que através do imaginário, procura representar um outro contexto que se viabiliza segundo distintas hierarquias de verdade.⁴⁰

O Grêmio Gaúcho de Porto Alegre é considerado pelos pesquisadores tradicionalistas como a primeira entidade tradicionalista no Rio Grande do Sul, sendo considerado o seu fundador João Cezimbra Jacques, o “Patrono do Tradicionalismo”.⁴¹ A partir daí, inicia uma ampla marcha para o culto à uma “tradição inventada”, pois as entidades com as suas práticas almejam implantar nas mentes “certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado”.⁴²

Posterior à fundação desta primeira entidade, surgem outras com objetivos semelhantes, em 1899 é fundada a União Gaúcha de Pelotas, tendo como líder o escritor regionalista Simões Lopes Neto, e o Centro Gaúcho de Bagé. O Grêmio Gaúcho de Santa Maria é fundado em 1901, inspirado na entidade de mesmo nome existente em Porto Alegre. Cria-se ainda a Sociedade Gaúcha Lomba-grandense, fundada na área de colonização alemã, em 1938, e o Clube Farroupilha de Ijuí,

³⁹ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, p. 9.

⁴⁰ PESAVENTO, Sandra J. Fronteiras da ficção: diálogos da história com literatura. **Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História**, Florianópolis VIII Julho de 1999, p. 821.

⁴¹ FAGUNDES, op. cit., p. 17.

⁴² HOBBSAWM, RANGER, op. cit., p. 9.

fundado em área de colonização alemã e italiana, em 1943⁴³, que abordaremos em seguida. Essas entidades são consideradas como antecedentes históricos do “Tradicionalismo”, todas com objetivos semelhantes ao Grêmio Gaúcho de Porto Alegre.⁴⁴

Neste processo de inovação cultural bastante eficiente, para o gaúcho vieram a sobrar somente atribuições virtuosas. Simões Lopes Neto, considerado um dos maiores escritores regionalistas do Rio Grande do Sul, publica apenas quatro livros em sua vida, porém de grandes proporções. São eles: *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos Gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913) e *Casos do Romualdo* (1914). Após sua morte, em 1916, suas obras tiveram diversas reedições e despertaram a curiosidade e a admiração da crítica.

Em 1916, Olavo Bilac faz comentário, em uma conferência, sobre a lenda “Negrinho do Pastoreio”, atestando o prestígio que Simões havia alcançado, e, em 1918, seu nome aparece citado na bibliografia de “Conto Brasileiro”, editada pela Biblioteca Nacional. Além de edições em jornais e revistas, a editora Globo lança, em 1926, *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, o que fez as manifestações e o reconhecimento ao trabalho de Simões aumentarem.⁴⁵ Era o gaúcho idealizado sendo conhecido por todo o Brasil.

Analisando a obra *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, publicada em 1978, que é composta por 19 contos, podemos visualizar a imagem de um gaúcho que procura demonstrar honestidade, solidariedade e fidelidade logo no primeiro conto titulado “Trezentas Onças”, onde todos os personagens compartilham da mesma nobreza de sentimentos e as mesmas características, indicando serem donos de uma identidade que os iguala entre si e ao mesmo tempo distinguindo-se dos demais. No segundo conto, *O negro Bonifácio*, percebe-se um desequilíbrio com a introdução de um outro elemento que abala a harmonia da sociedade gaúcha, o negro Bonifácio, onde é preciso que o gaúcho arremesse suas boleadeiras* para salvar a sociedade. Novamente se constrói a imagem do gaúcho ordeiro, valente, enquanto o negro é visto como o desordeiro. Os contos seguem construindo um

⁴³ OLIVEN, op. cit., p. 103.

⁴⁴ SAVARIS, Manoelito Carlos. **Rio Grande do Sul: história e identidade**. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha – MTG, 2008, p. 177.

⁴⁵ ANTUNES, Cláudia R. D. **A poética do conto de Simões Lopes: o exemplo de O negro Bonifácio**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 185-186.

* **Boleadeiras** – instrumento de que se servem os campeiros para prender os animais e também para, nas guerras, abater os inimigos. Consta de três pedras redondas retovadas com couro e ligadas entre si por cordas trançadas ou torcidas que têm o nome de sogas.

gaúcho corajoso, com aptidões inigualáveis para as lides campeiras, de forma estereotipada e os sentidos fixados de maneira a admitirmos que faz parte da natureza do gaúcho o gosto e as habilidades com os elementos campesinos.

Em 1857, o professor Antônio Alvares Pereira Coruja*, primeiro gramático do Brasil, nascido em Porto Alegre em 1806, junto com outros vinte e quatro rio-grandenses, imigrados na Corte⁴⁶, fundam no Rio de Janeiro, a Sociedade Rio-Grandense Beneficente e Humanitária, que visava reunir os gaúchos "de posse" residentes na Capital do Império para ajudar os gaúchos "necessitados" no Rio de Janeiro, inclusive proporcionando os seus retornos à terra natal. Visava ainda, nesse convívio de ricos e pobres gaúchos, à exaltação do amor ao Rio Grande do Sul, pela sua gente, pela sua história e pela sua tradição. Com o passar dos anos, a sociedade sofreu algumas reformas em seu estatuto:

Na sua evolução política, econômica, social e beneficente a Sociedade passou por importantes modificações na sua estrutura.

1 - A reforma estatutária de 12/02/1910 muda o nome para Sociedade Rio-Grandense e incorpora as atividades recreativas, culturais e educacionais.

2 - A reforma de 10/09/1926 muda o nome para Sociedade Sul Rio-Grandense e inclui entre as suas atividades o cultivo dos hábitos e costumes do Rio Grande do Sul.

3 - A de 27/10/1941 mantém a beneficência somente para os sócios e seus dependentes, e obriga a comemoração do 20 de setembro.

4 - A de 14/08/1975 a beneficência volta a ser prestada a todos os gaúchos necessitados, porém dentro de dotação orçamentária da Sociedade e são criados os Departamentos de Sede Campestre, Cívico Cultural e Esportivo.⁴⁷

* O Comendador **Antônio Álvares Pereira Coruja**, nasceu em Porto Alegre, no dia 30 de agosto de 1806 e faleceu no Rio de Janeiro, a 4 de agosto de 1889. Foi um dos grandes estudiosos iniciais dos usos e costumes do povo gaúcho e de seu linguajar. Professor de português, formado em Letras, mestre em Latim, Filosofia, tornou-se o primeiro Gramático do Brasil. Em 1835 publicara em Porto Alegre, o *Compêndio de Gramática da Língua Nacional*. Revolucionário farroupilha, foi preso em 1836 e enviado para o Rio de Janeiro, de onde não mais se afastou. Exerceu, depois de 1845, novamente o professorado na Capital do País, cercado sempre pelos gaúchos que visitavam a cidade. É de sua autoria, entre outras obras: *Compêndio da Orthografia da Língua Nacional*, publicada em 1848, e que serviu de base gramatical nas escolas públicas do Império. Em 1838, na Corte, publicou o *Manual do Estudante de Latim, Lições de História do Brasil*; Em 1850, publicou *Aritmética para Meninos*; em 1852, publicou o *Manual de Ortografia da Língua Nacional*; seu interessante por vocabulário foi responsável por organizar a "*Coleção de Vocábulos e Frases*" que foi publicado inicialmente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1852, e em 1855, com sete edições posteriores. Publicou alguns livros didáticos e uma série de estudos na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Recebeu do Imperador Dom Pedro II a comenda da "Ordem das Rosas". Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Professor dedicado ao ensino da juventude por mais de 30 anos, primeiro em Porto Alegre e depois de banido, no Rio de Janeiro.

⁴⁶ FAGUNDES, op. cit., p. 15.

⁴⁷ SOCIEDADE SUL RIO - GRANDENSE. **História**. Disponível em: <<http://www.sociedadesulriograndense.org.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2010.

É possível perceber que, à medida que o gaúcho vem sendo idealizado no Rio Grande do Sul, principalmente no século XIX, com a formação das entidades “ditas” tradicionalista, a Sociedade sul-rio-grandense n Rio de Janeiro, também realiza reformas estatutárias modificando os objetivos da sociedade de acordo com os objetivos das agremiações criadas no Rio Grande do Sul, a fim de fazer a manutenção do gauchismo e preservar um passado idealizado. A sociedade gaúcha, fora do Rio Grande do Sul, foi de fundamental importância para a propagação das idéias do gauchismo, pois a mesma era freqüentada por ilustres personalidades*, tanto políticas quanto letradas, entre outras.

O século XX ficou marcado pela forte cultura regional homogênea que se construiu, onde todos os habitantes do Rio Grande do Sul são iguais, todos são herdeiros de tradições gloriosas e correspondem à figura idealizada do gaúcho.⁴⁸ Em pleno Estado Novo surgem as sociedades gaúchas, e em 1938, é fundada, na localidade de colonização alemã de Lomba Grande, a Sociedade Gaúcha Lomba-grandense.

Nos idos do dia 31 de Janeiro de 1938, um grupo de 22 amigos, todos de origem alemã, reunidos no Salão Allgayer, no distrito de Lomba Grande, na época pertencente ao município de São Leopoldo, fundaram uma entidade com o objetivo de cultuar as tradições do Rio Grande cujas finalidades contidas na ata de fundação, eram: fazer exercícios a cavalo; simbolizar o gaúcho primitivo; elevar o sentimento de camaradagem e a distração de seus sócios. Seu primeiro Presidente (o que hoje chamamos de Patrão) foi o Sr. Otto Jose Dautd, sendo que no quadro da diretoria, existia o título de “Alferes da Bandeira”, encarregado de carregar a bandeira da Sociedade a cavalo juntamente com seus dois sentinelas. Seu primeiro Alferes da Bandeira foi o Sr. Leopoldo Moehlecke.

No exercício esportivo a cavalo, realiza-se a modalidade de lança ao couro, onde um cavaleiro com uma lança em punho, a galope e devidamente pilchado ia na direção de um alvo de couro, com vários furos numerados para indicar a pontuação alcançada. O campeão no somatório de três tentativas, recebia uma faixa de couro (talabarte), com uma plaqueta contendo a inscrição “Rei”, o seu nome e a data do evento.⁴⁹

* Os nomes a seguir já foram sócios ou foram agraciados com títulos de benemérito (nomes seguidos do registro de matrícula). Pinheiro Machado 9, Lineu Paula Machado 0857, Borges de Medeiros 0070, Heitor Villa-Lobos 0926, Rocha Faria 0071, Amaury Kruehl 0935, Silveira Martins 0088, Artur Costa e Silva 0938, Paulo de Frontin 0130, Olegário Mariano 0951, Djalma Ulrich 0189, Goes Monteiro 1029, Getúlio Vargas 0271, Edson Passos 1030, Lindolfo Collor 0299, João Carlos Machado 1032, Flores da Cunha 0392, Erico Veríssimo 1125, Oswaldo Aranha 0438, Pedro Calmon 1325, Cyro Aranha 0463, Emilio G. Médici 1326, Mario Kroeff 0491, Mario Quintana 1437, Rivadavia C. Meyer 0513, Paulo Cesar Carpegiani 1863, João Batista Luzardo 0276, Euclides Figueiredo 0450, João Goulart 1160, Leonel Brizola 1165, Ernesto Geisel 1320.

⁴⁸ PESAVENTO, Sandra J. Gaúcho: mito e história. Porto Alegre, Letras de Hoje, v. 24, n. 3.1989, p. 18.

⁴⁹ FAGUNDES, op. cit., p. 18.

Essa sociedade tinha um diferencial diante das demais, porque surge em uma região de forte colonização alemã, onde as tensões sócio-culturais se acentuam no momento em que inicia a campanha de “nacionalização”, em 1938, supervisionada pessoalmente por Cordeiro de Farias, em freqüentes viagens ao interior do estado. Os alemães constituíam a preocupação central do projeto de “nacionalização” no Rio Grande do Sul, e certamente, o imaginário a seu respeito forneceu a justificativa para a campanha que possuía uma ideologia e um discurso do “perigo alemão” difundida entre uma parte muito significativa da população rio-grandense (e brasileira), desde os anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial⁵⁰ e o momento atual não seria diferente. A propaganda *hitlerista* foi intensa e começou a atrair a simpatia de alguns descendentes alemães. Segundo o tradicionalista Antônio Augusto Fagundes, a criação da Sociedade Gaúcha Lomba Grande foi uma tentativa de defesa no contexto da Segunda Guerra Mundial:

Na quarta década do século XX, no bairro de Lomba Grande, em São Leopoldo, um grupo de moços de sobrenome alemão via com preocupação o sucesso da pregação nazista entre a população local e isso não era tanto de admirar quando altas figuras da República e até mesmo generais do Exército brasileiro diziam maravilhas do militarismo alemão na época, com fortes simpatias por suas conquistas militares. Era a doutrina nazista pregada pelos seus diplomatas em Porto Alegre o jus-sanguinis, o direito do sangue, sustentando que todo cidadão com sangue alemão nas veias eram alemães de fato e de direito. Com isso, a Alemanha chegou a levar para Berlim e integrar ao exército nazista jovens nascidos no Vale do Rio dos Sinos. Mas os moços teuto-gaúchos de Lomba Grande disseram não: nós somos brasileiros, nós somos gaúchos, nós não somos alemães. Com forte sotaque colonial e sem conhecer muito bem as tradições gaúchas, deram ao Rio Grande uma das mais lindas lições de gauchismo, fundando a Sociedade Gaúcha Lomba-grandense em 31 de janeiro de 1938, que existe até hoje, linda e forte e plenamente integrada ao tradicionalismo que o 35 CTG só irá iniciar dez anos mais tarde.⁵¹

As tensões e o medo dos imigrantes alemães diante da segunda grande guerra fortaleceram a propagação da idéia de que os habitantes do Rio Grande do Sul eram “gaúchos tradicionalistas” (mesmo que no imaginário) indiferente de sua ascendência, como também “na participação dos alemães na Revolução Farroupilha, alguns viam na cidadania efeitos de conveniência pessoal”⁵², já que o momento era de tensão, “a preocupação dos imigrantes era garantir a sua

⁵⁰ GERTZ, René E. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005, p. 145-155.

⁵¹ FAGUNDES, Antonio Augusto. Tradicionalismo. **Caderno de História**, n. 22, Memorial do Rio Grande do Sul, (sem data).

⁵² FLORES, op. cit., p. 67.

sobrevivência econômica, social, cultural e física diante do processo de nacionalização que as colocou em perigo”.⁵³ O objetivo dessas entidades era o culto à tradição gaúcha, à cultura do Rio Grande do Sul, e a um passado idealizado por eles, que iria de certa forma, proteger aqueles que o seguissem. Sendo assim, em 1943, em plena Segunda Guerra Mundial, na cidade de Ijuí, localidade de forte colonização alemã, onde havia as mesmas preocupações com o nazismo, o Capitão Laureano Medeiros funda o Clube Farroupilha, que para o tradicionalista Fagundes, “chamaria à razão a juventude da cidade”⁵⁴, e era voltado exclusivamente para o culto das “tradições gauchescas”.

O que acontece no período da nacionalização, a partir dos anos de 1930, e especialmente, durante a Segunda Guerra, quando se intensificou a perseguição aos imigrantes, principalmente alemães, foi a necessidade de renegociar a identidade étnica e as suas práticas socioculturais de forma imediata, em nome da construção de uma memória pública nacional, pois havia a necessidade de se adequarem às idéias e circunstâncias impostas pelo governo e pela opinião pública nacional.⁵⁵ Segundo René Gertz, com relação à política, no período pós-militar, parte da região colonial alemã abandona aos poucos sua hegemonia conservadora, as novas colônias receberam elementos humanos mais dinâmicos, que impulsionados por uma constituição pessoal mais dinâmica, buscaram soluções para seus problemas fora do seu antigo *habitat*⁵⁶, ou seja, principalmente os filhos desses imigrantes sentem necessidades de se adequarem à nova pátria e as instituições gaúchas, assim como a política, os incluiria no cenário nacional.

O regionalismo gaúcho intensificou-se de tal forma que o Estado Novo resolve acabar com a situação mandando queimar as bandeiras estaduais e proibindo quaisquer outros símbolos locais, exceto os federais. Eram iniciativas que também viriam desfazer a imagem do Rio Grande do Sul como unidade exótica dentro da federação brasileira.⁵⁷ Sendo assim, ainda segundo Gertz, para neutralizar esse tipo de preconceito, foram convidados (pelo governo estadual), em janeiro de

⁵³ NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no oeste de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2009, p. 20.

⁵⁴ FAGUNDES, op. cit.

⁵⁵ NODARI, op. Cit., p. 20.

⁵⁶ GERTZ, René E. Os cidadãos teuto-gaúchos, in FISCHER, Luís A; GERTZ, René E(orgs) **Nós os teuto-gaúchos**. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p. 180.

⁵⁷ GERTZ, René E. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005, p. 135.

1940, Gilberto Freyre e José Lins do Rego, dois intelectuais nordestinos, para uma visita ao Rio Grande do Sul, onde esperando que, na sua volta ao centro e ao norte do país, fossem apresentar um parecer favorável sobre o estado, levando uma outra imagem, uma vez que vieram a convite oficial, todavia o retorno foi assim visto:

Numa entrevista, no Rio de Janeiro, após a volta do Rio Grande do Sul, questionados sobre a realidade do “gaúcho”, Freyre e Lins do Rego contaram a seguinte história: por mais que tivessem procurado, durante sua estada no Sul, não haviam localizado nenhum “gaúcho”. Já conformados com o insucesso na busca, aconteceu que resolveram subir por um dos rios que levam ao interior do estado, até uma pequena cidade interiorana, e, quando estavam escalando o barranco em que haviam aportado, viram um gaúcho típico desamarrando o cavalo de um poste, pronto para partir; aceleraram o passo, e conseguiram chegar perto dele, quando já estava montado no seu jumento; ao se referirem à sua vestimenta e perguntaram de onde vinha, respondeu: “visto assim, moço, mas não sou gaúcho – eu sou paraibano”⁵⁸.

O fato é que, foram tentativas que não deram certo, e que além de tudo vieram a fortalecer a idéia da fantasia do gaúcho que existia no estado do Rio Grande do Sul. A fundação da revista *Província de São Pedro*, em 1945, mostrou que o tradicionalismo gaúcho estava bastante arraigado e que nesse campo o Estado Novo não conseguira realizar grandes modificações.⁵⁹

No processo de construir sentidos para o passado foram incorporando várias significações ao gaúcho até alcançar a denominação gentilícia. Passou por um processo de construção do sentido de identidade, evocando um componente heróico, decorrente do seu envolvimento em disputas e a luta pela sobrevivência em um passado mais remoto, mesmo que considerado de má índole inicialmente, resultando ao gaúcho uma aura mítica, consolidou a sua imagem em herói, valente, honesto, hospitaleiro entre outros atributos que o enaltecera.

Em 1940, surge no cenário nacional discográfico como o “gaúcho alegre do rádio” Pedro Raimundo, natural de Imaruí, Santa Catarina. Cantor, compositor e instrumentista, se projetou com programas gaúchos de rádio, e foi o primeiro a enfrentar o desafio de se apresentar de bota, bombacha, pala, chapéu de aba larga e com sua original “apianada”^{*}, em auditórios e palcos do Rio de Janeiro e São

⁵⁸ GERTZ, René E. Op. cit., p. 136.

⁵⁹ GERTZ, René E. Op. cit., p. 136.

* Gaita Piano, Sanfona.

Paulo⁶⁰, o catarinense representado como gaúcho é considerado o cantor que “vestiu” o gaúcho.⁶¹ Pedro Raimundo se lança como cantor gaúcho e torna-se sucesso nacional com sua indumentária peculiar.

No entanto, é em meados do século XX, após o Estado Novo, que o gaúcho vai tomar proporções ainda mais significativas e proliferar pelo Brasil e até pelo mundo, com a idéia de “Gaúcho Tradicionalista”, fundando os “Centros de Tradições Gaúchas”, que terão os mesmos objetivos das associações gaúchas criadas até então, porém de forma mais intensa.

1.3 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO TRADICIONALISMO GAÚCHO

Após o Estado Novo, em 1947, os chamados tradicionalistas fazem uma retomada do culto ao tradicionalismo gaúcho no Rio Grande do Sul. São narrativas feitas principalmente pelos próprios tradicionalistas que têm a função de retomar esse culto. Discursos que contam a história, como também relatos biográficos e narrativas que constroem uma “memória coletiva”, mas principalmente uma memória individual, a fim de exaltar aquele que narra a história do gauchismo, o qual tem a preocupação de fazer parte dela, permanecendo nesta “tradição”. Neste caso, o tradicionalista vai conservar informações que ele representa como passadas por meio da criação de entidades dedicadas a essas práticas. Exatamente como diz Le Goff:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.⁶²

Das inúmeras narrativas encontradas, desponta João Carlos Paixão Côrtes⁶³ como idealizador desta nova fase do tradicionalismo gaúcho. Conta Côrtes, no livro de sua autoria intitulado *Origem da Semana Farroupilha, Primórdios do Movimento*

⁶⁰ CÔRTEZ, Luiz Carlos Paixão. **Aspectos da música e fonografia gaúchas**. Porto Alegre, Editora Proletra, 1984, p. 87.

⁶¹ **Revista Globo Rural**. A imagem viva do gaúcho. Edição 275, Editora Globo, setembro, 2008.

⁶² LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 419.

⁶³ CÔRTEZ, João Carlos Paixão. **O Rio Grande do Sul canta e dança com Paixão Côrtes**. Notas curriculares. Caxias do Sul, Lorigraf, 2005, p. 188 a 190.

Tradicionalista, a notícia publicada pelo *Correio do Povo*, da ocasião em que ele, com mais alguns amigos, todos jovens, resolvem criar um departamento dentro do próprio colégio em que estudavam em Porto Alegre, destinado ao culto das tradições gaúchas. A notícia publicada conta que:

O Grêmio Estudantil Júlio de Castilhos, sentindo a necessidade da perpetuação das tradições gaúchas, fundou, aliando aos seus já numerosos departamentos o das "Tradições Gaúchas", procurando assim preservar esse legado dos nossos antepassados, constituído do amor à liberdade, grandeza de convicções, representadas pelo sentimento de igualdade e humanidade. [...] este departamento levou, representado por alunos com trajes característicos do verdadeiro gaúcho, montado em "pingos" aperados a capricho, até o Panteão Rio-Grandense, os restos mortais do inesquecível farrapo David Canabarro. No dia 7 de setembro, antes de ser extinto o fogo da Pátria, os cavaleiros deste Departamento transportaram até o velho casarão do colégio estadual Júlio de Castilhos, uma centelha do fogo que foi inflamar o "candieiro" armado no saguão do prédio. O fogo da Pátria ficará, desta maneira, presente no Júlio de Castilhos até o dia 20 de setembro, de onde será transportado também a "pata de cavalo" até o local onde se realizará um grande baile das Tradições Gaúchas, devendo ser extinto às 24 horas do dia mencionado. O período que vai de 7 a 20 de setembro foi denominado de "Ronda Gaúcha", dentro da qual serão realizadas conferências sobre os temas regionais folclóricos. [...] a diretoria do Grêmio Estudantil Júlio de Castilhos nomeou para direção deste Departamento, o décimo do Grêmio, o colega João Carlos Paixão Côrtes.⁶⁴

Num primeiro momento, esses jovens que vinham da área pastoril interiorana, queriam provar que tinham mais essência gaúcha, que o pessoal da cosmopolita metrópole, segundo Barbosa Lessa, que passou a integrar o grupo: "não nos animavam preocupações literárias, mas sim o empenho associativo".⁶⁵ A partir desta iniciativa, começa a formação de novas entidades, a primeira delas o "35" – Centro de Tradições Gaúchas, fundado em 24 de abril de 1948, pelos oito jovens que fundaram o Departamento das Tradições Gaúchas do colégio Júlio de Castilhos, e logo depois juntaram-se a eles, Luiz Carlos Barbosa Lessa, considerado o estudioso e teórico, e, Glaucus Saraiva, um poeta.⁶⁶ A nova entidade tinha por objetivo criar algo não só para festas e bailes, mas ser, segundo Cyro Dutra Ferreira, um dos jovens do grupo, "uma sociedade onde também se estudasse e se divulgasse, de

⁶⁴ CÔRTEZ, João Carlos Paixão. **Origem da semana farroupilha e primórdios do movimento tradicionalista**. Porto Alegre: Evangraf, 1994, p. 49-50.

⁶⁵ LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Nativismo**. Porto Alegre. L&PM Editores, 1985. p. 57.

⁶⁶ FAGUNDES, Antonio Augusto. **Curso de tradicionalismo gaúcho**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994, p. 41-42.

todas as formas ao nosso alcance, as tradições gaúchas”.⁶⁷ Logo após a fundação, foi criado o estatuto do 35 CTG:

O Centro terá por finalidade: a) zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas, canções, costumes, etc., e conseqüentemente divulgação pelos estados irmãos e países vizinhos; b) pugnar por uma sempre maior elevação moral e cultural do Rio grande do Sul; c) fomentar a criação de núcleos regionalistas no estado dando-lhes todo apoio possível. O centro não desenvolverá qualquer atividade político-partidária, racial ou religiosa.⁶⁸

Responsáveis pela preservação da tradição e divulgação, os CTGs possuem uma estrutura bem determinada. O 35 Centro de Tradições Gaúchas foi considerado por seus fundadores como sendo uma “Estância Simbólica”, simulando uma hierarquia, onde os cargos foram recebendo denominação pouco convencionais, são eles:

Presidente – Patrão, Vice Presidente – Capataz, 1º Secretário – Sota-Capataz, 2º Secretário – 1º Posteiro, 1º Tesoureiro – 2º Posteiro, 2º Tesoureiro – 3º Posteiro [...]. E como lhe assegurava os estatutos da “Estância” o “Patrão” [...] “reclutou” uma “Peonada” de sua confiança para as “Lidas”, recaíndo os “serviços” de diversas “invernadas” para os seguintes “Peões”: “invernada” da Divulgação – Ivo Sangunetti [...], “invernada” Campeira [...], “invernada” Cultural [...], invernada” Social [...], “invernada” dos Livros [...], “invernada” das Artes [...]. A diretoria ficou sendo conhecida por “patronagem” e o conselho Fiscal como “Conselho de Vaqueanos”. Nasceram também as figuras dos “Agregados” secretários das atas e da tesouraria (“das Pilchas”).⁶⁹

A tendência era de buscar cada vez mais símbolos no passado. A nomenclatura da diretoria representava a organização de uma estância, onde na maioria das vezes o gaúcho era o simples peão da estância.⁷⁰ Com as simbologias criadas pelo Centro de Tradições Gaúchas, o gaúcho idealizado poderia ocupar o cargo que desejasse dentro da entidade, mesmo que fosse somente no imaginário criado pelos tradicionalistas. “Charla” eram as reuniões, “Rodeios” eram as festas campeiras para aqueles que tinham habilidades campeiras. O “Peão Caseiro” era aquele que preparava o chimarrão, recebia os visitantes, era também quem passava

⁶⁷ FERREIRA, Cyro Dutra. **35 CTG: o pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG**. 4. ed. Porto Alegre: Edições Renascença, 2005, p. 46.

⁶⁸ LESSA, op. cit., p. 58.

⁶⁹ CÔRTEZ, **Origem da semana farroupilha e primórdios do movimento tradicionalista**. Op. cit., p. 45.

⁷⁰ DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990, p. 94.

com uma aspa de boi cobrando uma contribuição espontânea para as despesas semanais, já que não era cobrada mensalidade. A pessoa que desejasse fazer parte do CTG teria de mostrar aptidão a qualquer ramo do regionalismo, cultural, artístico, literário ou campeiro.⁷¹

Desta mesma forma, outras simbologias foram sendo criadas, como a indumentária, as danças “típicas gaúchas”, as músicas, entre outros, com a finalidade de estruturar a entidade a partir de metáforas, afirmando ser a preservação da história gaúcha, dos usos e costumes do gaúcho, sendo constantemente reatualizada pelas próprias entidades gaúchas que fazem a manutenção deste mito. Côrtes, o fundador do Departamento das Tradições Gaúchas do Colégio Júlio de Castilhos, conclui em seu livro:

E foi assim que surgiu, em plena capital do Rio Grande do Sul, um segmento com características inéditas na sociedade porto-alegrense, ligado muito intimamente a simbologia de vida e dos valores do nosso homem pastoril [...].⁷²

Segundo Sandra Pesavento:

Todo esse processo de criação de um mito, ou de um estereótipo sobre o Rio Grande e seu povo é extremamente significativo para que se possa apreciar o espaço de atuação de um grupo na sociedade, instrumentalizando ideologicamente uma noção de história para legitimar sua posição de predomínio e hegemonia na sociedade.⁷³

O orgulho diante de todo o processo de criação do mito incluiu o grupo num segmento com características inéditas diante de uma grande sociedade porto-alegrense, colocando-os em uma posição de apreciação nesta sociedade, e os símbolos baseados em uma história por eles buscada, que veio legitimar sua posição de predomínio.

O CTG começa a interagir com a sociedade porto-alegrense, principalmente por estarem no pós-guerra, quando a propaganda da cultura norte-americana chega à cidade, com as revistas em quadrinhos, o cinema, o *cowboy* e toda uma gama de heróis norte-americanos.⁷⁴ O Centro de Tradições Gaúchas transforma-se no melhor

⁷¹ CÔRTEZ, CÔRTEZ, **Origem da semana farroupilha e primórdios do movimento tradicionalista**. Op. cit., p. 147-148.

⁷² CÔRTEZ, **Origem da semana farroupilha e primórdios do movimento tradicionalista**. Op. cit., p. 148.

⁷³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Gaúcho: mito e história**. Porto Alegre, v. 24, n. 03, Letras de Hoje, 1989, p. 55.

⁷⁴ FAGUNDES, **Curso de tradicionalismo gaúcho**. Op. cit., p. 42.

ambiente, principalmente para os mais conservadores e regionalistas, pois lá está o nosso herói: o gaúcho.

Após a criação do 35 Centro de Tradições Gaúchas, outras entidades foram sendo fundadas com os mesmos objetivos e a mesma nomenclatura. Os CTGs começam a proliferar e, entre abril de 1948 e junho de 1954, foram criados 38 Centros de Tradições Gaúchas. Com inúmeros CTGs por todo o estado, vão surgindo algumas divergências quanto aos seus objetivos, seus discursos e suas práticas, ou seja, é necessário que seja discutido o caminho que eles iriam seguir, os parâmetros ideológicos. Na tentativa de organizar as entidades, organizou-se o I Congresso Tradicionalista, na cidade de Santa Maria, em 1954, que passou a ser anual. Barbosa Lessa, considerado o estudioso, no primeiro congresso, expõe as suas idéias que iriam nortear os princípios do Movimento Gaúcho. Segundo Manoelito Savaris*, Lessa apresenta em plenário a tese “O Sentido e o Valor do Tradicionalismo”, documento que é, até hoje, a base ideológica mais clara, simples e profunda do Movimento Tradicionalista. No sexto congresso, são criados o “Conselho Diretor” e as “Zonas Tradicionalistas”, para melhor organizar as entidades, dividindo-as em regiões.⁷⁵

Com a realização dos congressos seguintes, outras teses foram sendo apresentadas. No VIII Congresso Tradicionalista Gaúcho, em 1961, é aprovada a “Carta de Princípios”⁷⁶, de autoria de Glaucus Saraiva da Fonseca, para nortear um rumo a ser seguido, pois na época o que prevalecia eram as contradições, quando cada CTG procurava inclinar-se para seu lado, fazendo com que não existisse unanimidade.⁷⁷ Fonseca também é autor do *Manual do Tradicionalismo*, publicado em 1968, que orienta os Centros de Tradições Gaúchas.

Durante o XII Congresso Tradicionalista Gaúcho, em 1966, foi fundado o Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, que congrega a maior parte das entidades tradicionalistas do estado e “é o catalisador, disciplinador e orientador das atividades dos seus afiliados, no que diz respeito ao preconizado na Carta de

* **Manoelito Carlos Savaris** já foi presidente do MTG do Rio Grande do Sul e é o atual presidente do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore.

⁷⁵ SAVARIS, Manoelito Carlos. **Rio Grande do Sul: história e identidade**. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha – MTG, 2008, p. 188-190.

⁷⁶ LAMBERTY, Salvador Ferrando. **ABC do tradicionalismo gaúcho**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1989, p. 31 e 32.

⁷⁷ MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **MTG**. Site oficial do movimento. Disponível em: <www.mtg.org.br>. Acesso em: 10/01/2010

Princípios do Tradicionalismo Gaúcho”.⁷⁸ Todas essas entidades são disciplinadas pela Carta de Princípios do Tradicionalismo Gaúcho, e para uma melhor organização, da mesma forma que os CTGs se estruturaram em diretorias, o MTG também assim se organiza, e as chamadas “Zonas Tradicionalistas” passam a ser chamadas de “Regiões Tradicionalistas”, para uma melhor administração. Por iniciativa do MTG, cada entidade tem a Carta de Princípios exposta em sua sede, a fim de serem sempre lembrados pelos tradicionalistas as suas obrigações, os seus princípios, etc.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho tomou grandes proporções e, até 2000, eram mais de mil e quinhentos CTGs, só no Rio Grande do Sul*, definindo o tradicionalismo como, a arte de colocar em movimento as peças de uma tradição. Segundo eles, é basicamente um movimento e tradicionalismo gaúcho como um estado de consciência, que busca preservar as boas coisas do passado, sem conflitância com o progresso, por cultos e vivências.⁷⁹ As suas práticas vem crescendo a todo instante. Criam-se festivais de músicas, danças, poesias, rodeios, hinos, monumentos, comemorações cívicas, concursos de prendas**, entre outros, evocando sempre a vida campeira, a história por eles selecionada, assim como os símbolos desta identidade regional gaúcha.

Como resultados dessa preocupação de garantir o regionalismo, surgem os símbolos através da própria literatura, e com mais força, chegam as imagens visuais, como desenhos, pinturas e os monumentos que vão fazer o papel de estarem presente no imaginário dos indivíduos. Uma das imagens que ficará em evidência no Rio Grande do Sul e para todo o país é “O Laçador”⁸⁰.

A estátua “O Laçador” foi uma obra construída em 1954, em um concurso público realizado com o intuito de apresentar uma escultura que identificasse o homem rio-grandense, em uma exposição por ocasião comemorativa do IV Centenário de fundação da cidade de São Paulo, no Parque Ibirapuera. Entre outras, foi escolhida “O Laçador”, de Antônio Caringi, que primeiramente foi esculpida em gesso e posteriormente em bronze. A estátua, de 4,45 metros de

⁷⁸ OLIVEN, op. cit., p. 120.

* Dados divulgados pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul, no ano de 2000.

⁷⁹ LAMBERTY, op. cit., p. 22.

** Diante de diversas nomenclaturas metafóricas, a de nome “Prenda” foi a escolhida pelos tradicionalistas gaúchos para ser a mulher do gaúcho.

⁸⁰ CÔRTEZ, José Carlos Paixão. **O laçador: símbolo da terra gaúcha e sua nova morada**. Caxias do sul, 2008, p. 12.

altura e 3,8 toneladas, que teve como modelo o jovem Paixão Côrtes, fica exposta na cidade de Porto Alegre. Em 1991, foi escolhida símbolo da cidade, e, recentemente, em 2008, como símbolo do Estado do Rio Grande do Sul⁸¹. A estátua tem um grande poder de memorização do mito do gaúcho, vindo a fortalecer a ideia de que o habitante do Rio Grande do Sul é o homem do campo e, conseqüentemente, o gaúcho, pois a ideia de monumento histórico permite estabelecer essa relação visual com o passado.⁸²



Figura 1 – O Laçador: estátua símbolo do Rio Grande do Sul, obra de Antônio Caringi, 1954.⁸³
Fonte: CÔRTEZ, 2009.

As imagens, assim como as histórias, nos informam, porém só podemos ver as coisas para as quais já possuímos imagens identificáveis⁸⁴, logo, as imagens dos monumentos e outras que vem posteriormente, só nos permitem identificá-las porque a literatura já as havia criado.

⁸¹ Idem, **O laçador: um pealo na sua história**. Porto Alegre: Lorigraf, 2009, p. 1.

⁸² MENESES, Upiano T. B. de. Fontes visuais, cultura visual, história visual, balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 13, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2009.

⁸³ A estátua do Laçador que há 48 anos permaneceu no Largo do Bombeiro, na Av. dos Estados, bairro São João, zona norte da cidade de Porto Alegre, foi transferida para o Sítio O Laçador, no dia 11 de março de 2007, a estátua está em frente ao antigo terminal do Aeroporto Internacional Salgado Filho, na mesma avenida, mas a uma distância de 600 metros do seu antigo local.

⁸⁴ MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p. 21-27.

A figura 2, obra de Federico Reilly, pintura a óleo, que faz parte de uma seqüência de imagens de uma coleção, retrata o gaúcho ideal pretendido, com uma das indumentárias exigidas pelo regulamento pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, carregada de signos.

Antes de analisarmos a imagem, é necessário avaliar a pessoa que pintou e em que momento foi pintada. Federico Reilly é uruguaio e também adepto ao tradicionalismo, e sua obra é de 1989, ano em que o tradicionalismo estava em ampla expansão, não só no Rio Grande do Sul como em todo o Brasil, e quando se faz necessário fortalecer o imaginário dos tradicionalistas, bem como conquistar mais adeptos.

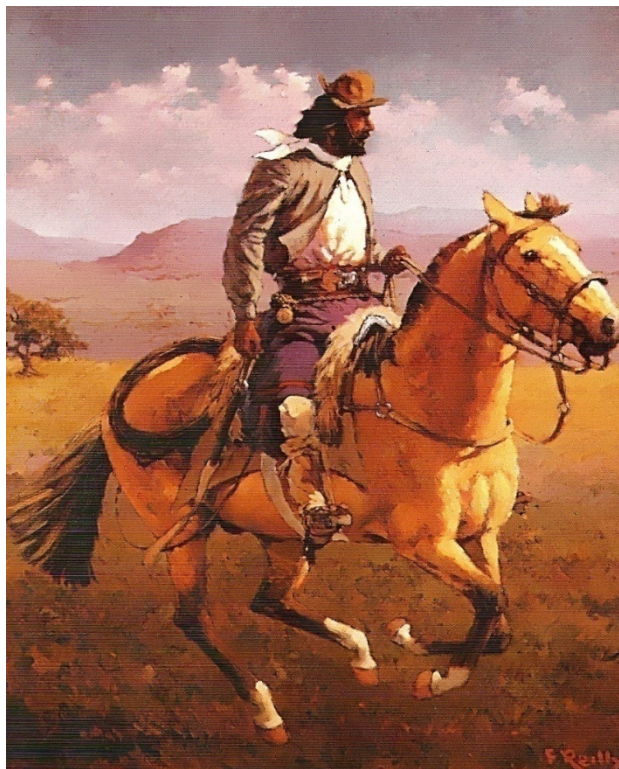


Figura 2 – Gaúcho: vestuário tradicional e costumes (ZATTERA, Véra Stedile, 1997). Obra: *Galopiando em las cuchilhas* (REILLY apud ZATTERA, 1989, capa).

A obra tem “indícios” de que foi baseada em relatos dos viajantes do século XIX, a fim de representar um passado. O tamanho do homem retratado assemelha-se àquele descrito por Page, como “muscular e atlético, quase um tom mais leve do que o índio, com longos cachos negros despenteados, o surgimento do gaúcho em

seu traje pitoresco é imponente”.⁸⁵ Também é descrito por Saint-Hilaire quando diz que, “Os homens de Entre-Rios, que vi em São Borja, são notáveis por sua grande estatura [...] o lenço, a que dão um nó muito solto, serve-lhes de gravata”.⁸⁶

Segundo César Guazzelli, a partir das revoluções os homens passam a utilizar algumas peças da indumentária como forma de representação, a fim de identificar o grupo na qual pertenciam:

Usavam lenços fazendo alusões às revoluções como a Farrroupilha onde “o uso do lenço colorado, foi a insígnia das tropas rebeldes [...] marca clássica dos farrapos, símbolo da luta contra o Império brasileiro, era o lenço vermelho, com pontas nas costas e o nó no peito. O mesmo lenço vermelho tornou-se símbolo dos rebeldes de 1893 e de 1923. É uma constante no imaginário político gaúcho.”⁸⁷

Também na Revolução Federalista, os gaúchos, segundo Oliven, “usavam lenços coloridos que identificavam a filiação partidária”⁸⁸. Reilly opta pelo lenço branco, que foi usado pelos republicanos⁸⁹. Alguns tradicionalistas optam por lenços brancos, usados pelos pacifistas e opositores aos federalistas⁹⁰. Ainda de acordo com a “simbologia das cores, o branco vai transmitir a paz, valores positivos”⁹¹, que o gaúcho tende a passar através desta obra.

As boleadeiras e o laço, presentes na imagem, são objetos indispensáveis no dia-a-dia do gaúcho. O soldado gaúcho é mais hábil com o laço do que com a arma⁹², afirma Hörmeyer, que chama o habitante do Rio Grande do Sul de campeiro, e diz ser um cavaleiro audaz, seguro e hábil, sendo sua arma mais terrível, o laço.⁹³ No seu trajar, usa calças, uma espécie de “chiripá”⁹⁴ como descreve Zattera, uma

⁸⁵ PAGE, Thomas Jefferson. *La Plata, The Argentine Confederation and Paraguay*. London: Trubiner & CO., 1859, p. 331.

⁸⁶ SAINT-HILAIRE, Auguste de. Op. cit., p. 134.

⁸⁷ GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Textos e lenços: representação de federalismo na república rio-grandense (1836-1845). *Almanack Brasiliense*. São Paulo: n. 01, p. 64 e 65, maio 2005. ISSN 1808-4139. Versão on-line USP - Portal das Revistas. [http://www.almanack.usp.br/PDFS/1/01_artigo_1.pdf], acesso em 09/01/2010.

⁸⁸ OLIVEN, op. cit., p. 74.

⁸⁹ FONSECA, Roberto. *Historia do Rio Grande do Sul para jovens*. Porto Alegre: AGE Editora, 2003, p. 179.

⁹⁰ PÁGINA DO GAÚCHO. *Nós de lenços*. Maior site sobre cultura gaúcha na Internet. Disponível em: <http://www.paginadogaúcho.com.br/indu/no.htm>. Acesso em: 22 dez. 2009.

⁹¹ GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação*. São Paulo: Anna Blume, 2000, p. 92.

⁹² PAGE, Thomas Jefferson. *La Plata, The Argentine Confederation and Paraguay*. London: Trubiner & CO., 1859., p. 52-388.

⁹³ HÖRMEYER, Joseph. *O Rio Grande do Sul de 1850: descrição da província do Rio Grande do Sul no Brasil meridional*. Porto Alegre: DC Luzzatto Ed. EDUNI-SUL, 1986, p. 67.

⁹⁴ ZATTERA, Véra Stedile. *Gaúcho: vestuário tradicional e costumes*. Porto Alegre: Editora Pallotti, 1997, p. 108-109.

vestimenta similar àquelas usadas na revolução Farroupilha⁹⁵, ou ainda uma indumentária que se assemelha às relacionadas aos tropeiros, nas obras de Debret.

96

O cavalo descrito na obra apresenta-se encorpado, semelhante aos cavalos crioulos existentes hoje no Rio Grande Sul, que acredita-se ser resultado do cruzamento das diversas raças, como aqueles introduzidos por Mendonza ao Rio da Prata, em 1535, e outros introduzidos por Alvar Nunes, em 1541, vindos de Santa Catarina, trazidos por inúmeros navegadores e comerciantes. Sendo assim, o cavalo que se tem hoje no Rio Grande do Sul é descendente de diversas raças que transitaram pelo estado, e, após ter sofrido uma seleção natural, por viver em situações diversas, enfrentando topografias diferentes e sujeito às variáveis climáticas por quatro séculos, resulta então, num cavalo com fortes características: “a rusticidade, a resistência, a docilidade e a funcionalidade”.⁹⁷ Com todas essas características positivas, o cavalo crioulo tornou-se o símbolo do estado do Rio Grande do Sul, com a Lei 11.826 de agosto de 2002, a “Lei do Cavalo Crioulo”:

Art. 1º - Fica incluído o Cavalo Crioulo como animal-símbolo do Estado do Rio Grande do Sul.

Art. 2º - São declarados como bens integrantes do patrimônio cultural do Estado, por constituírem patrimônio natural, portadores de referência à identidade, à ação e à memória da sociedade rio-grandense, os seguintes animais: [...]

II - o Cavalo Crioulo.*

Por todas essas características positivas, o cavalo da imagem analisada possui semelhanças com o cavalo crioulo, diferente daqueles relatados pelo Conde d’Eu, no século XIX, “os cavalos do Rio Grande do Sul, como não comem absolutamente senão capim, tem pouquíssima força”.⁹⁸ Entretanto, o autor da obra inclui características do passado, aquelas que lhe são convenientes, com as do presente, a fim de representar o gaúcho idealizado que o Movimento Tradicionalista Gaúcho vem propor.

⁹⁵ HYARUP, Luis Celso Gomes. **Indumentária sul-riograndense no decênio farroupilha**. Porto Alegre: IGTF, 2008, p.71.

⁹⁶ DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Vols. I, II, III. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1940.p. 246.

⁹⁷ TEIXEIRA, Ana Lúcia. **Cavalo crioulo: história de um símbolo**. Porto Alegre: Viver no Campo, 2007, 15-31.

* LEI DO CAVALO CRIOULO. Artigos 1º e 2º da presente lei, que além do cavalo crioulo, elege também, a ave “Belonopterus Cayennensis”, predominante nos campos gaúchos e popularmente conhecida como “Quero-Quero” como patrimônio natural e cultural do Rio Grande do Sul.

⁹⁸EU, op. cit., p. 36.

A imagem representa ainda o homem valente e corajoso, galopando na imensidão do campo, como que a olhar para o horizonte, sendo ele o homem guardião do imenso espaço em que vive e sem temer a ação do homem.

O que vemos na imagem é a “representação no sentido de presentificação do ausente”.⁹⁹ Mesmo que seja uma imagem fabricada, ela tende a ter semelhanças através da imitação, trazendo “indícios do passado no presente”¹⁰⁰, é nessa perspectiva que defendo uma construção do gaúcho tradicionalista no imaginário, porém baseado em indícios de que:

O ponto comum entre as significações da palavra imagem (imagens visuais/imagens mentais/imagens virtuais), parece ser, antes de mais nada o da analogia, material ou imaterial, visual ou não, natural ou fabricada, uma “imagem” é antes de mais nada algo que se assemelha a outra coisa. [...]. A primeira consequência dessa observação é constatar que esse denominador comum da analogia, ou da semelhança, coloca de imediato a imagem na categoria das representações. Se ela parece é porque ela não é a própria coisa: sua função é, portanto, evocar, querer dizer outra coisa que não ela própria, utilizando o processo de semelhança. Se a imagem é percebida como representação, isso quer dizer que a imagem é percebida como signo. [...] é possível observar uma distinção principal entre os diversos tipos de imagem: existem imagens fabricadas e imagens gravadas. [...] as imagens fabricadas imitam mais ou menos corretamente um modelo ou, como no caso das imagens científicas de síntese, propõe um modelo. Sua função principal é imitar com tanta perfeição que podem se tornar “virtuais” e provocar a ilusão da própria realidade sem serem reais.¹⁰¹

Como imagem e representação ela vai “parecer”, e não “ser”, mas com o objetivo de evocar o gaúcho através da semelhança, o gaúcho que está no imaginário tradicionalista e que foi idealizado através dos “indícios” selecionados, omitindo aqueles que para tal seriam inconvenientes. “A imagem não é um retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou de objetos históricos”, mas assim acontece também na História (tida como oficial) que “é sempre uma construção do presente e que as fontes, sejam elas quais forem, também. Elas são sempre forjadas, lidas e exploradas no presente e por meio de filtros do presente”.¹⁰² Assim também é a história contada por meio das práticas e dos discursos do tradicionalismo gaúcho, com o uso de filtros que são convenientes.

A imagem aqui fabricada por Reilly está imitando um modelo ou propondo, com grande perfeição, aquilo que foi idealizado, que provoca a ilusão de “real”.

⁹⁹ CHARTIER, Roger. **Poderes e limites da representação**. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 165.

¹⁰⁰ BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauri: EDUSC, 2004, p. 16.

¹⁰¹ JOLY, Martine. **Introdução à análise da história**. Campinas: Papyrus, 1996, p. 39-40.

¹⁰² PAIVA, Eduardo F. **História e imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.19-20.

Imagens como esta, sejam elas visuais, mentais ou virtuais, são constantemente impostas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho por meio de seus discursos e até mesmo em seus regulamentos, dentre eles, a criação de “Diretrizes para pilcha* gaúcha”. São leis aprovadas em convenções realizadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, dizendo como e quais trajes deverão ser usados nos eventos tradicionalistas:

O Movimento Tradicionalista Gaúcho, reunido na 67ª Convenção Tradicionalista Gaúcha, realizada em 29 e 30 de julho de 2005, na cidade de Tramandaí, aprovou as presentes DIRETRIZES para a “Pilcha Gaúcha”, conforme determina o parágrafo único do Art. 1º da Lei nº 8.813 de 10 de janeiro de 1989, com alterações introduzidas pela 69ª Convenção Tradicionalista Extraordinária, realizada no dia 20 de maio de 2006, na cidade de Bento Gonçalves.

I - DA PILCHA PARA ATIVIDADES ARTÍSTICAS E SOCIAIS

Indumentária a ser utilizada nas atividades cotidianas, apresentações artísticas e participações sociais, tais como bailes, congressos, representações, etc.

1. PILCHA MASCULINA

- BOMBACHAS:

Tecidos: brim (não jeans), sarja, linho, algodão, oxford, microfibra.

Cores: claras ou escuras, sóbrias ou neutras, tais como marrom, bege, cinza, azul-marinho, verde-escuro, branca, fugindo as cores agressivas, fosforescentes, fugindo das cores contrastantes e cítricas, como vermelho, amarelo, laranja, verde-limão, cor-de-rosa.

Padrão: liso, listradinho e xadrez discreto.

Modelo: cós largo sem alças, dois bolsos na lateral, com punho abotoado no tornozelo.

Favos: O uso de favos e enfeites de botões, depende da tradição regional. As bombachas podem ter, nos favos, letras, marcas e botões.

Obs.: roupas de época não podem ter marcas.[...].¹⁰³

A imagem tem grande poder de aflorar à imaginação num retorno a um passado, seria “o impacto da imagem na imaginação histórica. [...] imagens nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida”.¹⁰⁴ O Movimento Tradicionalista Gaúcho procura a todo momento aproveitar-se da fabricação de imagens, imitando aquilo que eles selecionam como convenientes para a manutenção das suas práticas tidas como “verdades”, criando um patrimônio de imagens à disposição, formando um “museu imaginário”.¹⁰⁵

* **PILCHA** - o mesmo que indumentária.

¹⁰³ MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Diretrizes para a Pilcha Gaúcha**. Bento Gonçalves: MTG, 2006.

¹⁰⁴ BURKE, op. cit., p. 16.17.

¹⁰⁵ MANGUEL, op. Cit., p 28.

Da mesma forma acontece com as chamadas “danças gaúchas”*, quando Paixão Côrtes e Barbosa Lessa saem a campo a fim de pesquisar as danças do Rio Grande do Sul, e, posteriormente, adaptá-las ao tradicionalismo gaúcho. Paixão Côrtes é também, além do precursor do tradicionalismo gaúcho, considerado o maior pesquisador** de “danças gaúchas” para os tradicionalistas. Juntamente com Lessa, descobriram passos e também criaram coreografias que hoje são difundidas como Danças Tradicionais Gaúchas. Resultados da junção de cantigas e danças trazidas pelos portugueses, alemães, italianos, espanhóis, e outros, as danças tradicionais gaúchas tem uma formação híbrida, pesquisadas (ou criadas), ou “recolhida e adaptada”¹⁰⁶, surgem as danças como a “chimarrita”, vinda dos Açores, “meia canha” espanhola, “pau-de-fita” considerada universal¹⁰⁷, entre outras. Na realidade, Côrtes e Lessa consideraram as danças trazidas pelos imigrantes e adaptadas por eles, como sendo danças tradicionais do gaúcho e essa adaptação vai atrair esses imigrantes, que vão abdicar parcialmente de sua cultura, sejam elas alemã, italiana, entre outras, em favor de uma cultura “tradicionalista gaúcha”. O que acontece é uma “renegociação” por parte dos imigrantes. Os autores, com o intuito de justificar a origem das danças, se manifestam logo no início de sua obra intitulada *Manual de Danças Gaúchas*:

Donde as danças gaúchas surgiram é problema secundário. O que interessa é sabermos que elas realmente animaram as festas do Rio Grande tradicional, e representaram um incentivo de alegria aos forjadores da grandeza histórica de nosso rincão. [...]. Estas danças são gaúchas não porque tivessem se originado inteiramente no ambiente campeiro, mas porque o gaúcho - recebendo-as de onde quer que fosse lhes deu música, detalhes, colorido e alma nativa.¹⁰⁸

Os próprios pesquisadores não falam da origem das danças, mas se analisarmos as danças individualmente e o contexto em que foram pesquisadas,

* João Carlos Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, em 1952, escrevem a obra “Danças Gaúchas”, com um estudo introdutório sobre a formação das danças brasileiras. Ganham menção honrosa no VII Concurso de Monografias sobre o folclore nacional, instituído pelo departamento de cultura da prefeitura de São Paulo.

Considerado o maior pesquisador das danças gaúchas, pelo presidente do MTG do Rio Grande do Sul, em 2006, Manoelito Carlos Savaris, através de seu pronunciamento na Câmara Municipal de Novo Hamburgo, na ordem do dia da sessão ordinária do dia 22.06.2006.

¹⁰⁶ CÔRTEES, João Carlos Paixão. **Cantares & Sapateios Gaúchos**, LP, lado A, música Faca Maruja 1’40” (dança recolhida e adaptada por Paixão Côrtes), gravadora Chantecler, 1982.

¹⁰⁷ CÔRTEES, João Carlos Paixão; LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Manual de danças gaúchas**. 5. ed., São Paulo: Irmãos Vitale, 1967, p. 49, 71 e 97.

¹⁰⁸ CÔRTEES; e LESSA, op. cit., p. 17.

percebemos que em sua maioria são danças trazidas pelos imigrantes. Os pesquisadores deixam claro que são danças que animaram as festas do Rio Grande do Sul, não que tenham origem no mesmo, justamente porque é um estado que recebeu inúmeros imigrantes de diversas etnias, sendo assim foram recolhidas e adaptadas por eles, como sendo danças gaúchas.

Segundo Côrtes, os temas musicais que outrora tinham vivência popular no meio rural, e à época estavam desaparecidos, são revitalizados pelo Movimento Tradicionalista.¹⁰⁹ As letras das músicas gaúchas também procuram uma aproximação com o passado, criando uma imagem mental, buscando “indícios” do passado descrito pelos viajantes do século XIX. A música “Lamento de um gaúcho” foi gravada no *Long Play* - LP “Paixão Côrtes do *Folk* aos Novos Rumos”, de 1977, de forma romântica e procura justificar a história do gaúcho, dizendo ser um filho largado no mundo à própria sorte, e que a sua felicidade é encontrar um lugar para viver:

“ (...) Campereando vida afora sem ter rumo definido
Sou o rebenque esquecido sou apeiros pelo chão
Vou seguir a trote lento tentando clavar de sorte
Procurando quem se importe com o vazio no coração

Pois cansado desta vida de ter o céu por coberta
Se eu achar querência certa não vou mais cantar saudade
Vou cantar nova alegria, vou ser tropeiro, ser guia
Ser até peão por dia, mas vou ter felicidade”.

As práticas criadas pelo movimento tradicionalista gaúcho procuram, a todo instante, um paralelo com o passado (atemporal), a fim de legitimá-las, procuram indícios e criam todo um imaginário, posteriormente organizam regras para que essas práticas imaginárias permaneçam da maneira como foram criadas, com o intuito de passarem a serem vistas como uma tradição, porém uma tradição criada, baseada em indícios de um passado idealizado. O mate chimarrão é um exemplo de uma tradição criada baseada em um passado existente. Baseado nas narrativas de viajantes do século XIX, como o Conde d’Eu, que descreve o costume do gaúcho em tomar chimarrão, quando diz que

para o gaúcho a cuia e a bombilha são distrações tão indispensáveis como o charuto ou o tabaco para a maioria dos europeus. A cuia é uma pequena cabaça esférica aproximadamente da grossura do punho, enche-se

¹⁰⁹ CÔRTEZ, João Carlos Paixão . **Aspectos da música e fonografia gaúcha**. Porto Alegre, Editora Proletra, 1984, p. 68.

metade dela de mate seco; acaba-se de encher com água a ferver e deita-se açúcar segundo o gosto de cada um. (...). Em geral serve a mesma cuia e o mesmo tubo para toda uma sociedade: quando uma pessoa esgotou o líquido, torna-se a deitar água e açúcar, sem mudar o mate, passa-se a cuia à pessoa que está ao pé e assim continua indefinidamente, seguindo a roda. (...) cada pessoa toma cinco, seis cuias (ou mais) consecutivamente e está-se a tomar mate todo dia.¹¹⁰

O movimento se apropria desse hábito e o define como prática tradicional do gaúcho, pois há fortes indícios, e para que não se perca a forma de tomar descrita pelos viajantes, o movimento tradicionalista gaúcho cria regras para que permaneça essa prática tal como foi vista, sendo assim os escritores tradicionalistas escrevem livros dizendo como deve ser tomado o chimarrão e o Movimento adota como um “manual” a ser seguido, só assim as pessoas poderão se sentir “autênticos” gaúchos:

É na roda de mate que a tradição assume seu apogeu (...). Para se receber ou entregar a cuia de mate, deverá ser feito com a mão direita. No caso da mão direita estar ocupada, a pessoa deverá dizer: - desculpe mão! a que o outro responde: - é a mesma do coração. Fora dessa exceção, sempre com a mão direita. (...). No ato de encher o mate, pega-se a cuia com a mão esquerda e o recipiente com a mão direita. Após, acomoda-se o recipiente e se troca a cuia de mão para matear ou oferecer o mate, seguindo-se sempre, pelo lado direito, o lado de laçar.¹¹¹

O chimarrão é para os tradicionalistas gaúchos o símbolo de hospitalidade, uma das principais práticas do movimento, o chimarrão está quase sempre presentes nas músicas e nas poesias tidas como gaúchas, com intuito de venerar essa prática, assim como também o churrasco e o cavalo que são traços capitais de sua cultura.¹¹² entre outros. “A poesia gauchesca é usada por muitos como um recurso de expressão e um motivo de representação, sempre que surge a obrigação de mostrar que é gaúcho”, já que “a declamação, para o tradicionalista, serve como um recurso para expressar-se através do verso decorado, em ocasiões em que tenha necessidade de falar sobre tradição e gauchismo”¹¹³, ela irá colocar as suas práticas em posição de destaque, e neste caso irá falar sobre a importância do chimarrão para o gaúcho através da poesia:

Esse mesmo mate-amargo

¹¹⁰ EU, op. cit., p. 42.

¹¹¹ FAGUNDES, Glênio Cabral Portela. **Cevando o mate**. 7.ed. Porto Alegre, Habitasul, 1984 p. 39 e 40.

¹¹² RODRIGUES, José Honório. **O Continente do Rio Grande**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p. 43.

¹¹³ COSTA, Dimas. **Poesia gauchesca; para moças e crianças; com instruções para declamadores tradicionalistas**. 4. Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1983, p. 11.

Encilhado em boa lua
 No toldo de algum charrua
 Perdido no descampado
Hoje vinho consagrado
 Junto ao altar da querência
 Que se bebe em reverência
 Das grandezas do passado (...).

Um dia quando eu morrer,
 Deus me conceda esta graça
 De espirar entre a fumaça
 Do meu chimarrão querido
 Porque então irei ungido
Com água benta do passado!!!¹¹⁴ (grifo meu)

Há portanto nessas práticas, como nas danças, músicas, lendas, poesias, imagens visuais, sejam elas manifestadas por pinturas, desenhos, artefatos e até mesmo imagens mentais formadas nos discursos, a tentativa de criar símbolos a todo instante:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados”.¹¹⁵

Essas práticas vêm a ser instrumentos de imposição, é a legitimação da dominação que vai garantir a permanência deste Movimento Tradicionalista Gaúcho, pois através desse “sistema simbólico” é que garante a “domesticação dos dominados”, e para tal é necessário que se comprove que essas práticas tenham realmente laços com o passado, que não sejam somente “invenções”, mas algo que vai muito além, por isso o fato de usar “indícios” para legitimá-las.

Ao mesmo tempo em que buscam indícios no passado é nítida a tentativa de omitir alguns fatos em favor daquilo que é conveniente para o movimento, como exemplo tem-se o vinte de setembro considerado o dia do gaúcho. Os CTGs comemoram durante uma semana a revolução farroupilha, a chamada “Semana Farroupilha”, através de cavalgadas, desfiles, discursos saudosistas, bailes entre outros, a fim de celebrar aqueles que lutaram pela liberdade do “povo gaúcho”. No

¹¹⁴ BRAUN, Jayme Caetano. **Galpão de estância**. 4. Ed., Porto Alegre: Sulina, 1981, p. 23 e 28.

¹¹⁵ BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. In: _____. **Sobre o poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 11.

entanto, Segundo Euzébio Assumpção, alguns fatos da revolução são omitidos, como:

A Revolução Farroupilha não foi um movimento unânime como tentam nos fazer crer alguns, mas sim uma revolta reivindicatória das elites gaúchas, que se sentiam prejudicadas com a política econômica regencial. Sua eclosão deu-se, também, por motivos pessoais de seus líderes (...). Outro fato que nos chama ainda mais atenção é a chamada Traição de Porongos*, que é omitida por alguns pesquisadores ligados ao tradicionalismo gaúcho.¹¹⁶

Essas omissões, na escolha dos símbolos das práticas que irão compor as tradições gaúchas não fazem dela uma tradição inventada no sentido de tradição falsa, mas imaginada, baseada em indícios do passado, que são convenientes ao grupo de interesse, por conseqüência gera intolerância, preconceito e discriminação, por conta da criação desse imaginário.

A análise do conjunto de práticas tradicionalistas, o modo como esses tradicionalistas iniciaram esse culto, o processo que iniciou a construção deste gaúcho, nada mais era que a busca por uma identidade idealizada por convenções que resultaram em um amplo “sistema de símbolos”, sejam eles por meio de imagens mentais ou visuais, formaram efeitos de verdade, e me direciona a defendê-lo como uma “comunidade imaginada”, por grupos de pessoas com interesses em comum, que vai muito além de uma invenção. A literatura cria o mito do gaúcho como o habitante do campo, o CTG aproveita este mito para definir o gaúcho tradicionalista, como aquele que participa das práticas criadas pelo CTG, associando-as a práticas tradicionais do homem do campo.

Com o passar do tempo, participar dessas práticas do Movimento Tradicionalista Gaúcho, como laçar em rodeios, participar de cavalgadas, dançar em festivais, declamar poesias baseadas na história do Rio Grande do Sul, entre outras, passou a ser uma tradição, pois há famílias inteiras que desde os anos quarenta

* Traição de Porongos - os combatentes negros que lutaram ao lado dos “heróis” farroupilhas em troca de sua liberdade, foram traídos por Canabarro. O coronel Francisco Pedro de Abreu, seguindo instruções de Caxias e contando com a conivência de Canabarro, atacou o acampamento da infantaria republicana, a 14/11/44, em Porongos, composta unicamente de negros, pois o império não queria incluí-los na anistia. Canabarro ordenou que os negros fossem desarmados na noite anterior, com a desculpa de que eles poderiam se revoltar. Caxias instruiu Abreu para poupar índios e brancos, porque seriam úteis mais tarde. Assassinarão toda infantaria negra republicana, porque o império não queria incluir os libertos na anistia. Os imperiais ainda devolveram a carretilha com pertences de Canabarro, que havia ficado no campo. Tanto os farroupilhas quanto os imperiais formavam acampamentos militares (bivaches) separados para brancos, índios e negros. FLORES, Moacyr. **A Revolução Farroupilha**. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p. 82.

¹¹⁶ ASSUMPÇÃO, Euzébio. Por que não festejo o 20 de setembro, in MAESTRI, Mário. (org) **Nós, os afro-gaúchos**. 2.ed. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p. 19.

quando iniciou a criação de CTGs, participam dessas práticas, e hoje seus filhos e netos continuam participando. É possível perceber na entrevista de Thaís de Almeida Goulart, de dez anos, à equipe Inema¹¹⁷ por ocasião 2ª Cavalgada da Mulher, que diz:

Thaís integra desde os seis anos o grupo mirim do CTG Roda de Chimarrão, em Porto Alegre. Faz aulas de dança tradicional gaúcha todas as segundas e sextas-feiras, toma muito chimarrão e participa de concursos para prendas: 2º lugar - Prenda Mirim em 2001 e 1º lugar - Prenda Mirim em 2002. Uma típica gaúchina! Ela não fez aulas de equitação. Tudo o que Thaís sabe sobre cavalos ela deve à madrinha, Patrícia Goulart, 24 anos, e a seu pai, Márcio Goulart, 30 anos, que desde os dois anos de idade sentava-a num pônei e passeava com ela. “Aos três anos, meu pai me colocava em cima das cabras e ovelhas da fazenda do meu avô e tocava-as. Elas saiam correndo comigo em cima!”, lembra Thaís. **Toda a família participa das cavalgadas.** Foi o avô, Moacir Goulart, 54 anos, que passou a tradição para os filhos: Patrícia, uma das idealizadoras da 1ª edição da Cavalgada da Mulher Gaúcha, e Márcio, participante de desfiles. **Desde pequenos todos participam de cavalgadas e festas gauchescas.** Thaís afirma que a irmã mais nova, Thayane de Almeida Goulart, futuramente seguirá seus passos.¹¹⁸ (grifo meu)

São práticas que já se tornaram internalizadas, por conta do tempo, desde a criação pelo MTG até os dias atuais. Não que essas práticas criadas, baseadas em um passado algumas vezes forjado, fossem uma tradição, mas que após a sua criação pelo MTG e a participação de um contingente de pessoas aderindo, tornou-se uma tradição participar delas.

1.4 A MIGRAÇÃO DOS GAÚCHOS E A EXPANSÃO DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO

Ao construir uma identidade regional, baseada na criação de um personagem idealizado, com indícios de um passado supostamente glorioso, a sociedade gaúcha consegue homogeneizar internamente, através de um hibridismo, o que antes era heterogêneo, pois a criação deste estereótipo simboliza as melhores qualidades humanas e a heroicização acabou fazendo do gaúcho um dos pilares da

¹¹⁷ Inema é um site destinado aos mais variados tipos de esportes, formado por uma equipe que fazem entrevistas e cobertura jornalísticas em geral, tem como sede a rua Washington Luiz, 820 conj. 601, Porto Alegre/RS o endereço na internet é: [www.inema.com.br].

¹¹⁸ Entrevista concedida à equipe Inema dia 21/03/2003 em Porto Alegre, e publicada no site [www.inema.com.br] no endereço eletrônico: [http://inema.com.br/mat/idmat017383.htm], acessado no dia 20/12/2009.

regionalização. Associado ao mito do gaúcho está a idéia de “nação gaúcha”¹¹⁹, e essa nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos, um sistema de representação cultural no qual as pessoas participam da idéia de nação, sendo que esta idéia vem a ser uma comunidade simbólica com poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade.¹²⁰

Vê-se o presente ligado ao passado, porém um passado convencional, em que, se cria efeitos de verdade, e na formação desse imaginário, as danças, a indumentária, a poesia, os monumentos, as cerimônias, os festivais, entre outros, vão conferir permanente legitimidade na celebração da imagem do gaúcho construído, idealizado e voltado à sensibilização coletiva. Este amplo sistema de símbolos e representações, com variedades de significantes, constroem sentidos com os quais podemos nos identificar através da memória que conecta o nosso presente com o nosso passado.¹²¹ A formação desse grupo é por mim defendida como uma “comunidade imaginada”, pois, mais que inventada, é “imaginada” e faz sentido para a “alma”¹²², proporcionando significado e importância à nossa monótona existência.¹²³

Esse sentimento de pertencer a uma comunidade, de fazer parte de uma cultura, de ter uma identidade e fazer dela, algo superior, ficará ainda mais em evidência quando os “gaúchos” iniciam a migração para os demais estados do Brasil e para o exterior, pois, além do discurso saudosista, no dia-a-dia no novo espaço, fazem um trabalho de auto-afirmação, com a fundação de entidades tradicionalistas gaúchas.

No início do século XX, inicia um amplo processo migratório sul-rio-grandense para as demais unidades federativas do Brasil. Sabe-se que o Rio Grande do Sul, durante o século XIX, recebeu um grande contingente de pessoas oriundas da Europa, com a formação de áreas de colonização alemã e italiana através de pequenas propriedades agrícolas, logo, a multiplicação dessas famílias resultou na falta de terras.¹²⁴ A geração de descendentes dos imigrantes dos núcleos coloniais

¹¹⁹ FREITAS, Letícia F. R. de. A sala de aula como espaço que constitui a identidade gaúcha. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 32, n. 02, p. 53, 2007. [<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/viewFile/6649/3966>] Acesso em 09/01/2010.

¹²⁰ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 49.

¹²¹ HALL, op. cit., p. 51.

¹²² ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Cia das Letras, 2008, p.10.

¹²³ HALL, op. cit., p. 52.

¹²⁴ OLIVEN, op. cit., p. 135

alemães e italianos do estado do Rio Grande do Sul nascida no Brasil ocupou o que não havia ainda sido povoado na colônia, (formando as chamadas “novas colônias”); esgotadas as reservas de terras, as novas gerações deslocaram-se para outras regiões¹²⁵, sendo assim, os habitantes do Rio Grande do Sul, além de migrarem dentro do próprio estado, no final do século XIX e início do século XX, migraram do seu interior para o interior de outros estados à procura de novas frentes de expansão.¹²⁶ Os excedentes das novas colônias – filhos dos imigrantes – cruzaram a fronteira gaúcha para colonizar os estados de Santa Catarina e do Paraná. Alguns, até o Mato Grosso, e depois Goiás, oeste baiano, Maranhão, Acre, Pará, Rondônia, Roraima, e por todo o Brasil.¹²⁷

UF	1940		1950		1960		1970		1980		1991		2000	
	Habit.	%	Habit.	%	Habit.	%	Habit.	%	Habit.	%	Habit.	%	Habit.	%
Rondônia			18	0,01	43	0,01	317	0,04	6152	0,69	15703	1,69	14.954	1,47
Acre	14	0,01	33	0,02	51	0,01	77	0,01	375	0,04	957	0,09	1.019	0,09
Amazonas	98	0,07	99	0,05	356	0,09	322	0,04	1.849	0,21	2.826	0,31	3.834	0,37
Roraima					18	0,004	132	0,01	700	0,08	1.526	0,16	2.320	0,22
Pará	190	0,14	366	0,18	388	0,01	515	0,07	5.056	0,56	7.615	0,82	9.029	0,19
Amapá			6	0,0029	12	0,003	39	0,05	146	0,01	332	0,03	315	0,03
Tocantins											4.473	0,48	4.860	0,48
Maranhão	83	0,06	56	0,03	386	0,09	303	0,04	1.196	0,13	1.968	0,21	2.327	0,22
Piauí	26	0,02	19	0,0092	423	0,1	84	0,01	173	0,02	339	0,03	801	0,08
Ceará	170	0,13	268	0,13	397	0,097	514	0,07	1.158	0,13	1.776	0,19	4.419	0,44
Rio Grande do Norte	51	0,04	73	0,03	249	0,06	244	0,03	450	0,05	988	0,11	1.849	0,18
Paraíba	79	0,06	102	0,05	194	0,05	250	0,03	516	0,06	973	0,11	1.444	0,14
Pernambuco	417	0,32	579	0,28	901	0,22	1.290	0,18	2.179	0,24	3.384	0,36	3.601	0,35
Alagoas	70	0,05	51	0,02	50	0,01	132	0,02	430	0,05	1.376	0,15	1.367	0,13
Sergipe	48	0,04	37	0,02	119	0,29	116	0,02	460	0,05	806	0,09	986	0,09
Bahia	446	0,34	442	0,21	666	0,16	1.437	0,21	3.586	0,4	8.757	0,94	10.628	1,05
Minas Gerais	1.397	1,06	1.676	0,82	2.472	0,6	3.268	0,47	8.699	0,97	12.154	1,31	14.702	1,45
Espírito Santo	210	0,15	178	0,09	281	0,06	476	0,07	1.779	0,19	2.800	0,29	3.438	0,33
Rio de Janeiro	19.148	14,6	25.106	12,23	30.929	7,59	38.779	5,56	47.845	5,34	41.505	4,48	43.868	4,33
São Paulo	9.109	6,94	13.743	6,69	20.589	5,05	36.955	5,29	62.915	7,01	67.454	7,28	79.611	7,86
Paraná	14.800	11,29	35.701	17,39	158.662	38,95	340.389	48,83	385.212	42,98	324.470	35,03	317.245	31,33
Santa Catarina	76.394	58,26	120.710	58,85	193.525	47,51	258.420	37,08	297.980	33,24	292.754	31,59	341.273	33,65
Mato Grosso do Sul									26.476	2,95	36.565	3,95	37.075	3,66
Mato Grosso	8.187	6,24	6.051	2,95	6.280	1,54	8.188	1,17	25.388	2,83	67.847	7,32	78.211	7,72
Goiás	195	0,15	251	0,12	854	0,21	1.183	0,17	4.738	0,53	13.455	1,45	17.404	1,71
Brasília - DF					998	0,25	3.533	0,51	11.321	1,26	13.473	1,45	16.010	1,58
Total	131.132	100	205.127	100	418.843	100	696.963	100	896.779	100	926.247	100	1.012.590	100

Tabela 1 - Migrantes nascidos no Rio Grande do Sul presentes em outros estados do Brasil por unidade federativa - UF, 1940 a 2000.

Fonte: IBGE 2004 apud Oliven (2006, p. 137-138).

¹²⁵ PELUSO Jr.; V. A. **Aspectos da população e da imigração no estado de Santa Catarina**. Rio de Janeiro. Editora Laudes, 1970, p. 73.

¹²⁶ OLIVEN, op. cit., p. 135.

¹²⁷ FACCIONI, Victor. Mais gaúchos-brasileiros que “gringos”, In MAESTRI, Mário. (org.). **Nós, os Ítalo-gaúchos**. 2.ed. , Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p. 204.

A migração dirige-se primeiro para os estados da região sul do Brasil, migrando para o oeste e meio-oeste de Santa Catarina, assim como para o sudoeste e extremo-oeste do Paraná.¹²⁸ O fato dos migrantes optarem por Santa Catarina e Paraná deu-se por conta das companhias colonizadoras desses estados pertencerem, em sua maioria, a empresários do Rio Grande do Sul, que, diante da dificuldade em obter novas áreas para a comercialização naquele estado, passaram a atuar na venda das terras desocupadas no oeste catarinense¹²⁹, onde o governo concedia a estas empresas terras devolutas, em troca da construção de estradas¹³⁰, transformando-os nos principais responsáveis pelo processo de recrutamento e povoamento do oeste de Santa Catarina.

Em 1926, os colonos gaúchos iniciam sua epopéia, em viagem fluvial pelo rio da Várzea e em seguida pelo rio Uruguai, chegando a localidade que denominaram de “Porto Novo”¹³¹ no Oeste de Santa Catarina¹³². O estado que recebeu a maior leva de migrantes rio-grandense até 1960, quando suas frentes de expansão agrícola esgotam-se e os migrantes dirigem-se para o Paraná, passando a ser este, o estado que irá receber os rio-grandenses em maior número. A situação reverte-se novamente para Santa Catarina em 2000, de acordo com dados do gráfico 1, porém o destino dos migrantes rio-grandenses, desta vez, é o litoral catarinense.

¹²⁸ OLIVEN, Ruben George. Op. cit., p. 135.

¹²⁹ RADIN, José Carlos. **Italianos e Ítalo-Brasileiros na Colonização do Oeste Catarinense**.

Joaçaba: UNOESC, 2001. p. 81.

¹³⁰ NODARI, op. cit., p. 34 a 37.

¹³¹ PIAZZA, Walter Fernando. **A colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: BRDE, 1982, p. 225.

¹³² Porto novo, atual município de Itapiranga em Santa Catarina.

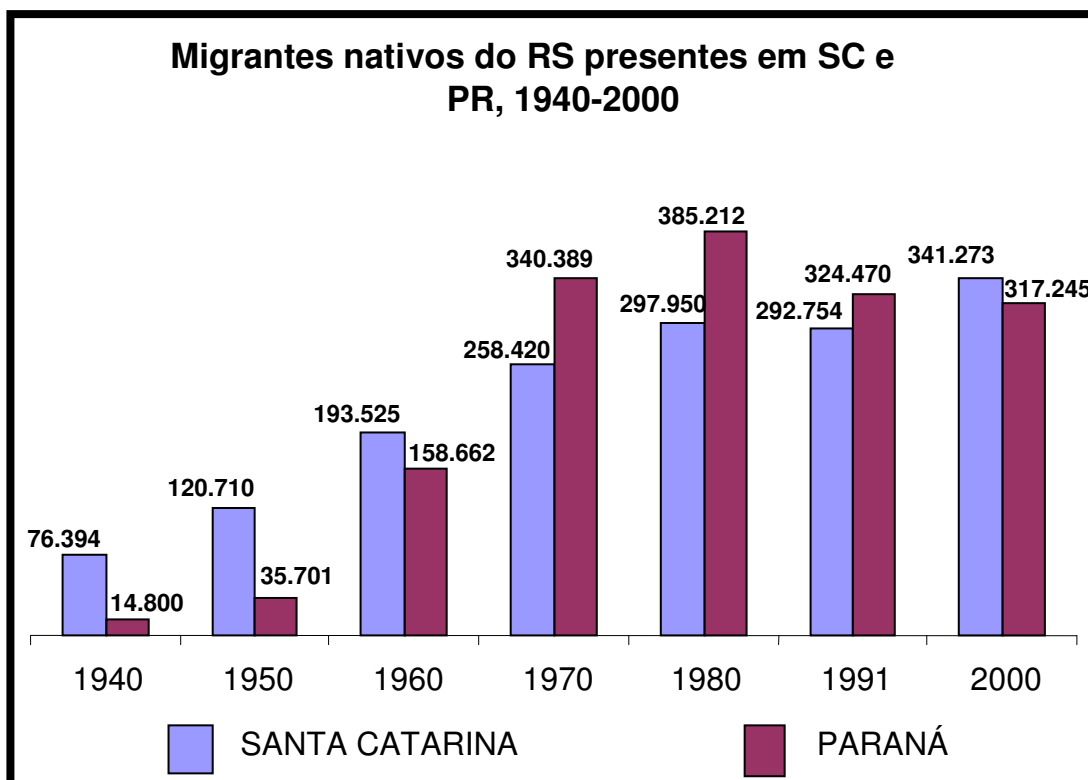


Gráfico 1 - Evolução da migração rio-grandense para os estados de SC e PR no período de 1940-2000.

Fonte: IBGE 2004 apud Oliven (2006, p. 140.).

Posterior às primeiras levas migratórias para a região sul, começa a migração para outras regiões do Brasil¹³³, direcionada ainda para o interior do país, onde o “gaúcho” vai conquistando grandes extensões de terras, deixando de ser pequenos proprietários rurais, passando a ser grandes fazendeiros. Eles se vêem como grandes pioneiros que estão desbravando novas terras com trabalho e coragem.¹³⁴

O intenso deslocamento ao longo do século XX incentivado por questões econômicas, na busca por uma “vida melhor” e o sucesso que obteve no novo espaço, incluindo também o exterior, vem agregar mais valor à imagem do gaúcho, colocando-o mais uma vez em evidência, diante do cenário nacional, onde os veículos de comunicação são os facilitadores desta propagação¹³⁵. Diversas são as propagandas que falam deste fluxo migratório e suas conquistas:

Gaúchos desbravam os estados vizinhos. No início do século, agricultores cruzaram o Rio Uruguai e conquistaram os pinheirais catarinenses e

¹³³ OLIVEN, op. cit., p. 140

¹³⁴ OLIVEN, op. cit., p. 141.

¹³⁵ Ver o Documentário, “A Conquista do Oeste” da RBS TV, 2004, de Silvio Nestor Barbizan.

paranaenses. [...]. Agricultores se mudaram levando seu modo de vida, o oeste de Santa Catarina parece um pedaço do Rio Grande.¹³⁶

Bah, é Minas, tchê. No cerrado mineiro, gaúchos transformam uma região pobre num oásis de produção agrícola.¹³⁷

A diáspora gaúcha: a maior leva migratória da década muda a cara do país, plantando soja no nordeste, uvas no Centro-Oeste e feijão e arroz na Amazônia. [...] O gaúcho desbravador e fundador de cidades tem outra peculiaridade: ao se mudar para outras regiões, ele leva junto tradições e traços culturais [...].¹³⁸

Gaúchos mudam a paisagem do Sertão.¹³⁹

Gaúchos domam o solo rebelde do cerrado. [...]. Peão fica rico no cerrado Sertão.¹⁴⁰

Novas fronteiras se abrem para os gaúchos. [...]. Migrações provocam bons negócios.¹⁴¹

Gaúcho chegou de mala vazia e hoje planta 250ha. [...]. A primeira colheita lhe rendeu cem sacas de soja. Três anos depois, em 1980, ele conseguiu comprar dez hectares.¹⁴²

A imagem do gaúcho contida nas propagandas vem fortalecer o imaginário, no momento em que a memória conecta o seu presente no seu passado, criando sentidos ao passo que faz com que eles possam se identificar. Essa reafirmação de coragem em desbravar o chão desconhecido, de valentia, liberdade e luta por um ideal vem legitimar a identidade do gaúcho. A imagem do gaúcho como um “indivíduo ideal”, ou uma “raça superior”, trabalhador, diante de uma nação maior se autoafirma, no sentido de que foi preciso o gaúcho migrar para que o país conhecesse o progresso agrícola e o quanto suas terras são produtivas, e que é necessário haver homens que trabalhem nestas terras. Esse discurso vem fortalecer a idéia de que o gaúcho é diferente dos demais que compõem a nação brasileira, colocando em evidência o “nós” e “eles”. Além de propagandas feitas pelo “outro”, o próprio gaúcho no seu dia a dia fortalece sua história, suas raízes. Ao viajar pelos estados brasileiros é possível perceber nomes de estabelecimentos comerciais como “Churrascaria Querência”, “Posto do Gaúcho”, “Fazenda Saudade do Sul”,

¹³⁶ O BRASIL de Bombachas. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 24 mar. 1995. Série especial, cap. 2.

¹³⁷ VEJA. São Paulo: Abril, v. 31, n. 1556, 22 jul. 1998, p. 76.

¹³⁸ VEJA. São Paulo: Abril, v. __, n. __, 24 jan. 1996, p. 48-51.

¹³⁹ O BRASIL de Bombachas. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 31 mar. 1995. Série especial, cap. 3.

¹⁴⁰ O BRASIL de Bombachas. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 07 abr. 1995. Série especial, cap. 4.

¹⁴¹ O BRASIL de Bombachas. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 28 mar. 1995. Série especial, cap. 7.

¹⁴² GAÚCHO chegou de mala vazia e hoje planta 250ha. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 ago. 1996. Dinheiro, p. 30.

adesivos nos carros “Há! Eu sou gaúcho!”, acompanhados da bandeira do Rio Grande do Sul.

O migrante rio-grandense vive em uma fronteira, pois ele deixa o Rio Grande do Sul por não haver condições econômicas de permanência, mas não se sente incluído culturalmente no estado que o recebe e que fornece as condições econômicas que ele procura. Sendo assim, ele passa a viver em uma “comunidade imaginada” gaúcha, pois é reconhecido como gaúcho e não somente como rio-grandense, e os seus filhos que nascem no novo estado são considerados gaúchos pela comunidade.

A fim de fortalecer o “ser gaúcho”, é necessário que as práticas que foram incluídas nessas comunidades sejam retomadas no novo espaço, e para tal serão criadas as instituições que irão garantir a permanência dessa tradição de cultura símbolos e histórias, que serão os chamados CTGs.

É nítida a proliferação dos CTGs após a criação do 35 CTG, também fora do estado do Rio Grande do Sul. A exemplo dos jovens do interior, que sentem falta das práticas do campo e criam o espaço para revivê-las, em Porto Alegre, assim será o migrante em seu novo espaço, criando os CTGs para garantir a permanência e a manutenção de suas práticas. Segundo Victor Faccioni:

As carroças que carregavam os filhos dos imigrantes para outras regiões, levaram mais do que velhos baús e colchões de palha para as colônias novas: **levaram o fermento de uma cultura, nascida do casamento das raças, costumes e tradições**, pertinaz dedicação ao trabalho, numa harmônica convivência que se destinava a ser um marco do século 20.¹⁴³

Atualmente, são 2.795 CTGs em todo o Brasil, que estão assim distribuídos:

Estado	Quantidade de CTG
Rio Grande do Sul	1.731
Santa Catarina	562
Paraná	336
Mato Grosso do Sul	19
Mato Grosso	43
Rondônia	33
Acre	1

¹⁴³ FACCIONI, Victor. Mais gaúchos-brasileiros que “gringos”, in MAESTRI, Mário. (org) **Nós, os Ítalos-gaúchos**. 2.ed. , Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p. 203.

Amazonas	3
Roraima	1
Pará	1
Tocantins	2
Maranhão	1
Ceará	1
Rio Grande do Norte	1
Paraíba	1
Pernambuco	2
Bahia	5
Espírito Santo	1
Rio de Janeiro	7
Minas Gerais	3
Goiás	9
Distrito Federal	4
São Paulo	28

Tabela 02: quantidade de CTG por estado brasileiro

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados coletados em pesquisa de campo e arquivo da Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha – CBTG, MTG – RS e MTG – SC, 2010.¹⁴⁴

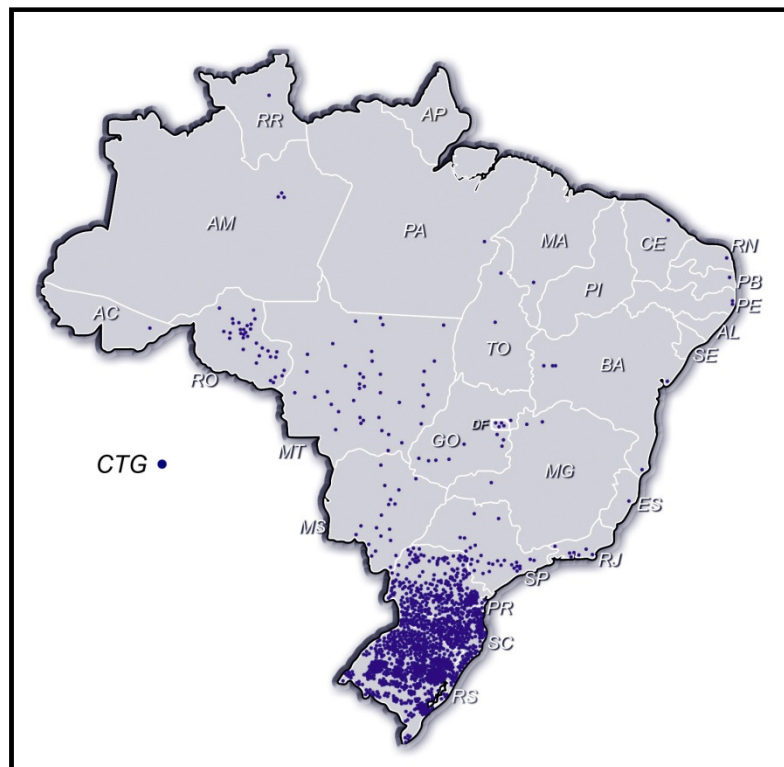


Figura 3 - Localização dos CTGs por estados brasileiros.

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados coletados em pesquisa de campo e arquivo da Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha – CBTG, MTG – RS e MTG - SC 2010.

¹⁴⁴ Os CTGs, aqui arrolados são somente aqueles devidamente registrados (associação civil de direito privado, sem fins lucrativos com registro de CNPJ).

O grande número de CTGs por todo o Brasil é resultante do processo migratório, não só de rio-grandenses, pois há um número significativo de catarinenses e paranaenses que também migraram país afora. Em atas de fundação e em atuais diretorias encontramos pessoas procedentes dos três estados do sul.

Também o processo migratório dos sulistas para o exterior é significativo, pois foram em busca de uma vida economicamente melhor. A migração para os países da América do Sul tem os mesmos objetivos daqueles que procuraram os estados do Brasil: a busca por grandes extensões de terras boas oportunidades de negócios.¹⁴⁵ Já aqueles que procuram os demais continentes, vão em busca da sua inserção no mercado de trabalho com o intuito de ganhar dinheiro e voltar para suas origens. Todavia, os que alcançam o objetivo de uma vida financeiramente melhor acabam por não mais voltar. No entanto, vivem também nesta comunidade imaginada gaúcha, que, segundo Hall, “dá significado e importância à nossa monótona existência”.¹⁴⁶ As suas práticas possuem um vínculo com o seu passado, suprimindo o sentimento de saudade e necessidade de pertencimento. Segundo o Presidente da CNATGB – Confederação Norte Americana do Tradicionalismo Gaúcho Brasileiro, senhor Jatir Cosme Delazeri, qualquer pessoa poderá ser um tradicionalista gaúcho, não importa sua nacionalidade, o importante é que se sinta integrado, no sentido de haver o sentimento.

Hoje para ser Gaúcho Tradicionalista, não é necessário ter nascido no Rio Grande do Sul, pode ter nascido, em qualquer País do Mundo, basta ser amante da Cultura Gaúcha, usar suas vestes ou a Pilcha Gaúcha, gostar de um bom churrasco e tomar chimarrão. O ser Tradicionalista Gaúcho, é algo que vem de dentro da pessoa e se transforma em uma manifestação de amor à Cultura e às Tradições do Rio Grande do Sul, voltada ao passado conservando os princípios da família.¹⁴⁷

Sendo assim, as entidades intituladas de Centro de Tradições Gaúchas também estão presentes no exterior. Segue tabela da quantidade e mapa de localização de CTGs fundados por brasileiros residentes fora do Brasil:

¹⁴⁵ KAISER, Jakzam Dalla Leite. **Ordem e progresso**: o Brasil dos gaúchos. 1998. 168f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998, p. 26.

¹⁴⁶ HALL, op. cit., 2006. p. 52.

¹⁴⁷ DELAZERI, Jatir Cosme. Tradicionalismo gaúcho. **Rancho gaúcho**. Disponível em: <<http://www.ranchogaúcho.com/ccgpage.cfm>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

País	Quantidade de CTG
Canadá	1
Estados Unidos	6
França	2
Portugal	1
Espanha	1
Paraguai	1

Tabela 3: quantidade de CTG por Países

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados coletados em pesquisa de campo e arquivo da Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha – CBTG e CNATGB, 2010.¹⁴⁸

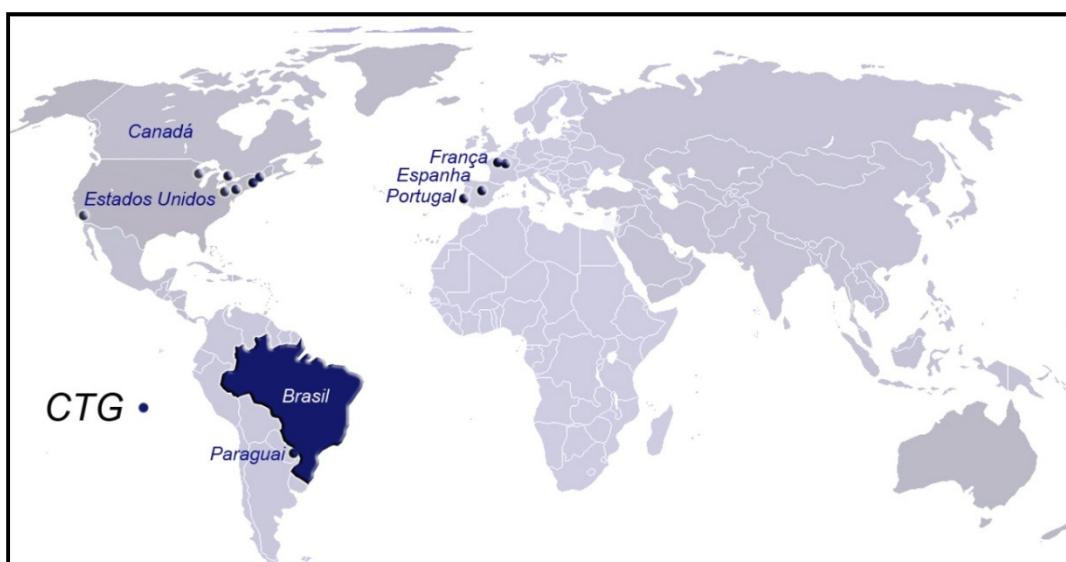


Figura 4 - Localização dos CTGs no exterior.

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados coletados em pesquisa de campo e arquivo da CBTG, 2010.

A presença do CTG no exterior, através de suas festividades, atrai habitantes locais e autoridades públicas. Assim aconteceu no III Encontro Tradicionalista, em *Los Angeles*, estado da Califórnia, nos Estados Unidos, onde a norte-americana Alejandra Madochin representou a Câmara de Vereadores local e, juntamente com Jatir Cosme Delazeri, presidente da CNATGB, acenderam a “Chama Crioula”, dando início às festividades.¹⁴⁹ Outro evento o qual o Centro Cultural Gaúcho Bento

¹⁴⁸ Os CTGs, aqui arrolados são somente aqueles devidamente registrados (associação civil de direito privado, sem fins lucrativos com registro de CNPJ).

* **Chama Crioula** - o símbolo mais importante do tradicionalismo gaúcho. Significa o Fogo Simbólico que representa o espírito do culto à Pátria. A Chama Crioula encarna a magnitude da Tradição Gaúcha. Disponível em: <<http://www.sougaucho.com.br/gaucho/simbolos.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

¹⁴⁹ **BRAZILIAN PRESS ON LINE. Notícias.** Disponível em: <<http://www.brazilianpress.com/200>>

Gonçalves, de Los Angeles, participou foi o Festival de intercâmbio cultural entre comunidade brasileira e a afro-americana da grande Los Angeles que reuniu cerca de 200 mil pessoas nos três dias de festival.¹⁵⁰

A quantidade de entidades tradicionalistas gaúchas fora do Rio Grande do Sul e a sua organização são notícias em diversos meios de comunicação, fortalecendo a imagem de nação e até de globalização.

A nação gaúcha. Com 2 milhões de filiados e sede até no Japão, os Centros de Tradição Gaúcha são a maior manifestação de regionalismo no país.¹⁵¹

Globalização à gaúcha. Cada vez mais, os CTGs espalham-se pelo mundo e assumem o papel de grandes disseminadores da cultura gaúcha.¹⁵²

Preocupada com o crescente número de CTGs no Brasil e no mundo, a comunidade gaúcha se organiza na busca de uma institucionalização maior, visando criar normas e regras para essas entidades. Sendo assim, o tradicionalismo gaúcho se organiza e se estrutura da seguinte forma:

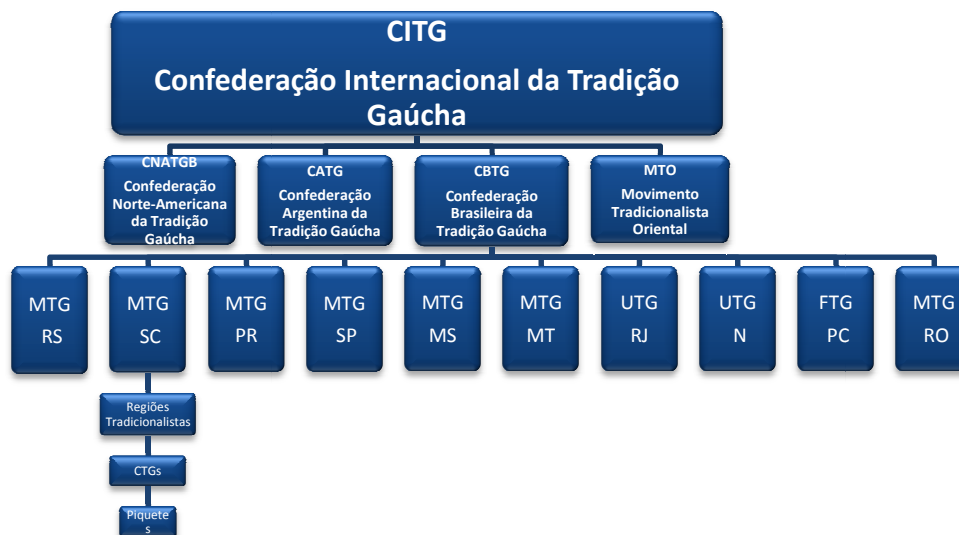


Figura 5 - Organograma da estrutura do Tradicionalismo Gaúcho.

Fonte: elaborado pela autora com base em sua pesquisa de campo, documentos da CITG, CBTG e MTG, 2010.

70912/local/noticia04.htm>. Acesso em: 10 jan. 2010. Jornal brasileiro que atende a toda a comunidade brasileira nos Estados Unidos da América com notícias e serviços.

¹⁵⁰ Eco da Tradição, **CCG Bento Gonçalves amplia as Fronteiras do Rio Grande**. Porto Alegre, Set de 2002, p. 5.

¹⁵¹ A NAÇÃO gaúcha. **Veja**, São Paulo: Abril, p. 68-69, 14 set. 1994.

¹⁵² GLOBALIZAÇÃO à gaúcha. **Revista Aplauso, cultura em revista**, Porto Alegre, Via Design, v. 1, n. 6, ago. 1998.

As entidades assim distribuídas são organizadas de forma que suas práticas sejam permanentemente fiscalizadas, a fim de garantir a permanência da comunidade nos moldes em que foi imaginada. Neste sentido, a sua organização e fiscalização acontecem de forma hierarquizada. A quantidade de CTGs fez com que surgisse um órgão organizador dentro do estado - o Movimento Tradicionalista Gaúcho, no Rio Grande do Sul. Da mesma forma vai acontecer nos demais estados da federação. Sendo assim, os CTGs de cada estado vão se reunir para criar o órgão que vai administrar as suas práticas, para que estes CTGs, nem tão sólidos assim, permaneçam cultuando histórias, símbolos, cenários, eventos, rituais, e que seus discursos sejam semelhantes, com o intuito de que a sua identidade permaneça. Logo, cada estado teria o seu MTG, porém o estado só poderá constituir um MTG se tiver um total de dez CTGs, fundados oficialmente dentro do seu estado, caso contrário, deverão os CTGs deste unir a CTGs de estados vizinhos, para agrupar a quantia necessária exigida para organizar-se, formando uma União Tradicionalista Gaúcha - UTG ou Federação Tradicionalista Gaúcha - FTG, sendo esta a entidade superior dentro dos estados aos quais pertencem os CTGs membros. Estas uniões ou federações são, genericamente, tratadas como MTG, pois possuem as mesmas funções e objetivos destes.¹⁵³ Os estados que não obtiverem o número, mesmo que reunindo-se com outros, poderão fazer parte do MTG mais próximo, como é o caso dos estados do Amazonas, Roraima e Acre, onde a soma dos três só abrange o número de cinco, filiando-se estes ao MTG de Rondônia, que é constituído por 33 CTGs. Para uma melhor compreensão segue o mapa da estrutura desses MTGs e CTGs no Brasil, sua localização e quantidade de CTGs por região:

¹⁵³ CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA. **Regulamento da CBTG**. Art.18, título I, II, e III , parágrafo 1º, 2º e 3º , 2009.

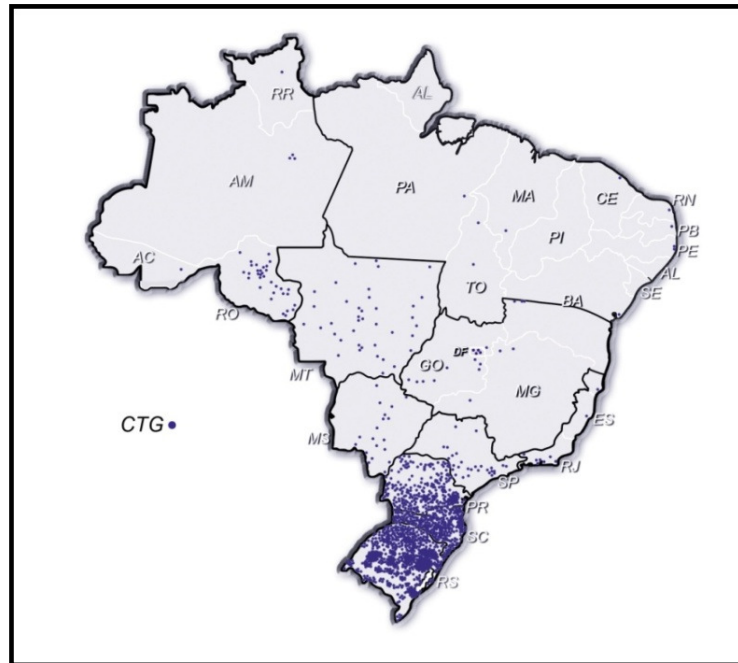


Figura 6 - MTGs e CTGs por região e Estados brasileiros.
 Fonte: elaborado pela autora a partir de dados coletados em pesquisa de campo e arquivo da CBTG, 2010.

Organizados dentro de cada estado com mais de dez CTGs, formando um MTG ou agrupados em mais de um estado formando uma UTG ou FTG, a CBTG possui atualmente a seguinte quantidade de CTGs por federação:

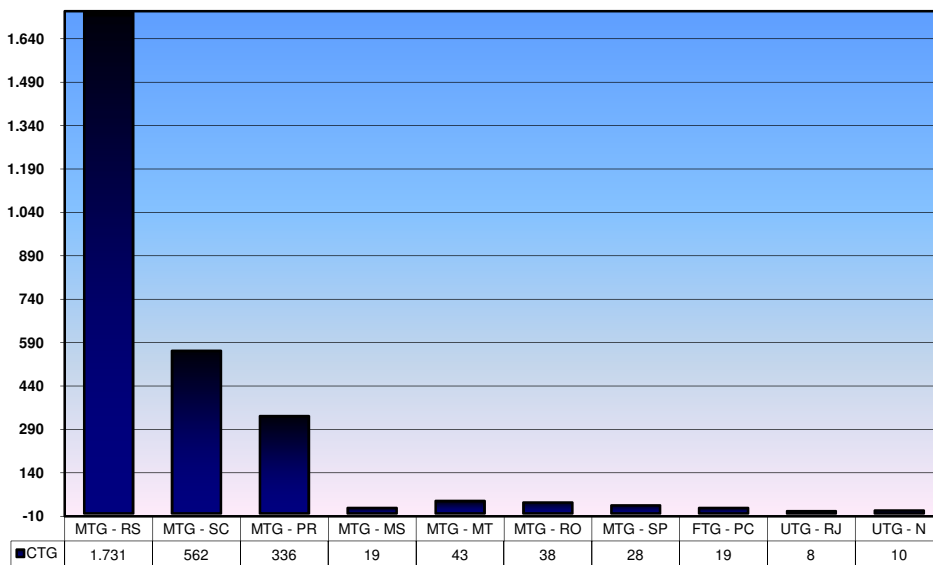


Gráfico 2 - Quantidade de CTGs por Federação Tradicionalista

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados do arquivo da CBTG, MTG - RS e MTG - SC, 2010.

Atualmente, os MTGs, UTGs ou FTG, são filiados a entidade maior do tradicionalismo gaúcho no Brasil, a CBTG - Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha, que por sua vez, é subordinada a CITG - Confederação Internacional da Tradição Gaúcha. Logo, para um a melhor administração pela CBTG, o Brasil está atualmente organizado conforme a figura 7.

Ficará a cargo da CBTG organizar congressos, convenções, festivais, encontros e rodeios nacionais, fazendo regulamentos em parceria com as entidades filiadas, além de fiscalizar, pois o tradicionalista coloca limites na imaginação e em suas práticas, que possui a função de unir essas entidades.

No entanto, a impressão que projeta, é de uma comunidade sem fronteiras, sem limites, porém nas entrelinhas há uma intolerância com a presença do outro, que não é sul-rio-grandense, no CTG, limitando o espaço da comunidade. A comunidade gaúcha ainda é imaginada, mesmo que seja organizada, pois Segundo Anderson, “nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão”.¹⁵⁴

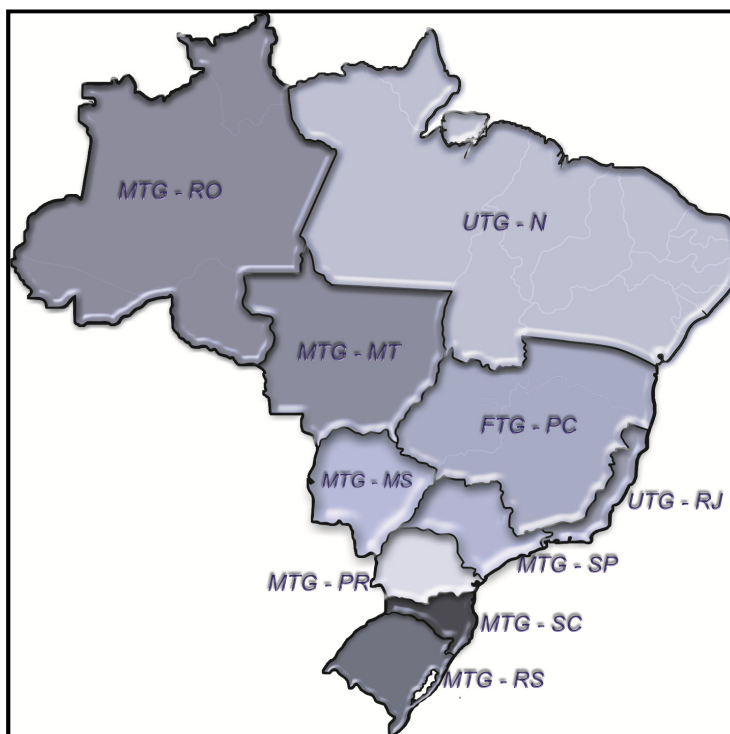


Figura 7 – Atual divisão administrativa da CBTG.

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados coletados em pesquisa de campo e arquivo da CBTG, 2010.

¹⁵⁴ ANDERSON, op. cit., p. 12.

2. TRADICIONALISMO GAÚCHO EM TERRAS CATARINENSES

2.1 CENTROS DE TRADIÇÕES GAÚCHAS EM SANTA CATARINA

A chegada do primeiro CTG em Santa Catarina acontece em 1957, uma entidade formada exclusivamente por migrantes rio-grandenses. O novo Centro de Tradições Gaúchas inicia com um discurso, impondo limites na fronteira dessa comunidade imaginada gaúcha, sendo sua finalidade “cultivar a cultura do Rio Grande do Sul”¹⁵⁵, porém em terras catarinenses.

A nova entidade surgiu em função de um grupo de dança intitulado “Roda de Chimarrão” criado em 1954 por Orestes Perotto, considerado o propulsor do tradicionalismo em Concórdia¹⁵⁶, sendo que na mesma época é criado um programa de rádio com o mesmo nome, na antiga rádio Difusora, atual Rádio Rural onde o programa ainda existe.¹⁵⁷ Os dirigentes deste programa resolvem reunir-se com alguns sul-rio-grandenses com a finalidade de fundar um CTG. No dia 18 de dezembro de 1957, acontece a primeira reunião, liderada também por Orestes Perotto, o locutor do programa.¹⁵⁸ A diretoria escolhida para organizar a fundação do CTG foi: Dr. José Ferreira Maruri, médico vindo de Porto Alegre – RS, como Patrão; Sr. Fioravente Massolini, prefeito da cidade de Concórdia, natural de Caxias do Sul - RS, como Patrão de Honra; Dr. Zoe Silveira D’Avila, médico vindo do RS e Sr. Domingos Jacinto Cecco, que também formavam esta diretoria.¹⁵⁹ Desta primeira reunião, resulta a fundação do CTG com o nome Fronteira da Querência, segundo descrito em ata:

Naquele dia 18 de dezembro de 1957, além de indiciados outros integrantes da patronagem também foi escolhido o nome do CTG, sendo indicado e aceito por todos os nomes, Fronteira da Querência, por Concórdia estar localizada na fronteira com o estado do Rio Grande do Sul, berço do tradicionalismo gaúcho no Brasil. Os participantes da primeira reunião registram em ata seu contentamento pela concretização de uma antiga aspiração dos gaúchos radicados nesta cidade. Finalizando o encontro, o Dr. Maruri, primeiro patrão do CTG, propôs aos presentes uma homenagem

¹⁵⁵ Primeiro Estatuto do CTG Fronteira da Querência.

¹⁵⁶ COLAÇO, Ricardo Zanotto. **Enciclopédia Personagens Tradicionalistas Brasil Sul**. Bento Gonçalves: RD Editora, 2006. s/p.

¹⁵⁷ [<http://www.radiorural.com.br/noticias.php?nId=leitura&idnot=5644>] acessado em 10/01/2010.

¹⁵⁸ CTG FRONTEIRA DA QUERÊNCIA. **História**. Disponível em: <<http://www.ctgfronteiradaquerencia.com.br>>. Acesso em: 19 jan. 2010.

¹⁵⁹ Ata de fundação do CTG Fronteira da Querência, Concórdia, 18/12/1957.

especial aos componentes do programa Roda de Chimarrão, fazendo constar o nome de todos na primeira ata lavrada há 50 anos.¹⁶⁰

Aos moldes dos CTGs do Rio Grande do Sul, a primeira entidade gaúcha em Santa Catarina, intitulada de “Fronteira da Querência*”, é formada. O próprio nome faz alusões ao estado de origem, Rio Grande do Sul. Os objetivos da nova entidade gaúcha são reverenciar, no sentido de respeitar a cultura do estado do Rio Grande do Sul, estado dos fundadores migrantes, pois estavam radicado na fronteira da querência, na fronteira do seu estado de origem, considerado o berço do tradicionalismo gaúcho no Brasil, segundo consta na própria história do CTG, ou seja uma entidade formada por rio-grandenses, a fim de praticar a cultura considerada por eles, do Rio Grande do Sul. Ainda nos dias atuais, os fundadores do CTG afirmam ser uma cultura do Rio Grande do Sul. Natural de Lajeado, Guilherme Pazzini, que foi gaitero do grupo “Roda de Chimarrão” e um dos fundadores do CTG Fronteira da Querência, diz ser “colaborador incontestado do Tradicionalismo sul-rio-grandense em Santa Catarina”.¹⁶¹

Com exceção da primeira entidade, fundada em Concórdia em 1957 e outras poucas, a chegada dos demais CTGs em Santa Catarina acontece de forma diferenciada, inclusive dos demais estados brasileiros. Enquanto em outros estados os CTGs afirmam que seus objetivos são a preservação dos usos e costumes do Rio Grande do Sul¹⁶², em Santa Catarina o discurso é outro.

O segundo CTG fundado em Santa Catarina, o “Centro de Tradições Gaúchas do Planalto Lageano”, como consta na sua ata de fundação, do dia 12 de dezembro de 1959, tem como objetivo principal cultivar as tradições da região.¹⁶³ Fundado exclusivamente por catarinenses ligados à pecuária¹⁶⁴ a entidade tradicionalista gaúcha resultou da união de um grupo, que tinha as práticas campeiras como atividade diária, sendo o “tiro de laço”^{**} parte delas. Nos fins de

¹⁶⁰ Ata de fundação do CTG Fronteira da Querência, Concórdia, 18/12/1957.

* **Querência:** lugar onde alguém nasceu, se criou ou se acostumou a viver, e ao qual procura voltar quando dele afastado.

¹⁶¹ COLAÇO, op. cit., p. s/p.

¹⁶² Segundo diagnóstico realizado pela autora com MTG – PR, MTG-MS, MTG-RO, MTG-MT, FTG-PC, MTG-SP E UTG-N.

¹⁶³ CTG PLANALTO LAGEANO. **Estatuto Social**, aprovado em assembléia geral realizada em Lages em 4 agosto de 1962, registrado no 3º tabelião de Notas: Álvaro Ramos Vieira, Lages, 18 dez. 1962.

¹⁶⁴ TELLES, João Maria. **Diretor Artístico do CTG Planalto Lageano**. Informações obtidas em entrevista realizada pela autora, Lages – SC, 17 jan. 2010.

** **Tiro de laço:** jogar o laço sobre as aspás do boi para assim capturá-lo. O cavaleiro na maioria das vezes está sobre o cavalo. É uma prática dos eventos dos CTGs como competição, nos dias de hoje.

semana, o grupo reunia-se para treinar e passar o tempo, transformando-se estas atividades em entretenimento, passando inclusive a competir com grupos do estado vizinho, Rio Grande do Sul, já que a cidade situa-se em uma região próxima. Desse divertimento formou-se, inicialmente, um piquete de laçadores autodenominado de “Repontando a Tradição” e em 12 de dezembro de 1959, o grupo formado por catarinenses de origem, funda a entidade gaúcha denominada de “CTG do Planalto Lageano”, na Estância do Pinheirinho, uma fazenda às margens da BR 282, na cidade de Lages, em Santa Catarina.¹⁶⁵ A entidade teve na primeira diretoria, em sua maioria, descendentes da família Ramos, muito conhecida em Santa Catarina. Foram eles:

Patrão – Luiz Ramos Neto, Capataz – Celso Camargo, 2º Capataz – João Luiz Ramos Júnior, Sota Capataz – João F. Rosa, 2º Sota Capataz – Saulo S. Ramos, 3º Sota Capataz – Plínio A. R. Ramos, Agregado – Hory Rosa Ribeiro, 2º Agregado – Ulisses Andrade. Orador - Telmo Ramos Arruda.¹⁶⁶

No histórico do CTG do Planalto Lageano, segundo Telles, consta ainda como Patrão de Honra Affonso Alberto Ribeiro Neto, proprietário da fazenda Estância do Pinheirinho.¹⁶⁷ O primeiro estatuto do CTG apresenta como principal objetivo da entidade cultivar as tradições da região, entre outros:

- a) Cultuar sob os diversos aspectos as tradições da região, como sejam, literatura, folclore, teatro, danças regionais, costumes etc.;
- b) defender o patrimônio moral e histórico da região;
- c) pugnar pela presença dos motivos gauchescos em todas as manifestações do pensamento e da cultura;
- d) auxiliar a luta por melhores condições social do homem do campo;
- e) organizar periodicamente atividades que exaltem os costumes da vida campesina.

O objetivo principal de criar a entidade, era a de organizar a diversão do grupo, institucionalizando as práticas campeiras, como já acontecia nos CTGs do Rio Grande do Sul, bem como poder competir com outras entidades nos seus encontros, oficializando as suas práticas diárias como formas de entretenimento. Porém, ao contrário da primeira entidade que se formou no Oeste de Santa Catarina, como também aquelas fundadas em outros estados brasileiros, que criam seus CTGs de forma que suas práticas tendem a afirmar a identidade rio-grandense, o

¹⁶⁵ **Correio Lageano**, CTG Planalto Lageano completa 50 anos de tradição. Lages, 30/11/2009

¹⁶⁶ CTG PLANALTO LAGEANO. **Estatuto Social**, aprovado em assembléia geral realizada em Lages em 04 agosto de 1962, registrado no 3º tabelião de Notas: Álvaro Ramos Vieira, Lages, 18 dez. 1962.

¹⁶⁷ TELLES, João Maria. **Diretor Artístico do CTG Planalto Lageano**. Informações obtidas em entrevista realizada pela autora, Lages – SC, 17 jan. 2010.

CTG Planalto Lageano vem apenas oficializar as práticas que já aconteciam como forma de entretenimento. Sendo assim, o estatuto da entidade não elevava o estado do Rio Grande do Sul, pois as práticas da entidade, segundo os fundadores, eram de origem regional.

A partir de meados do século XVIII a região inicia um ciclo povoador, sendo que o planalto catarinense, de campos com grandes extensões de terras, serviu por muito tempo de “caminho das tropas, que ligava, pelo planalto, as províncias platinas, o antigo distrito das missões e a campanha gaúcha aos campos de Curitiba e a cidade de Sorocaba”¹⁶⁸, fazendo surgir muitas fazendas de gado ao longo do caminho. “Nos campos de Lages e Vacaria crescia espontaneamente a população de gado vacuum remanescente das missões jesuíticas”¹⁶⁹. A abertura do caminho das tropas ou “caminho do sul”¹⁷⁰ onde transitavam muitos tropeiros, veio contribuir para uma região, com intensa atividade pecuária. Sendo assim o CTG do Planalto Catarinense, como os demais que surgem posteriormente na região, procuram legitimar seu discurso e sua permanência baseado-se na história local.

O terceiro CTG do estado de Santa Catarina foi fundado no oeste catarinense, em 29 de dezembro de 1959, denominado de CTG Porteira Aberta, na cidade de São Miguel do Oeste, a nova entidade irá propor uma renegociação*. Trata-se de uma cidade, que a exemplo de Concórdia é resultante do processo migratório do Rio Grande do Sul, que trouxe ao Oeste catarinense a “civilização” em uma região de “puro mato”, onde os colonos ganharam status de “desbravador”, “elemento civilizador”,¹⁷¹ A entidade foi fundada em sua maioria por rio-grandenses, porém incluía alguns catarinenses, resultando em uma renegociação cultural. Logo na primeira ata de fundação e seu primeiro estatuto, é possível perceber a preocupação da entidade em incluir o estado de Santa Catarina em suas práticas, constando que o Centro de Tradições Gaúchas teria como finalidade “cultivar as

¹⁶⁸ MACHADO, Paulo Pinheiro. Bugres, tropeiros e birivas: aspectos do povoamento do planalto serrano. in BRANCHER, Ana; ARENT, Silvia Maria Fávero. (Orgs.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. da UFSC. 2001. p. 14.

¹⁶⁹ MACHADO, op. cit., p. 15.

¹⁷⁰ PIAZZA, op. cit., p. 65-67.

* **Renegociação**: chama-se assim pelo fato de que a primeira negociação já aconteceu quando os imigrantes alemães e italianos negociaram sua identidade e suas práticas, em função do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, passando de alemães e italianos para gaúchos.

¹⁷¹ SILVA, Adriano Larentes da. **Fazendo cidade, a construção do urbano e da memória em São Miguel do Oeste – SC**. 2004. Dissertação (Mestrado em História Cultural), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004, p. 80-85.

tradições de Santa Catarina e Rio Grande do Sul”. Sob a liderança de Alexandre Tiezerini, natural de Passo Fundo - RS, sugere-se ao plenário que seja escolhido o nome da sociedade. Entre outras sugestões, fica decidido que se chamaria “Porteira Aberta”. Com Alexandre Tiezerini e Orlindo da Rocha, fica a responsabilidade da elaboração do primeiro estatuto da entidade¹⁷², que, em 11 de março de 1961, fica pronto, e, em seu artigo 2º, diz:

O Centro tem por finalidade:

a) zelar pelas tradições de Santa Catarina e Rio Grande do Sul: sua história, suas lendas, canções costumes etc. [...] b) Lutar por uma sempre maior elevação moral e cultural de Santa Catarina e Rio Grande do Sul; [...] d) Pugnar pela marcante presença dos motivos barriga verde e gauchesco em todas as manifestações do pensamento e cultura de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.¹⁷³

A aceitação do “outro” no CTG dá-se dentro de um limite, pois as fronteiras são finitas, ainda que elásticas, para além das quais encontram-se outras nações¹⁷⁴, ou seja, foi possível que os rio-grandenses fundassem um CTG juntamente com catarinenses, porém houve a preocupação em reforçar as diferenças e impor um limite, mesmo que suas práticas venham buscar questões em comum. Outro momento em que podemos perceber o limite dessa fronteira está na seguinte passagem:

Fica adotado para o centro o seguinte distintivo: uma ferradura tendo na parte aberta da mesma uma porteira aberta e mais ao fundo um galpão com um pinheiro e um umbu ao lado, mais ao fundo umas coxilhas, que sobe e sai pela frente da ferradura. [...]. Fica adotado para o centro o seguinte lema: “**Embora longe dos pagos o gaúcho lembra a querência cultuando sua tradição**”.¹⁷⁵ (grifo nosso).

Ao mesmo tempo em que há uma preocupação em viver em comunidade no novo espaço, juntando símbolos que representam o estado de origem, como a ferradura e as coxilhas, como também a preocupação em colocar o “pinheiro e o umbu”, árvores simbólicas do Rio Grande do Sul¹⁷⁶, sendo o pinheiro (araucária)

¹⁷² Ata 1, Fundação do Centro de Tradições Gaúchas Porteira Aberta em São Miguel do Oeste, SC.

¹⁷³ CTG PORTEIRA ABERTA. **Estatuto**. Aprovado em assembléia Geral em 11/03/1961 e Publicado no diário oficial em 19/04/1962, cap. I, art. 2º.

¹⁷⁴ ANDERSON, op. cit., 1989, p. 15.

¹⁷⁵ CTG PORTEIRA ABERTA, op. cit, cap. V, art. 43 e 44.

¹⁷⁶ NUNES, Rui Cardoso; NUNES, Zeno Cardoso. **Dicionário do regionalismo do Rio Grande do Sul**. 6. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1995, p. 515.

também muito presente em algumas regiões de Santa Catarina, todos esses símbolos colocados em volta da porteira aberta, como a dizer que todos podem participar, pois eles também são gratos à terra que os recebeu. Porém, em seu lema fica explícita a reverência à terra natal, colocando em evidência a identidade rio-grandense e, finalizando, o primeiro patrão da entidade será o mesmo que coordenou os trabalhos na reunião de fundação, como também o mesmo que elaborou o estatuto, o rio-grandense Alexandre Tiezerini.

Com a fundação desses três CTGs, é possível perceber a tentativa de Alexandre Tiezerini, de impor limites nessa comunidade imaginada gaúcha e o esforço dos catarinenses de ser incluído na mesma. Por ser uma comunidade imaginada, esta é limitada, pois, segundo Anderson, “nenhuma nação se imagina coextensiva com a humanidade. Nem os tradicionalistas mais messiânicos sonham com um dia em que todos os membros da raça humana se juntem a sua nação”.¹⁷⁷ Assim eles perderiam a razão de ser, uma comunidade imaginada superior às demais.

Após a fundação dessas três entidades pioneiras, surgem outros CTGs, que na sua grande maioria, a exemplo do CTG do Planalto Lageano, evidenciam o estado de Santa Catarina. A quarta entidade, o “CTG Barbicacho Colorado”, da cidade de Lages, nasce de uma disjunção do CTG Planalto Lageano, com os mesmos princípios e também fundado na Estância do Pinheirinho, pelo Patrão de Honra do CTG Planalto Lageano, Affonso Alberto Ribeiro Neto e outros da antiga entidade. Sendo este o primeiro CTG de Santa Catarina que, além das práticas campeiras, inclui as práticas artísticas, com a formação do primeiro grupo de danças gaúchas e tem início a inclusão da história de Santa Catarina nos seus discursos. Sendo assim, o nome do CTG Barbicacho Colorado é justificado:

O nome Barbicacho Colorado é uma referência direta a Anna Maria de Jesus Ribeiro, mais conhecida como Anita Garibaldi, grande vulto da história catarinense, do Brasil e “além mar” (na Itália), também conhecida como heroína dos dois mundos, pois quando Anita cavalgava na Batalha do Rio Marombas, nas proximidades da cidade de Curitiba/SC, usava uma fita colorada (vermelha) para prender seu chapéu. Daí a inspiração para o nome desta entidade tradicionalista e para os versos “Colorada era a fita/Barbicacho de Anita”.¹⁷⁸

¹⁷⁷ ANDERSON, op. cit, p. 15.

¹⁷⁸ JORNAL BUENAS CHÊ, Blumenau, mar. 2004.

Outros CTGs de Santa Catarina, fundados na região de Lages, no centro do estado, aparecem com práticas voltadas para um cenário catarinense forte na pecuária sob a força do discurso de que o catarinense também é descendente ou originou-se do gaúcho, por seu passado, por terem lutado juntos, na Revolução Farroupilha, pois a simpatia dos catarinenses, principalmente do sul da província, atingindo mesmo a capital, e Lages, no Planalto, se inclinaram, indiscutivelmente, para os revoltosos¹⁷⁹ (Farroupilhas) e que, se hoje os estados estão separados, é por questões políticas, mas que culturalmente são semelhantes. No entanto, o estado de Santa Catarina, como um todo, quer ser parte da comunidade, mas também não quer abrir as fronteiras dessa comunidade imaginada gaúcha.

Esse discurso vai se evidenciar quando cresce o número de CTGs em Santa Catarina com o intuito de cultuar uma tradição que também é catarinense, enquanto os outros dizem que é do Rio Grande do Sul. E para garantir a ordem, se faz necessário um órgão para organizar esses CTGs. A princípio, o próprio Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul, que percebe a quantidade de CTGs em Santa Catarina, toma a iniciativa de organizar os CTGs catarinenses. Logo depois, Santa Catarina funda o próprio MTG no estado.

2.2 O MOVIMENTO TRADICIONALISTA CATARINENSE x MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO

O MTG do estado do Rio Grande do Sul – MTG/RS, percebendo o número de CTGs de Santa Catarina que participavam de “rodeios”^{*} no Rio Grande do Sul, resolve organizar o estado catarinense. Logo depois, distribuem os CTGs, tanto catarinenses, como os do Rio Grande do Sul, em Regiões Tradicionalistas - RTs, para uma melhor administração. Os CTGs catarinenses são incluídos na 31ª RT, pertencente ao MTG do Rio Grande do Sul. Sebastião Nunes^{**}, residente em Lages,

¹⁷⁹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. 4 ed., Florianópolis, Lunardelli, 1994. cap.III.

^{*} **Rodeio**: lugar no campo de uma estância onde habitualmente se reúne o gado para contar, apartar, examinar, marcar, assinalar, castrar, vacinar, dar sal, curar bicheiras, etc. O Rodeio para o Movimento Tradicionalista Gaúcho é considerado uma festa onde suas práticas são desenvolvidas. É o local de entretenimento para o tradicionalista gaúcho, onde são realizadas as competições campeiras e artísticas.

^{**} **Sebastião Nunes** - 72 anos, funcionário público aposentado, filho de tropeiro. Seus avós eram da cidade de São Joaquim. Nascido e criado na Estância do Pinheirinho, na cidade de Lages, foi o

um dos pioneiros no tradicionalismo em Santa Catarina, conta que foi o primeiro coordenador da 31ª RT instituída pelo MTG do estado vizinho:

Eu estava sempre entreverado em tradição. Fui o primeiro narrador de Santa Catarina. Fui o primeiro há muitos anos. Eu fazia narração em outros municípios, como Passo Fundo, pra lá e pra cá. Então conhecia todo mundo no Rio Grande do Sul. Aí me convidaram para ser coordenador do MTG RS em Santa Catarina, na 31ª Região, que abrangia Santa Catarina inteira. Já existia a região de Santa Catarina, só que não tinha coordenador. Até foi num rodeio em Passo Fundo, que o pessoal de Porto Alegre estava lá, o pessoal do MTG, tal, porque vinha ajudar a tradição, né, aí comecei. [...]. Isso foi em 1973. Mas bem antes dessa data já estava envolvido com tradição (informação verbal).¹⁸⁰

Sendo assim, em 20 de novembro de 1973, Sebastião Nunes foi eleito oficialmente o coordenador da 31ª RT do MTG do Rio Grande do Sul em Santa Catarina, sob a credencial nº 24/73, expedida pelo presidente do MTG/RS, Guilherme Schultz Filho, que dizia:

Para os devidos fins e efeitos, declaramos que o Senhor SEBASTIÃO NUNES DE OLIVEIRA, residente na cidade de Lages – SC, em virtude de sua indicação e competente homologação, pelo conselho coordenador, está devidamente credenciado, para representar, como coordenador, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, na 31ª Região, durante o “Ano Tradicionalista” com os poderes que lhe são atribuídos pelos Estatutos, Regulamento Interno e Instruções complementares.¹⁸¹

Porém, a tentativa do MTG/RS de organizar o CTGs de Santa Catarina não obteve sucesso, pois um grupo de tradicionalistas da cidade de Lages, percebendo que o tradicionalismo gaúcho se expandia de maneira desorganizada, sem a regência de um órgão competente, reuniu-se, sob a coordenação de Afonso Alberto Ribeiro Neto, o próprio Sebastião Nunes de Oliveira e mais alguns amigos, e se organizaram para criar o Movimento Tradicionalista Catarinense – MTC.¹⁸²

Afonso Alberto Ribeiro Neto, mais conhecido como Dr. AL Neto, proprietário da Estância do Pinheirinho, que já havia ajudado a fundar o CTG Planalto Lageano

primeiro Secretário de Turismo na cidade de Lages, em 1970. Um dos fundadores do Movimento Tradicionalista Catarinense - MTC, da ATGESC e da ATG, sendo também eleito presidente do MTG em SC, por dois mandatos.

¹⁸⁰ OLIVEIRA, Sebastião N. de. **Tradicionalista gaúcho, um dos fundadores do MTC, da ATGESC e da ATG, bem como presidente do MTG em SC, por dois mandatos.** Depoimento concedido a autora, em Lages, 17 jan. 2010.

¹⁸¹ OLIVEIRA, Sebastião N. de. **Credencial expedida pelo MTG/RS, n. 24/73, de 20/11/1973.** Documento apresentado por Sebastião, durante depoimento, em Lages - SC, 17 jan. 2010.

¹⁸² AMORIM, Alberto Hélio Amorim. CARVALHO, Bernardino Roberto de. DUARTE, Romeu. **Tradicionalismo Gaúcho em destaque.** v.1. Criciúma, Editora Ribeiro, 1985, p. 17 e 18.

e, posteriormente, funda o CTG Barbicacho Colorado, na cidade de Lages, era um grande intelectual, e logo organiza a fundação do MTC, que iria congrega os CTGs de Santa Catarina. Sendo assim, em 18 de maio de 1973, surge o MTC, tendo como presidente o Dr. AL Neto, quando, segundo Oliveira:

O próprio MTG do Rio Grande do Sul, reconhece a organização do MTC e logo seus dirigentes vêm a Santa Catarina, Sr. Guilherme Schultz, presidente e Sr. Edson Otto, secretário, a fim de extinguir a região, mas continuar trabalhando através de parcerias.¹⁸³

O MTC, logo que inicia seus trabalhos, consegue filiar 13 CTGs dos 19 que havia em Santa Catarina. Com o passar do tempo, o número de CTGs no estado cresce, e os trabalhos da entidade também. A entidade chega em 1984 atingindo 110 CTGs filiados, abrangendo todos os CTGs de Santa Catarina. Contudo, por se tratar de um “movimento” desenvolvido no período pós-ditadura militar, final da década de 70 e início da de 80, não havia o apoio do poder público para com a entidade, para obter este apoio, o MTC passa a se chamar Associação Tradicionalista Gaúcha do estado de Santa Catarina - ATGESC, conforme relata Oliveira, presidente do MTC neste período:

Transformamos em Associação porque abrangia mais. Inclusive, porque naquele tempo, movimento era contra tudo, né! Falava em movimento eles nem te recebiam. Para registrar no Ministério da Cultura, e em outros órgãos, não podia ser movimento. E eu queria registrar né, porque ele tava só em âmbito estadual, na própria Assembleia (Legislativa) aqui, não aprovaram como Utilidade Pública o MTC. Só se fosse uma associação. Daí eu transformei em ATGESC e daí eu usei o termo gaúcho. Daí foi considerado de Utilidade Pública pela Assembleia. Foi registrado no Ministério de Educação e Cultura, daí começamos a se deslanchar em âmbito nacional.¹⁸⁴

Sendo assim, em 17 de setembro de 1984, do MTC nasce a ATGESC, já declarada de utilidade pública pela Assembleia Legislativa de Santa Catarina, sob a Lei nº 6.411/1984. Além da mudança do nome de “Movimento” para “Associação”, também é incluída a palavra “Gaúcho” na entidade¹⁸⁵. Como ATGESC, a entidade vai tentar firmar o discurso de que o catarinense é um legítimo gaúcho, o qual

¹⁸³ OLIVEIRA, loc. cit., 17 jan. 2010.

¹⁸⁴ OLIVEIRA, loc. cit., 17 jan. 2010.

¹⁸⁵ RIBEIRO NETO, Afonso Alberto. **O gaúcho**. Lages: ATGESC, 1984.

chamará a atenção de muitas entidades do estado. Em onze anos de atuação do MTC, a entidade contou com três presidentes, todos da cidade de Lages.¹⁸⁶

Em 29 de julho de 1985, um ano após a criação da ATGESC, surge outra entidade a nível estadual, o MTG, na cidade de São Joaquim, cidade vizinha a Lages, fundado por Nelson Melo de Liz.¹⁸⁷ Sendo que nas eleições da ATGESC, ainda em 1985, o próprio Nelson Melo de Liz, que era prefeito da cidade de Otacílio Costa, entra como candidato e ganha as eleições, logo propõe a fusão do MTG com a ATGESC. Em decorrência disto, um grupo de tradicionalistas, que eram fundadores do MTC e ATGESC, descontentes com o resultado da fusão, fundam uma nova entidade com o objetivo de congregar os CTGs do estado, a Associação Tradicionalista Gaúcha - ATG, levando 30% dos CTGs filiados à ATGESC para a ATG.¹⁸⁸

Em 1987, muda novamente a diretoria da ATGESC, sendo eleito como presidente Dr. Jacob Momm Filho*, que organiza a entidade aos moldes do MTG/RS, a qual passa a se chamar Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina - MTG/SC, e no qual permanece por dois biênios, realizando algumas mudanças, dentre as principais, cita:

Construí junto com os demais, através de doações uma sede em Lages para o MTG, num terreno cedido pelo Ministério da Agricultura, mas tudo verbal, a sede que tinha era num canto de 3x6m no Jóquei Clube. [...] fui o responsável pela fusão da ATG, ATGESC e MTG. Criei o MTG/SC, organizei o I Congresso, que chamamos de Congresso Tradicionalista Gaúcho Barriga Verde. [...]. Imprimi os Estatutos, criamos o regulamento, organizei o Festival Catarinense de Arte e Tradição Gaúcha.¹⁸⁹

A partir de 1987, o MTG/SC toma novos rumos e, segundo Dr. Jacob, consegue transformar o MTG e ATGESC em MTG/SC. Em 1990, no I Congresso

¹⁸⁶ OLIVEIRA, loc. cit., 17 jan. 2010.

¹⁸⁷ MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DE SANTA CATARINA. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.mtgsc.com.br/historico.asp>>. Acesso em: 19 jan. 2010.

¹⁸⁸ OLIVEIRA, loc. cit., 17 jan. 2010.

* **Dr. Jacob Momm Filho**: natural de Petrolândia/SC, como advogado aposentado dedicou-se à criação de gado. Eleito presidente do MTG em Santa Catarina de 1987 à 1990, foi o principal responsável por criar a Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha – CBTG. Posteriormente foi eleito presidente da entidade maior, Confederação Internacional do Tradicionalismo Gaúcho - CITG. Faleceu em 02/09/2007, vítima de câncer, quarenta e três dias após entrevista concedida à autora.

¹⁸⁹ MOMM FILHO, Jacob (Dr.). Depoimento concedido em Florianópolis - SC, 21 jul. 2007.

Tradicionalista Gaúcho “Barriga Verde”*, a ATG é também incorporada ao MTG/SC.¹⁹⁰ “O oeste era independente e não tinha se filiado a nenhum MTG”.¹⁹¹ Porém, o MTG/SC muda o seu discurso e diz que para ser gaúcho não depende de território e sim de um “estado de espírito”. O novo discurso agrada a todos, logo, todos os CTGs de Santa Catarina se filiam ao MTG/SC, e muitos outros vão surgindo. A nova entidade, com suas estruturas solidificadas, passa a ser definitivamente o órgão organizador e centralizador do tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina.

Analisando os documentos das entidades, notícias em jornais, publicações e depoimentos coletados desde a criação do primeiro CTG em Santa Catarina, bem como as tentativas de organização por uma entidade maior no estado, apontam-se para três momentos decisivos na criação e permanência desses CTGs nos dias atuais:

- Primeiro momento:

Do ano de 1957, criação do primeiro CTG, até 1984. Os CTGs vão surgindo lentamente e com finalidades diversas. Algumas entidades intitulavam-se gaúchas rio-grandenses, porém em solo catarinense, outras entidades eram gaúchas porque Santa Catarina também foi território onde os primitivos gaúchos transitavam, citando como exemplo a Guerra dos Farrapos. Por fim, entidades gaúchas que dividiam suas práticas entre cultivar as tradições do Rio Grande do Sul e Santa Catarina na mesma entidade. Até que se faz necessário uma entidade maior para congregar esses CTGs e organizar essas idéias, resultando na fundação do MTC.

- Segundo momento:

É de afirmação, quando o órgão organizador, o MTC, passa a se chamar ATGESC. Momento em que há a necessidade de afirmar a identidade gaúcha no estado, pois poucos eram os CTGs de regiões colonizadas por migrantes gaúchos que se filiavam ao MTC. Para que houvesse uma integração, era necessário que a

* O termo pejorativo Barriga Verde é usado para designar aqueles nascidos em Santa Catarina. Ver: SOARES, Doralécio. Porque Barriga Verde. **Boletim da Comissão Catarinense de Folclore**, ano XXVI, n° 39-40, dez/1988, p. 48-49.

¹⁹⁰ CAMPOS, Emerson César de. **O Catarinense de bombacha**: Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Catarina. 1999. 119f. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação de História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999, p. 51

¹⁹¹ MOMM FILHO, loc. cit., 21 jul. 2007.

entidade maior, a ATGESC, se afirmasse enquanto uma entidade gaúcha. Para tal, era necessário comprovar de alguma forma que Santa Catarina era uma região historicamente gaúcha. Não bastava afirmar que todo homem do campo era um gaúcho, era necessário afirmar que o catarinense era um descendente de gaúcho por natureza e não por opção. Logo, a ATGESC lança seu Estatuto e um livro a ser distribuído a todos os tradicionalistas do estado, vindo teoricamente comprovar que o catarinense era um gaúcho “verdadeiro”, não por opção, mas pela origem.

- Terceiro momento:

De 1990 aos dias atuais, quando acontece a organização e a fusão das entidades que se intitulavam organizadoras do tradicionalismo em Santa Catarina, ATGESC, MTG, ATG em MTG/SC. No I Congresso Tradicionalista Gaúcho a entidade toma novos rumos, mudando novamente o discurso do “ser gaúcho”, que este é somente um “estado de espírito”, uma “comunidade imaginada”, independente do território onde nasceu e o que importa agora é “se sentir gaúcho” como também participar das suas práticas dentro da comunidade.

Esses três momentos vêm a ser um divisor de águas no tradicionalismo em Santa Catarina, refletindo como uma tentativa de definir uma identidade gaúcha aos catarinenses. No entanto, durante a permanência dessas entidades organizadoras é possível perceber uma apreensão maior da identidade gaúcha no discurso da ATGESC, que por meio de seus estatutos e da publicação do livro, vai incluir o território catarinense nesta comunidade imaginada gaúcha “por direito”, e se autodenominam gaúchos “verdadeiros”, na tentativa de legitimar as suas práticas, ajudando assim a expandir o tradicionalismo gaúcho no estado.

2.3 A NECESSIDADE DE APREENSÃO DA IDENTIDADE GAÚCHA: O GAÚCHO DE AL NETO E O PRIMEIRO RODEIO DO BRASIL

Essa comunidade imaginada ou nação, segundo Anthony Smith, “só podem ser compreendidas, através de uma análise coletiva de identidades culturais ao longo do tempo”.¹⁹² Mas as conexões do passado, com o presente e o futuro, nunca podem constituir relação causal unidirecional. Existem diferentes tipos de conexões,

¹⁹² SMITH, Anthony D. *Nacionalismo: teoría, ideología, historia*. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

dependendo das circunstâncias externas e dos recursos de cada comunidade. Sendo assim, Smith sugere três tipos de relações para melhor entendimento: “continuidade cultural, recorrência e reinterpretação”.¹⁹³ Com o discurso das entidades intituladas de organizadoras do tradicionalismo em Santa Catarina é possível compreender-se, utilizando-se da análise proposta por Smith.

Com o passar do tempo, o Movimento Tradicionalista Catarinense sente a necessidade de afirmar a identidade gaúcha, com a finalidade de garantir a permanência da comunidade aos moldes de como foi imaginada no Rio Grande do Sul. O catarinense não estava sendo visto como gaúcho “verdadeiro” e os CTGs do oeste catarinense ainda não estavam filiando-se ao MTC. Sendo assim, com o propósito de inclusão da entidade nos órgãos públicos, o MTC aproveita a mudança e passa a se chamar Associação Tradicionalista Gaúcha do estado Santa Catarina, e no seu Estatuto passa a narrar uma história que vem a incluir parte do território catarinense na comunidade gaúcha.

O Dr. AL Neto realiza uma pesquisa para encontrar indícios com o intuito de legitimar o catarinense como um gaúcho autêntico, e junto com a mudança do MTC para ATGESC, é lançada a publicação de *O Gaúcho**. De autoria de AL Neto, esta publicação inclui o Estatuto da Entidade e, nela é definido o catarinense como um autêntico gaúcho. A obra é bem recebida pelos tradicionalistas gaúchos. Medindo 10x15cm e com apenas 36 páginas, conta com um conteúdo capaz de influenciar muitos catarinenses a aderirem ao movimento gaúcho no estado, sendo comentada e respeitada até os dias de hoje pelos “tradicionalistas”. AL Neto cita alguns autores e algumas obras, não muito conhecidas, para legitimar a sua tese, e assim tira algumas conclusões:

Edard Larocque Tinker, LOS JINETES DE LAS AMÉRICAS. “Aí está implícita, a definição de gaúcho. O gaúcho não é unicamente o indivíduo natural do estado do Rio Grande do Sul; esse é o riograndense do sul. O gaúcho é o homem cavaleiro das Américas, que recebe na Argentina e no Uruguai o nome de gaúcho; no Brasil, gaúcho; no Chile, guaso; na Venezuela, llanero; no México, charro; e nos Estados Unidos cowboy”.

¹⁹³ SMITH, op. cit., p. 104.

* **O Gaúcho:** publicação muito famosa em Santa Catarina, escrita em 1984, por Afonso Alberto Ribeiro Neto, conhecido por AL Neto, um dos fundadores da ATGESC. Nesta publicação consta a “definição” de quem é o gaúcho. Publicada juntamente com o Estatuto da Entidade, foi distribuída para todos os tradicionalistas do estado de Santa Catarina, com a finalidade de afirmar a identidade gaúcha no estado, principalmente para aqueles que nasceram em Santa Catarina.

John A. Crow, OF LATIN AMÉRICA. "Gaúcho é o campesino do Rio da Prata e do sul do Brasil, muito destro no domínio do cavalo e treinado e eficiente nos trabalhos da pecuária".

Alexandre Dumas (pai), MONTEVIDÉO OU A NOVA TRÓIA "Em As Aventuras dos Campos da América do Sul se encontra a figura inconfundível do homem cavaleiro, daquele que enfrenta uma vida sem temores e sem hesitações: o gaúcho."¹⁹⁴

O autor, que é idealizador e um dos líderes da própria entidade, inicia buscando indícios para afirmar que o gaúcho é o homem do campo do sul do Brasil, não o limitando ao Rio Grande do Sul, mas incluindo toda a região sul do País, de forma que Santa Catarina incluir-se-ia neste espaço territorial do gaúcho, citado pelos autores. Neste sentido, AL Neto, supostamente, resolveria o problema no sentido de não serem considerados gaúchos aqueles que aqui nasceram, indo mais além quando diz que, ser gaúcho é um ser humano que existiu em vários locais, não limitado por fronteiras políticas. Porém, diante daqueles que afirmavam que eram gaúchos, porque nasceram no Rio Grande do Sul, AL Neto continua com sua busca ao passado, e diz que:

Em idioma português, talvez a obra definitiva sobre o gaúcho seja o grande livro de Madaline Wallis Nichols. Escrito sob o patrocínio da Duke University, de Durham, na Carolina do Norte, Estados Unidos. [...]. Um dos pontos mais interessantes da obra da senhora Nichols está em afirmar que o gaúcho não existe em todo o Rio Grande do Sul. Ela afirma que nas regiões Coloniais não existem muitos gaúchos. Ela acentua, e muito bem, o fato de que o gaúcho não é uma designação de nacionalidade, ou de origem territorial, mas simplesmente a designação de uma estirpe, de um ser humano que existiu e existe em vários locais, não limitados por fronteiras políticas nem idiomas. [...]. Quando se fala aqui em gaúcho, o essencial é recordar que não se trata de um toponímico. É um termo que designa certo tipo humano, bem diferenciado dos demais por suas características étnicas, por seus costumes e por sua filosofia de vida. Dentro deste ponto de vista, é gaúcho quem vive como gaúcho, e suas origens justificarem o nome. Assim, um peão de estância, cujo pai e avô já foram peões de estância, e cujas raízes estão ligadas ao campo, que toma chimarrão, que monta bem um cavalo, que só se sente à vontade nos grandes espaços abertos das fazendas e que é emérito trabalhador com bovinos, esse riograndense é um gaúcho. Mas, aquele que não sabe cevar um chimarrão e cujas mãos nunca bolearam um laço, que não sabe montar a cavalo nem castrar um terneiro - esse certamente não é um gaúcho.¹⁹⁵

AL Neto busca reverter a identidade daqueles que se dizem gaúchos porque nasceram no Rio Grande do Sul, dizendo que esses nem sempre são verdadeiros gaúchos. Só fazer parte do território não é o suficiente. Tem de ter como origem o campo, ser descendente daqueles que tinham no campo suas atividades diárias.

¹⁹⁴ RIBEIRO NETO, op. cit., 1984.

¹⁹⁵ RIBEIRO NETO, op. cit., 1984.

Sendo que não existia gaúcho em todo o Rio Grande do Sul, e que nas regiões coloniais havia muito pouco. Vai ser gaúcho somente aquele que souber lidar com o cavalo e demais práticas do campo.

O autor busca afirmar que no território de Santa Catarina existem gaúchos e que estes estão limitados ao Planalto Catarinense. Busca indícios na história da colonização da região a fim de justificar a sua conclusão:

Diante destas premissas compreende-se que quando se fala de um movimento de Tradição Gaúcha não se está falando de um movimento restrito a um estado ou um país. A maior parte dos gaúchos vive nos dois países do Rio da Prata, na Argentina, no Uruguai e no Rio Grande do Sul. Mas há uma menor área minoritária, menor do que a do Rio Grande do Sul, mas nem por isso menos autêntica: uma área do Planalto Catarinense. É fácil nos remontarmos às origens históricas da colonização do Planalto Catarinense. Os primeiros brancos que aqui chegaram foram precisamente os gaúchos, que vieram junto com jesuítas espanhóis. Eram gaúchos, não simplesmente rio-grandenses. Aqui estabeleceram as primeiras vacarias, por volta do ano de 1655. Somente 100 anos depois é que o Morgado de Mateus, premido pela necessidade de tomar conta deste território em nome do rei de Portugal para aqui mandou Correia Pinto, a fim de fundar a cidade de Lages. [...]. Lages, como outras partes do planalto de Santa Catarina, possui uma origem gaúcha bem nítida. Repetimos que a expressão gaúcho aqui não se refere aos naturais do Rio Grande do Sul e sim aos primeiros povoadores desta terra, que foram legítimos gaúchos de origem espanhola, liderados pelos jesuítas.¹⁹⁶

O autor busca ainda subsídios para legitimar a identidade do gaúcho na história, nem que para isso ele tenha que forjar alguns fatos e omitir outros*, a fim de legitimar e garantir a permanência da comunidade aos moldes daquilo que foi imaginado pelo grupo. Havia uma necessidade de afirmação para que a entidade ATGESC fosse solidificada enquanto órgão maior. Mas, para que isto acontecesse, ela teria de garantir a permanência dos seus filiados e fortalecer a identidade coletiva. Sendo assim, além de publicar os conceitos do “gaúcho”, a ATGESC publica seu Estatuto, a fim de tornar público os seus objetivos e ganhar

¹⁹⁶ RIBEIRO NETO, op. cit., 1984.

* Na publicação de AL Neto, não consta bibliografia, o que coloca em dúvida a veracidade das citações do autor. No intuito de encontrar os autores citados por AL Neto, sendo que em sua maioria são norte-americanos, percebe-se que a obra intitulada *La Plata, the Argenite Confederation, Paraguay and Southern Brazil*, citada como sendo de autoria de Thomas S. Page, um oficial da marinha norte-americana enviado para explorar o Rio da Prata, supõe-se que, AL Neto esteja se referindo a obra *La Plata, the Argenite Confederation and Paraguay*, de Thomas Jefferson Page. Contudo, no título da obra de Thomas J. Page não há a inclusão do sul do Brasil e o nome do autor também não corresponde exatamente com o citado. Porém, diante da citação de AL Neto em relação à obra, credita-se que a referência seja da obra de Thomas J. Page. O que vem a reforçar este fato é que o conteúdo da citação de AL Neto é mais uma conclusão sobre a obra de Thomas J. Page do que uma citação direta do mesmo. Esta obra, de Thomas J. Page, é citada e referenciada por mim no primeiro capítulo desta dissertação.

credibilidade, onde o próprio documento oferece a definição daquilo em que se acredita que seja o “ser gaúcho”. A entidade tem como finalidade:

Reunir e coordenar todas as entidades, pessoas físicas ou jurídicas, que cultuam, se interessam ou de alguma forma direta ou indiretamente, promovem a TRADIÇÃO GAÚCHA [...]. O termo gaúcho e respectivas variações, tal como é aqui entendido, não significa apenas o natural do Rio Grande do Sul, mas sim o homem do campo, o estancieiro ou o vaqueiro, o equivalente do “Country Squire” ou do “Cow Boy” das regiões meridionais da América do Sul, tomando-se como pátria do Gaúcho e origem de sua tradição à terra, que começa nos pampas da Argentina e se estende pelo Uruguai e pelo Rio Grande do Sul, até a fronteira simbólica do Rio Marombas, região norte da eterna República Farroupilha. [...] ao cultuar a figura do Gaúcho, a ATGESC não esquecerá que Anita Ribeiro Garibaldi nasceu em território catarinense, [...] que representa tudo o que há de mais elevado no gauchismo. Promover a cultura do campo catarinense [...].¹⁹⁷

Essa busca por um passado a fim de legitimar o presente é melhor entendido em Smith, quando este fala de reinterpretação entre passado, presente e futuro, onde esses líderes “buscam redescobrir” sua história “autêntica” e vincular com supostas “idades de ouro” de seu passado étnico, a fim de regenerar e restaurar seu “glorioso destino”¹⁹⁸, ou seja, há uma preocupação em reinterpretar o passado do gaúcho, na busca por uma história supostamente verdadeira, vinculando o gaúcho a momentos grandiosos e a fatos heróicos, como o exemplo da Revolução Farroupilha em terras catarinenses e, ainda, vinculando a catarinense Anita Garibaldi ao gauchismo, com o intuito de garantir a permanência do discurso tradicionalista. Para firmar ainda mais a permanência do catarinense na entidade, o estatuto vem novamente legitimar sua identidade no momento em que define o seu espaço territorial, dizendo que a “pátria do Gaúcho vai até a fronteira do Rio Marombas”, região do planalto catarinense.

Após 1990, quando acontece a fusão das entidades dirigentes do tradicionalismo em Santa Catarina, em MTG/SC, a entidade passa por inovações e organização na sua estrutura. Passa também por uma nova reinterpretação, pois o número de CTGs cresce, não somente no planalto, mas também no litoral catarinense. Logo, é necessário que o discurso venha garantir a identidade do

* **Ana Ribeiro Garibaldi** - refere-se a Ana Maria de Jesus Ribeiro, mais conhecida como Anita Garibaldi.

¹⁹⁷ ATGESC. **Estatuto da Associação Tradicionalista Gaúcha do Estado de Santa Catarina**. Lages: ATGESC, 1984.

¹⁹⁸ SMITH, op. cit., p. 105.

gaúcho também no litoral, sendo que até então o gaúcho era o habitante do planalto catarinense e, em consequência, o estatuto da entidade sofre algumas modificações, assim o significado do gaúcho também se amplia. Atualmente, o estatuto social em seu parágrafo único do título I, capítulo I, artigo 3º, traz o seguinte conceito:

Parágrafo único: O Termo Gaúcho e respectivas variações, tal como é aqui entendido, não significa apenas o nativo do Rio Grande do Sul, mas sim o homem do campo das regiões meridionais da América do Sul, tomando-se por pátria do Gaúcho e origem de sua tradição à terra, que começa nos pampas da Argentina, se estendendo no Uruguai e pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e outros. O telurismo resultante, já não se restringe a essas Regiões limítrofes, tendendo a espalhar-se por todos os rincões da terra brasileira, em especial à Região formadora da bacia do Prata.¹⁹⁹

Com o passar do tempo, surgem novas situações, e para garantir a comunidade aos moldes de como foi imaginada, é necessário que se organize congressos e convenções para que haja a manutenção de suas práticas. “Eles selecionam e reinterpretam para cada geração os significados do passado dentro dos parâmetros dessa cultura”²⁰⁰, a fim de garantir a permanência dessa comunidade imaginada. O atual estatuto inclui “todo o estado de Santa Catarina e outros” como território dos gaúchos, e já não, restringe a determinadas regiões. Contudo, é possível perceber a significativa expansão do tradicionalismo, não só no planalto e oeste como em todo litoral catarinense, de sul a norte.

Esse processo de reinterpretações a partir de uma busca na história se reflete também nos CTGs, que incluem passados gloriosos para justificar a sua origem, como é o caso do CTG Os Praianos, da cidade de São José, litoral catarinense. No livro publicado por ocasião dos seus 30 anos de existência o autor conta que:

Em 1847, entre o fim de fevereiro e o início de março, São José da Terra Firme recebeu a visita de Dom Pedro II e de Dona Teresa Cristina, o casal imperial do Brasil. [...] sabe-se que, entre outros eventos, em São José foi promovida a apresentação de exímios cavaleiros em tiro de laço (laçadas), pialo, combates de lança, facão e arremesso de boleadeiras. Eram homens vindos do planalto serrano especialmente para a ocasião. O régio casal ficou muito impressionado com o que viu, especialmente com a

¹⁹⁹ MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Estatuto social**. Lages: MTG/SC, 2000.

²⁰⁰ SMITH, Anthony D. **Nacionalismo: teoría, ideología, historia**. Madrid: Alianza Editorial, 2001, p. 105.

indumentária dos peões [...]. O que acabamos de lembrar nos leva à reflexão de que, de uma certa forma, os animados rodeios hoje promovidos pelo CTG Os Praianos têm em sua raiz um relevante acontecimento histórico.²⁰¹

O fato narrado procura lançar o CTG Os praianos a um patamar superior em termos históricos, justificando a origem da entidade, sendo que ela ainda conclui dizendo: “Ousamos mesmo afirmar que o primeiro rodeio do Brasil organizado como um espetáculo aconteceu em São José”.²⁰² Verdade ou imaginação, o fato é que a história narrada impressiona, e é também citada pelo autor Mano Terra, dizendo que: “Esse espetáculo [...], é apontado por inúmeros estudiosos como o primeiro rodeio organizado com fins de apresentação artístico-folclórica da tradição sul - brasileira”.²⁰³

Essa busca incessante ao passado, resgatando fatos heróicos, é um dos fatores que dá legitimidade à comunidade gaúcha, supostamente “autêntica” por seu passado imaginado e por meio de suas práticas, como em concursos de primeiras prendas e peões* ou em palestras, este discurso vem sendo rememorizado. Para tanto, a publicação de *O Gaúcho*, de AL Neto, veio a ser um fator determinante para a autoafirmação do gauchismo no estado de Santa Catarina.

2.4 O CATARINENSE CONQUISTA O ESTADO E ORGANIZA O BRASIL GAÚCHO

A expansão do tradicionalismo gaúcho, em Santa Catarina, é nitidamente percebida com a quantidade de entidades intituladas de Centro de Tradições Gaúchas - os CTGs, que atingem o número de 562, em 2010. Após ter passado por dois momentos significativos, sendo o primeiro de 1957 a 1985, quando acontecem as primeiras tentativas de organização e, de 1985 a 1990, período considerado de transição, com a fusão das entidades supostamente organizadoras e também a

²⁰¹ LISOWSKI; e ARENT, Ilário. **CTG Os Praianos: 30 anos de tradição**. São José: CTG Os Praianos, 2002, p. 9-10.

²⁰² LISOWSKI, Jairo; ARENT, op. cit., p. 10.

²⁰³ TERRA, Mano. **Raízes da América Gaúcha**. Florianópolis: Ilha Xucra, 1993, p. 45.

* Concursos de primeiras prendas e de peões é uma modalidade de competição que escolhe a prenda mais prendada e o peão mais habilidoso. Não é um concurso de beleza. Os concorrentes, prendas e peões, participam de provas escritas, artísticas e culturais. Os peões também realizam provas campeiras, sendo que nas provas escritas os temas são história, geografia, tradição, tradicionalismo e redação, que inclui todo o histórico do CTG, Região, MTG, CBTG e CITG e os conceitos atualizados por ele determinado, entre outras determinações segundo o regulamento atual do concurso.

afirmação da identidade gaúcha, o MTG/SC chega em seu terceiro momento, passando a consolidar-se, a partir de 1990, como única e legítima entidade organizadora e centralizadora do movimento gaúcho no estado de Santa Catarina, que além de organizar o movimento no estado, organiza também em nível de Brasil.

A partir de 1986, o movimento gaúcho em Santa Catarina inicia uma fase decisiva em sua estrutura. O MTG, que em 1985, se une à ATGESC e, dois anos depois, em 1987, passa a ser MTG/SC, divide o estado em 13 Regiões Tradicionalistas, as chamadas RTs, para melhor administrar as práticas dos CTGs.²⁰⁴ Com o objetivo de “garantir” o tradicionalismo “autêntico” no estado, o MTG/SC assume a função de fiscalizar e disciplinar, estabelecendo regras aos CTGs, como também, para cada região é escolhido um coordenador campeiro, um vice e um coordenador artístico*, os quais farão parte da diretoria do MTG/SC, a fim de auxiliar na administração.

Em 1988, entra no comando da entidade Dr. Jacob Momm Filho, que já fazia parte da diretoria anterior como membro da diretoria jurídica e coordenador da 7ª RT. Antes mesmo de ser presidente da CBTG, Dr. Jacob já estava envolvido com alguns tradicionalistas do Rio Grande do Sul, Uruguai, Paraná e São Paulo, para fundar uma entidade que congregasse todos as federações do Brasil. Sendo assim, os presidentes do MTG/RS, MTG/PR e a Federação Paulista de Tradições Gaúchas - FPTG, em uma reunião no dia 23 de maio de 1987, na cidade de Ponta Grossa - PR, fundam a Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha.²⁰⁵ Em seguida, reuniram-se em uma segunda reunião, na data de 29 de janeiro de 1988, na cidade de Vacaria - RS, agora já com a presença de Santa Catarina²⁰⁶, havendo ainda uma terceira reunião, em Itapetininga – SP, na data de 17 de julho de 1988, a qual

²⁰⁴ FALCÃO, op. cit., p. 219.

* Dentro da comunidade gaúcha são estabelecidas práticas campeiras e práticas artísticas. Assim, as regiões terão um coordenador para cada área, onde o campeiro irá dispor de um vice para ajudar nas suas atribuições, como encaminhar pedidos de abertura de novos CTGs e fiscalizar a procedência, bem como poderá recomendar ou não a sua aprovação; encaminhar a confecção de carteirinha ao MTG, pois cada participante do tradicionalismo catarinense terá que ser inscrito diretamente no MTG; também fará a cobrança da anuidade aos CTGs (que é de um salário mínimo ao ano), que além de emitir boletos e enviá-los diretamente aos CTGs, terá esta a função de cobrar os inadimplentes, caso contrário, não poderá participar das práticas oferecidas pelas entidades do estado. Os coordenadores artísticos e campeiros farão o controle dos participantes nas atividades organizadas pelas entidades no estado, que só poderão participar com carteirinha e com anuidades em dia. Cabe ainda aos coordenadores, manter informados seus sócios sobre calendários, reuniões e eventuais mudanças em regulamentos e Estatuto da entidade.

²⁰⁵ CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA. **Ata da primeira reunião de fundação.** Ponta Grossa: CBTG, 1987.

²⁰⁶ CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA. **Ata da segunda reunião de fundação.** Vacaria: CBTG, 1988.

culminou com a escolha do estado de Santa Catarina para ser a sede da Primeira Convenção da CBTG²⁰⁷, e que resultou no Primeiro Congresso Federal da Tradição Gaúcha. Sendo assim, nos dias 8 e 9 de outubro de 1988 acontece o Primeiro Congresso da CBTG, na cidade de Florianópolis - SC, que contou com a presença do presidente da Confederação Internacional da Tradição Gaúcha – CITG, Sr. José Teodoro Bellaguarda de Menezes e Sr. Jorge Menéndez López presidente da Confederação Oriental do Uruguai - MTO, além dos demais presidentes dos MTGs associados e tradicionalistas, onde foi escolhida a primeira diretoria provisória da CBTG. Dr. Jacob Momm Filho, que na ocasião já era presidente do MTG/SC, foi escolhido também presidente da CBTG. A diretoria foi composta pelos seguintes membros:

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA

Primeira diretoria

Eleita dia 08 de outubro de 1988 – empossada no dia seguinte: 09.

PRESIDENTE: Dr. Jacob Monn Filho – Santa Catarina

1º. VICE PRESIDENTE: Zeno Dias Chaves – Rio Grande do Sul

2º. VICE PRESIDENTE: João David Marchesan – Paraná

3º. VICE PRESIDENTE: Dr. Décio Albino de Oliveira – São Paulo.²⁰⁸

Dr. Jacob ocupa o cargo de presidente da CBTG até 15 de outubro de 1989 e neste período, dentre outros compromissos, representou o Brasil no Congresso da Tradição Gaúcha, em *La Plata*, na Argentina²⁰⁹, como também ajuda a elaborar o primeiro estatuto da nova entidade. Como presidente do MTG/SC, por duas gestões consecutivas, de 1988 a 1992²¹⁰, Dr. Jacob organiza a entidade realizando reuniões mensais nas regiões, e o primeiro Festival Artístico no estado. Ainda faz parte de suas realizações a construção da sede própria da entidade. O trabalho desta diretoria irá refletir somente a partir de 1990, na organização do primeiro congresso do MTG de Santa Catarina, intitulado de Congresso Tradicionalista Gaúcho Barriga Verde, onde é incorporada a ATG ao MTG/SC. A partir daí, o MTG inicia seu terceiro momento, que é de afirmação enquanto entidade centralizadora e organizadora do

²⁰⁷ CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA. **Ata da terceira reunião de fundação.** Itapetininga: CBTG, 1988.

²⁰⁸ I CONGRESSO FEDERAL DA TRADIÇÃO GAÚCHA. **Ata da 3ª sessão plenária**, realizada às 10 horas e 30 minutos, do dia 09 de outubro de 1988, no plenário da Assembleia Legislativa do estado de Santa Catarina – Palácio Barriga Verde, em Florianópolis - SC.

²⁰⁹ MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO ESTADO DE SANTA CATARINA.. **Ata de reunião da diretoria do MTG/SC e CTGs que integram a 11ª RT**, realizada extraordinária e excepcionalmente em 28/11/1988, no Parque de Exposições de Ituporanga – SC.

²¹⁰ MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Arquivos do MTG/SC com relação da diretoria dos biênios 1988/1990 e 1990/1992.** Lages: MTG/SC, 2010.

gauchismo em Santa Catarina. Em maio de 1990, o presidente do MTG/SC, Dr. Jacob Momm Filho, é escolhido também presidente de outra importante entidade, a Confederação Internacional da Tradição Gaúcha²¹¹, criando agora não um estatuto, mas uma Carta Constitutiva que vem a ser o documento que rege o tradicionalismo no mundo.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho do estado de Santa Catarina que vinha tentando se firmar ao longo dos anos, buscando fazer relações de reinterpretações no seu discurso, também com o passado, a fim de legitimar o presente, acabou refletindo realmente no futuro, verificando esse reflexo a partir do crescimento de CTGs desde a fundação do primeiro em 1957, até os dias atuais, como visto no gráfico 2.

Os primeiros vinte e sete anos, a partir da data de fundação da primeira entidade gaúcha e criação da primeira entidade organizadora, o estado atinge um número de 132 CTGs, sendo que, posteriormente, em um espaço de tempo relativamente curto, de apenas cinco anos, quando há uma preocupação em afirmar a identidade gaúcha, a partir do livro de AL Neto e a tentativa de unir todos os CTGs a uma entidade organizada, esse número alcança 240, quase o dobro de entidades gaúchas existentes até 1985.

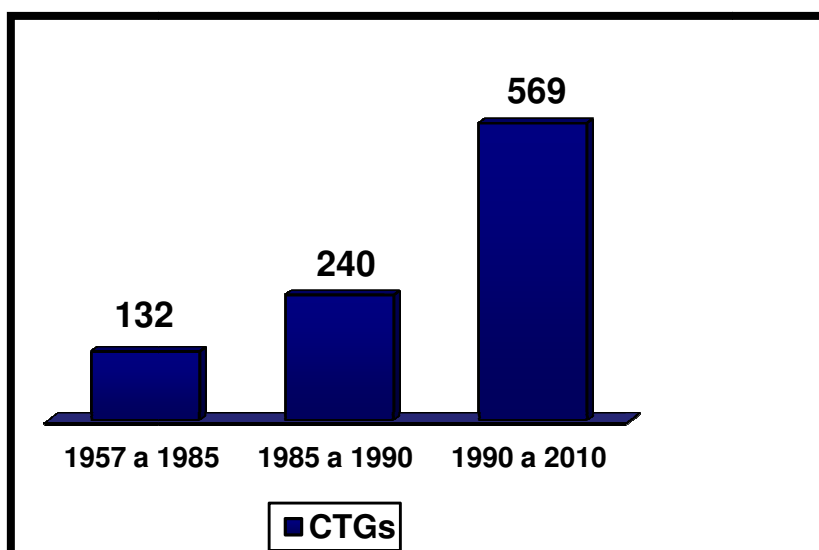


Gráfico 3 - Quantidade de CTGs nos períodos considerados mais significativos pela autora.

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados do arquivo do MTG/SC, 2010.

²¹¹ LISOWSKI; e ARENT, op. cit., p. 133.

A partir dos anos 90, o MTG/SC conquista status e fica conhecido como um dos mais organizados e “legítimos” do Brasil, aumentando assim o número de CTGs a cada ano, chegando em janeiro de 2010, com 562 CTGs e grupos afins distribuídos no estado, de acordo com o mapa da figura 6.

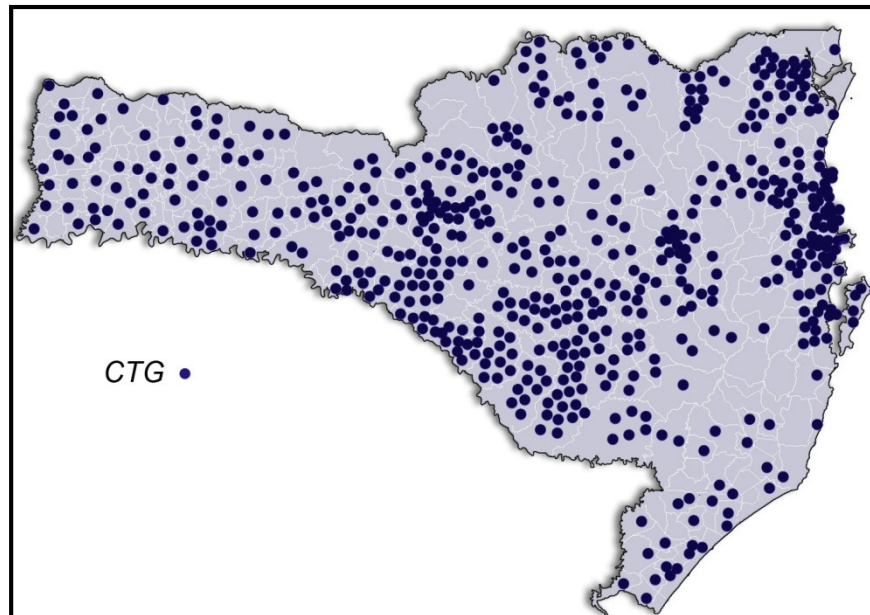


Figura 8 - Distribuição de CTGs por cidades em Santa Catarina.

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados do arquivo do MTG/SC, 2010.

Sendo assim, o MTG/SC organiza o estado, primeiramente em 13 regiões tradicionalista e a medida que o número de CTG foi crescendo o estado é novamente dividido em 16 RTs para melhor administrar o gauchismo em Santa Catarina. Segue o mapa com as atuais divisões regionais:

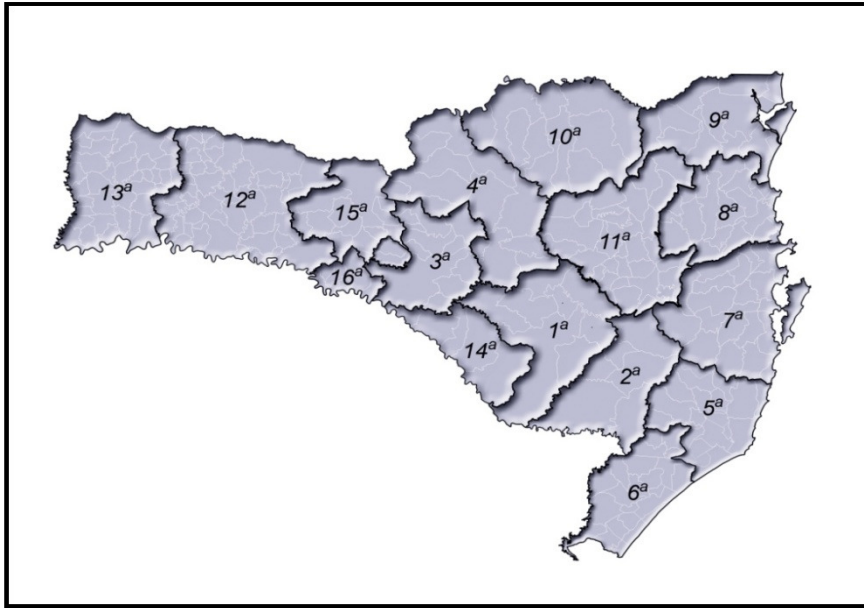


Figura 09: Mapa atual das Regiões Tradicionalistas do MTG - SC
 Fonte: elaborado pela autora a partir de dados do arquivo do MTG/SC, 2010.

As regiões são divididas de acordo com o número de CTGs e a distância existente entre eles. Essa distribuição pode ser melhor percebida no mapa da figura 8 e na tabela 2, onde consta a atual divisão das RTs a quantidade de CTGs compreendidos em cada RT:

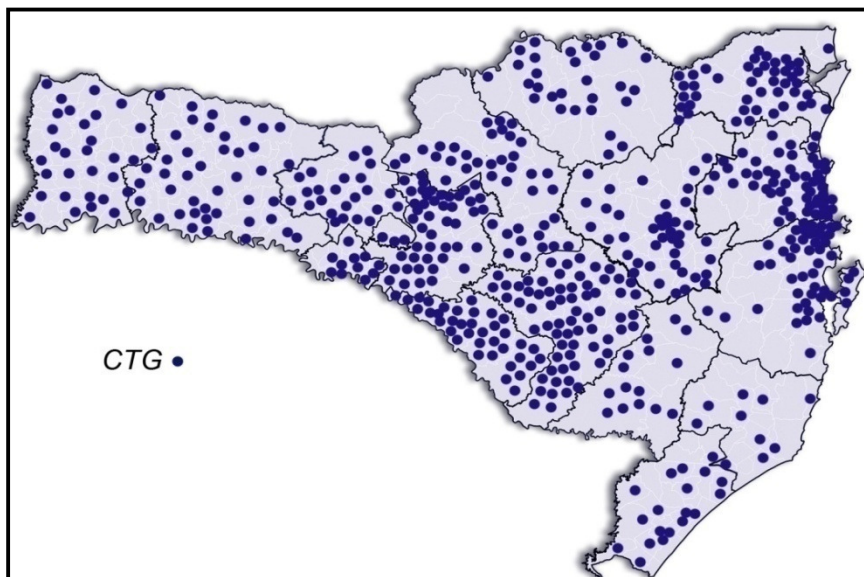


Figura 10: Mapa atual da distribuição de CTGs por RT do MTG – SC
 Fonte: elaborado pela autora a partir de dados do arquivo do MTG/SC, 2010.

RTs	CTGs
1 ^a	67
2 ^a	15
3 ^a	46
4 ^a	41
5 ^a	10
6 ^a	19
7 ^a	49
8 ^a	51
9 ^a	45
10 ^a	29
11 ^a	42
12 ^a	42
13 ^a	31
14 ^a	37
15 ^a	24
16 ^a	14
Total	562

Tabela 4 - Número de CTGs por Regiões Tradicionalistas em Santa Catarina

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados do arquivo do MTG/SC, 2010.

O movimento gaúcho no estado de Santa Catarina atinge grandes proporções e é bem visto em todo o Brasil. Atualmente se faz presente em todas as regiões do estado de Santa Catarina, principalmente em grandes centros urbanos, regiões onde os vínculos com as práticas campeiras ou com o vizinho Rio Grande do Sul são pequenos, como também onde essas referências socioculturais não são predominantes. Esse é o caso da região da grande Florianópolis, Vale do Itajaí e Norte Catarinense, que, depois da região de Lages, são as regiões que possuem a maior quantidade de CTGs. A que fatores pode ser atribuída a presença significativa de CTGs também em grandes centros urbanos? Como se dá a criação dessa memória gaúcha, agora também na cidade? É o que será discutido no capítulo III.

3. GAÚCHO CATARINENSE

Diversos são os fatores a contribuir para a criação dessa memória gaúcha e expansão do tradicionalismo gaúcho no estado de Santa Catarina nos últimos cinquenta anos, iniciando com a criação de entidades gaúchas no Oeste Catarinense e, principalmente no Planalto (central). Mais tarde, é o litoral catarinense o espaço a ser conquistado pelos tradicionalistas. Após 1985, com o desligamento de alguns dirigentes da ATGESC, que fundam a ATG no litoral, inicia um amplo processo de expansão de entidades gaúchas no litoral catarinense, que vai se multiplicar ainda mais após os anos 90.

Depois de todo o processo de afirmação e apreensão de uma identidade idealizada, a partir de uma reinterpretação histórica, tanto na região oeste, por rio-grandenses, quanto no planalto, pelos grupos de interesse formados por catarinenses, é a vez do litoral. Esse discurso vai contribuir para legitimar a presença do gauchismo no litoral, fornecendo credibilidade e atraindo a população a ser adepta das práticas dessas entidades tradicionalistas.

Certamente, a criação e a fixação de uma entidade organizadora ATG no litoral com um discurso baseado na história contribuiu para a expansão, entretanto, não foi o fator determinante. No litoral, a quantidade maior de CTGs veio a fixar-se após os anos 90, em grandes centros urbanos, não em áreas rurais (figura 8). A criação dessa memória gaúcha, no litoral, dar-se-á de forma diferenciada das demais.

Após analisar as RTs do oeste e planalto catarinense, observamos que nas Regiões Tradicionalistas do litoral está concentrado o segundo maior contingente de entidades gaúchas no estado principalmente nos grandes centros urbanos (gráfico 3). Apesar de a região do planalto ter um número superior de entidades, devido aos diversos fatores já vistos, posteriormente, é o litoral que irá concentrar o maior número de filiados.

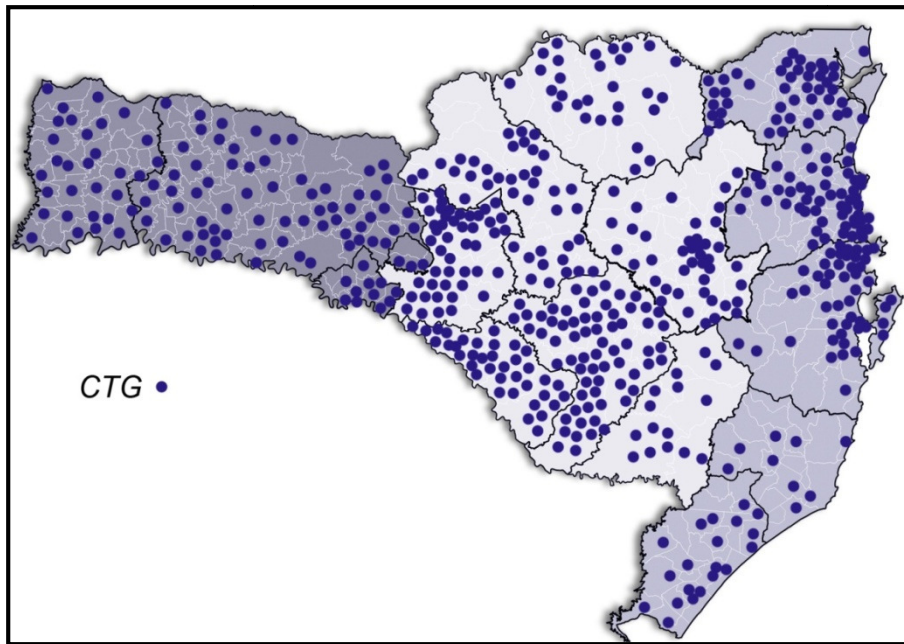


Figura 11 - Mapa do estado de Santa Catarina distribuindo os CTGs em RT e dividindo o Litoral, Planalto Central e Oeste, janeiro de 2010.
 Fonte: elaborado pela autora a partir de dados do arquivo do MTG/SC, 2010.

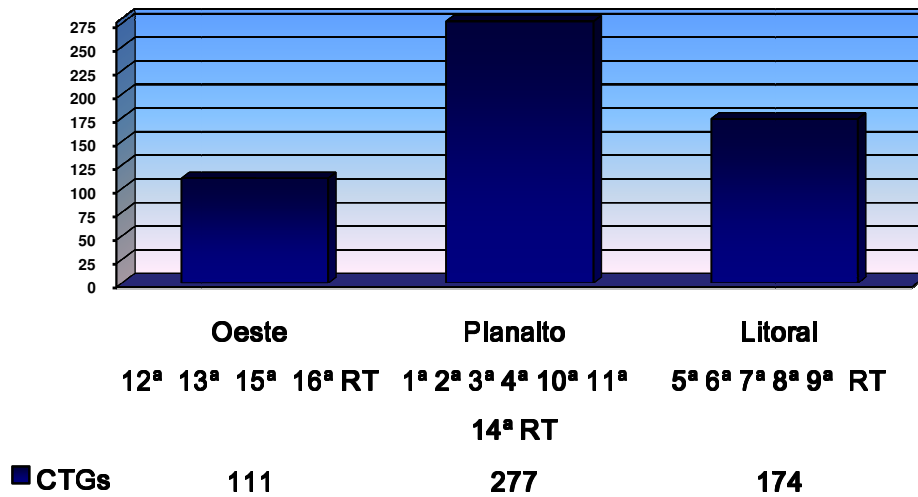


Gráfico 4 - Número de CTGs pelas três grandes regiões catarinenses
 Fonte: elaborado pela autora a partir de dados do arquivo do MTG/SC, 2010.

Analisando a grande região litorânea, RTs que a compõem e CTGs pertencentes a ela, têm-se um número significativo de tradicionalistas gaúchos também no litoral, que requer atenção, principalmente por ser uma região que não terá um passado histórico rico em práticas do campo como o planalto (central), ou

influências significativas de migração do Rio Grande do Sul, como o Oeste catarinense. Entre as Regiões Tradicionalistas da grande região litorânea, temos um total de cinco RTs, com os seguintes números de CTGs:

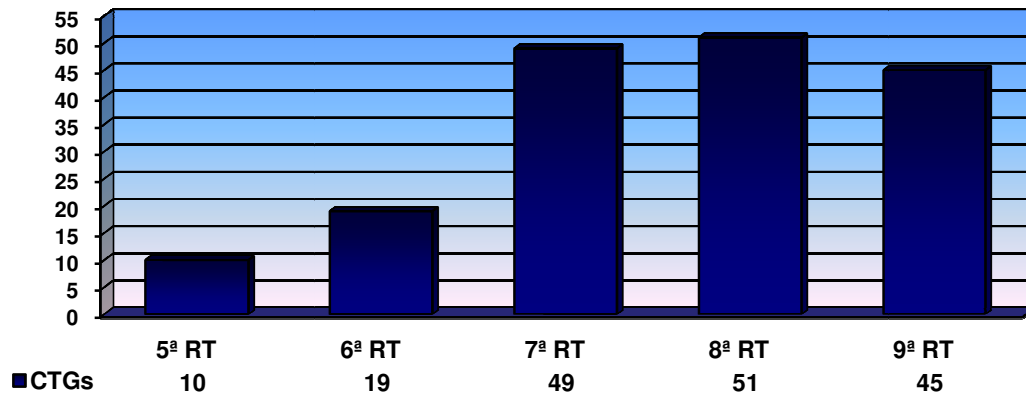


Gráfico 5 - Número de CTGs por RTs do Litoral catarinenses

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados do arquivo do MTG/SC, 2010.

3.1 EUROPEU, CATARINENSE E TRADICIONALISTA GAÚCHO

O sul do estado de Santa Catarina é composto pela 5ª RT e 6ª RT, regiões com um dos menores índice de CTGs do estado, enquanto as demais RTs do litoral constituem o maior número. A 6ª Região Tradicionalista, localizada no extremo sul, embora tenha sido colonizada por açorianos, italianos e alemães²¹², como mostra a figura 12, atraiu também alguns rio-grandenses, os quais foram responsáveis pela criação de uma memória gaúcha no extremo sul do estado. Segundo José Eurico de Souza, natural de Bom Jesus, Rio Grande do Sul, residente atualmente em Criciúma e Coordenador Artístico da 6ª RT:

Os CTGs fundados aqui na sexta região, foram a maioria por rio-grandense, como a gente faz divisa com o Rio Grande, veio muito rio-

²¹² PIAZZA, Walter Fernando. HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina, história da gente**. 3. ed., Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1989, p. 82.

Secretaria de Estado de Coordenação Geral e Planejamento, subsecretaria de Estudos Geográficos e Estatísticos. **Atlas Escolar de Santa Catarina**. Rio de Janeiro. Aerofoto Cruzeiro. 1991, p. 118 a 123.

grandense morar pra cá, o CTG de Turvo foi fundado por rio-grandense, Sombrio, Praia Grande, Araranguá, Criciúma e outros, aqui tem muita influência do Rio Grande do Sul, existe uma troca, o pessoal daqui vai nos rodeios do Rio Grande do Sul e eles vem nos nosso. É uma região mais agricultável, se planta muito arroz e fumo, tem pouca área para criação de gado, para as práticas campeiras por isso não tem tantos CTGs. Aqui é muito forte as tradições dos imigrantes, tanto que aqui em Criciúma tem a festa das etnias, é uma grande festa onde cada etnia é convidada a ter um espaço na festa para divulgar a sua tradição, mas eles não aceitam a gaúcha, nós já fomos convidados a dançar na festa, mas participar efetivamente não aceitaram.²¹³

Os imigrantes europeus da região litorânea do estado de Santa Catarina, diferente do Oeste, não vieram do Rio Grande do Sul como resultado da expansão da imigração daquele estado. As primeiras levas de imigrantes chegaram a Santa Catarina em 1829, originários da Alemanha, e mais tarde começaram a chegar Italianos, entre outros povos de menor número, que também se incorporaram a esse processo de imigração como, poloneses, russos e austríacos²¹⁴, são os chamados “povos transplantados”.²¹⁵

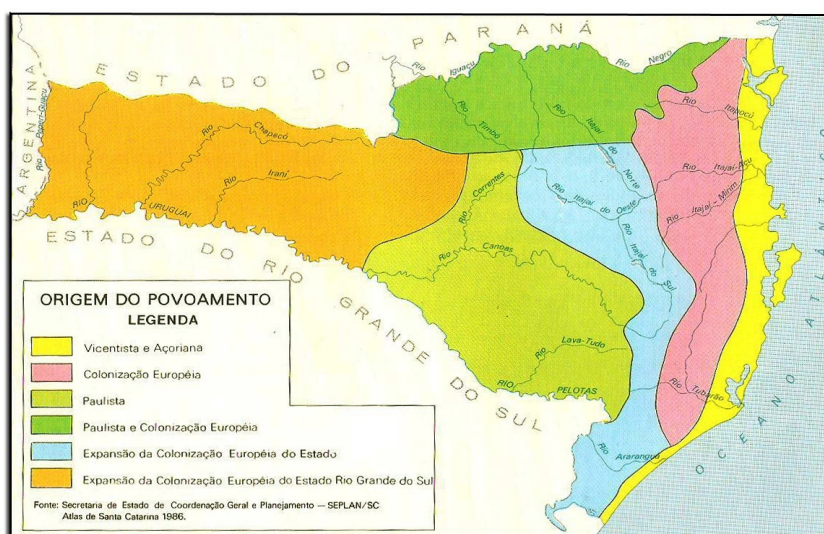


Figura 12 : Mapa da origem do povoamento do Estado de Santa Catarina Fonte: Secretaria de Estado de Coordenação Geral e Planejamento – SEPLAN/SC, Atlas de Santa Catarina, 1986. *apud*, Secretaria de Estado de Coordenação Geral e Planejamento, subsecretaria de Estudos Geográficos e Estatísticos. Op. cit., p. 37

²¹³ SOUZA, José Eurico de. Coordenador Artístico da 6ª RT, associado ao CTG Pedro Raimundo de Criciúma onde faz parte da Diretoria Cultural e Artística, Natural de Bom Jesus, RS, Corretor imobiliário, tem 46 anos, reside em Criciúma, sua filha já foi 1ª Prenda Mirim do MTG – SC e sua esposa foi 2ª Prenda Veterana do MTG – SC e 1ª Prenda Veterana da CBTG. Entrevista concedida a mim em Criciúma em 21 fevereiro de 2010.

²¹⁴ SANTOS, Silvio coelho dos. **Nova História de Santa Catarina**. 4. ed., Florianópolis, Terceiro Milênio, 1998, p.78 e 79.

²¹⁵ Povos Transplantados - é integrado pelas nações constituídas pela implantação de populações européias no ultramar, com a preservação do perfil étnico, da língua e da cultura originais. Ver: RIBEIRO, Darcy. **Configurações Histórico-Culturais dos Povos Americanos**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1975, p. 17.

A região sul do estado, não obteve grande desenvolvimento econômico como o litoral norte, que também recebeu uma considerável leva de imigrantes europeus, com isso suas pequenas cidades conservaram por mais tempo as origens européias, sem a interferência do “outro”. Os alemães, mesmo morando no Brasil e tendo seus filhos nascidos no Brasil, se consideravam cidadãos alemães, “cidadania na tradição alemã domina o *jus sanguinis*, o que significa que se considera alemão todo aquele que possui sangue alemão, independentemente do solo em que tenha nascido, vindo a desembocar naquilo que se pode chamar de movimento germanista²¹⁶, a fim de proteger as suas origens.

A festa das etnias na cidade de Criciúma, criada em 1989 para celebrar as cinco etnias “fundadoras e/ou construtoras as cidade”²¹⁷, é um forte aliado no conservadorismo da imigração, uma festa que tende a atrair os descendentes desses imigrantes, ainda que hoje a cidade agregue uma diversidade cultural, a festa chama atenção para a preservação das “culturas de origens”, o que vem a ser um dos fatores a contribuir para a não expansão do tradicionalismo gaúcho no sul do estado Catarinense. Mesmo que a migração de rio-grandense para o sul do estado tivesse sido em menor número, os poucos CTGs existentes na região foram fundados em sua maioria por rio-grandense, sendo que a proximidade com o estado vizinho Rio Grande do Sul também veio a contribuir para a criação dessa memória gaúcha no sul do estado.

A 5ª RT, no entanto não tem um número significativo de CTGs, constituindo apenas dez, é a região com o menor número de CTGs no estado, com as mesmas características na imigração, porém não faz divisa com o Rio Grande do Sul, como também seus CTGs não foram fundados por rio-grandenses. Os CTGs foram fundados em sua maioria, por pessoas de origem portuguesa. Segundo Eurico, citado anteriormente:

Os CTGs fundados na 5ª RT, são entidades que foram surgindo não por uma ideologia, mas atraídos pelo lucro que dava ter um CTG e fazer um rodeio, alguns porque gostavam também, claro! A pessoa tinha um sítio e era atraída a fundar um CTG próprio, tanto que nem um CTG da 5ª RT, tem a parte cultural e artística na sua entidade, eles só pensam na campeira e rodeio, como também tem alguns também aqui na 6ª região,

²¹⁶ GERTZ, René E. A construção de uma nova cidadania. MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. **Os alemães no Sul do Brasil**. Canoas, Ed. ULBRA, 1994, p. 30.

²¹⁷ CAMPOS, Emerson César de. **Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas na cidade contemporânea, Criciúma, SC 1980-2002**. Florianópolis, Tese de Doutorado, 2003.

mas estes estão se acabando, porque a coisa não é bem assim, hoje em dia sai caro fazer um rodeio.²¹⁸

A questão de se fundar um CTG, atraído pelo lucro vai ficar mais evidente nas demais regiões do litoral, onde estão situadas as cidades com maiores contingentes populacionais. Segundo ainda Balbino João Severino, vice-diretor campeão do MTG – SC, residente em Imbituba, 5ª região, “aqui na quinta, tem muito açoriano, tem CTG familiar que é tocado pela família, mas também a maioria é associação”.²¹⁹ Balbino fala em CTG familiar, o que vem ao encontro do depoimento de Eurico quando fala sobre o fato de que donos de sítios fundam CTGs próprios e que não vai funcionar como uma instituição associativa.

O fato é que o tradicionalismo no sul do estado não atingiu um contingente maior de adeptos, porém, estão presentes tanto como participantes como também na fundação de alguns CTGs do Exterior, pois, nas últimas décadas do século XX, a região sul do estado de Santa Catarina revela uma emigração significativa para o exterior.²²⁰

²¹⁸ Entrevista concedida a mim na cidade de Criciúma, 21 fevereiro de 2010.

²¹⁹ SEVERINO, Balbino João. Vice diretor campeão, associado ao CTG 13 Guapos de Imbituba, onde foi Patrão por quatro gestões, tem 62 anos e reside em Imbituba.

Entrevista concedida a mim na cidade de Imbituba, 21 fevereiro de 2010.

²²⁰ Santa Catarina que recebeu uma intensa imigração no século XIX e início do século XX, chega no final do século XX como um dos principais estados a enfrentar uma emigração significativa de brasileiros para o exterior, principalmente oriundos da cidade de Criciúma. Wilson Fusco revela que “Os Estados Unidos abrigam 86% dos migrantes valadarenses e 60% dos oriundos de Criciúma; esta cidade também apresenta fluxos relevantes para a Itália (14%) e Portugal (11%), relacionados à presença de descendentes de imigrantes italianos e portugueses em Santa Catarina”. FUSCO, WILSON. Migração e Redes Sociais: a distribuição de brasileiros em outros países e suas estratégias de entrada e permanência. In: Ministério das Relações Exteriores (Org.). **Brasileiros no Mundo**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008, v. I, p. 159-180. Considerada uma das cidades brasileiras com mais imigrantes no exterior, Criciúma ganha destaque na imprensa nacional: “A cidade de Criciúma, considerada Nova Valadares, com mais de 20.000 catarinenses da região de Criciúma vivendo nos Estados Unidos, O sonho americano em Criciúma começou com a decadência das minas de carvão. Até 1990, a atividade empregava parte considerável da população. REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, 6 de outubro de 1999, p. 128 e 129. Ver sobre as minas que carvão entre outros produtos que responsáveis pela economia no sul do estado em: LINS, Nunes Lins Hoyêdo. **Clusters industriais: Um estudo exploratório sobre Santa Catarina**. SANTOS, Maurício Aurélio dos. **A indústria de descartáveis plásticos do sul de Santa Catarina**. SANTOS, Maurício Aurélio dos.(Org). **Ensaio sobre Santa Catarina**. Florianópolis. Letras Contemporâneas. 2000, p. 24 a 81.

<i>País</i>	<i>Governador Valadares</i>	<i>Criciúma</i>	<i>Maringá</i>
Estados Unidos	85,6	60,0	0,1
Canadá	2,5	1,6	--
Portugal	2,3	10,9	0,1
Japão	0,2	0,4	99,3
Itália	0,8	14,3	--
México	0,2	4,5	--
Outros	8,4	8,3	0,5
Total (%)	100,00	100,0	100
Total (N)	514	505	722

Tabela 5: Distribuição de migrantes brasileiros segundo país de destino, por cidade de origem no Brasil.

Fonte: FUSCO, WILSON. Migração e Redes Sociais: a distribuição de brasileiros em outros países e suas estratégias de entrada e permanência. In: Ministério das Relações Exteriores (Org.). **Brasileiros no Mundo**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008, v. I, p. 159-180.

A viagem imaginada era de ida e volta, a fim de estabelecer-se financeiramente e voltar para terra natal, volta que muitas vezes não aconteceu, constituíram família e estabeleceram-se na sociedade de destino, levaram para a sociedade de imigração amigos, parentes e conterrâneos, formando uma comunidade étnica, constituindo uma comunidade brasileira no país escolhido articulada a uma complexa rede de relações de parentesco, amizade e origem comum²²¹, o que levou à formação de Centros de Tradições Gaúchas no exterior, uma representação simbólica que afirmava a identidade nacional.

A presença do catarinense nos CTGs do exterior é notada nos eventos gaúchos daquele país. Nos eventos tradicionalistas como, nos Encontros Nacionais do Tradicionalismo Gaúcho, organizado pela CNATGB nos Estados Unidos é possível encontrar catarinenses da região de Criciúma, inclusive integrando a diretoria de CTGs naquele País. Também é possível perceber a bandeira de Santa Catarina presente nos referidos eventos tradicionalistas.²²² No entanto, os CTGs na região sul do estado de Santa Catarina não atingira grande número, porém a presença de tradicionalistas gaúchos daquela região em CTGs no exterior é destaque dentro do tradicionalismo gaúcho.

²²¹ ASSIS, Gláucia de Oliveira. Emigrantes brasileiros para os EUA e a (re) construção da identidade étnica. In: TORRES, Sonia (Org.). **Raízes e Rumos: perspectivas interdisciplinares e estudos americanos**. Rio de Janeiro. 7Letras. 2001, p 201.

²²² Ver fotos e artigos dos eventos da CNATGB e dos CTGs dos Estado Unidos nos seguintes endereços: [<http://www.ranchogaúcho.com/encontro.cfm>] e [<http://www.ctgnj.com/galeria.php>].

O contingente maior de CTGs no litoral catarinense será na 8ª RT no Vale do Itajaí, 7ª RT região da grande Florianópolis e 9ª RT no norte, incluindo a maior cidade do estado, Joinville, regiões onde a imigração também se fez presente. Embora o estado tenha recebido um contingente maior de italianos e portugueses²²³, na região norte e nordeste do estado é o imigrante alemão que vai se destacar no cenário sócio-cultural. Foram as colônias alemãs, porém, as primeiras que se desenvolveram economicamente, no sentido de ultrapassar o estágio meramente agrícola da exploração econômica e chegou à industrialização, logo o sucesso teria levado a se identificar grande parte do estado de Santa Catarina como de descendência alemã.²²⁴

O sucesso econômico das colônias alemãs, principalmente na região do Vale do Itajaí, Joinville e Blumenau, também será somado a outros fatores, inclusive com a participação de outras etnias. A primeira república em Santa Catarina trazia consigo um novo círculo de poder com ligações mais estreitas com as áreas de colonização do vale do Itajaí e Nordeste do estado, a ascensão dos políticos dessa região culmina com o sucesso econômico da mesma, sendo assim, em 1907, das doze principais empresas existentes em Santa Catarina, seis estavam localizadas em Joinville, quatro em Blumenau, uma em Brusque e uma em Florianópolis.²²⁵

Sendo assim o sucesso econômico da região é resultado de uma soma de fatores, e diante da intensa industrialização, as regiões recebem um contingente populacional elevado, vindo a ser as regiões com as maiores cidades do estado. Por se tratar de cidades que terá um grande crescimento populacional e diante de uma diversidade cultura, o tradicionalismo gaúcho se expande com mais facilidade.

²²³ FOUQUET, Carlos. 1974 *apud* KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro**. Florianópolis. Papa livro, 1994, p. 25 e 26.

²²⁴ HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: o Modelo Catarinense de Desenvolvimento**. Blumenau: Editora da FURB, 1987, p. 25.

²²⁵ BITENCOURT, J. B. Cidades em movimento. In: Ana Brancher. (Org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. 2 ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999, v. p. 33.

3.2 O ENCONTRO DA IDENTIDADE RURAL NO ESPAÇO URBANO

Entre as RTs que compõem o litoral, as entidades tradicionalistas gaúchas irão se concentrar nas cidades com os maiores índices de população do estado (gráfico 4). Logo, se faz necessário analisar o porquê dessa população urbana aderir à cultura campeira, dizendo ser uma “tradição de práticas do campo na cidade”. A partir dos dados populacionais do gráfico 6, é possível observar que as RTs com maior contingente populacional (7ª, 8ª e 9ª), estão no litoral.

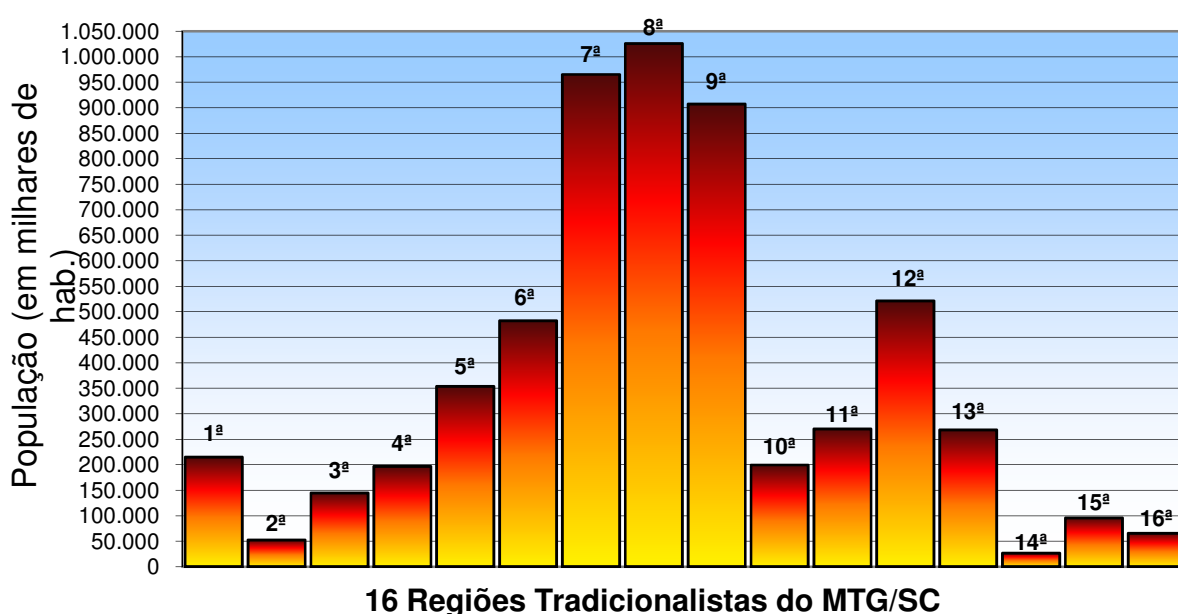


Gráfico 6 - População por RTs em Santa Catarina.

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados do arquivo do MTG/SC e dados populacionais do IBGE de acordo com a contagem da população 2007 (população recenseada e estimada, segundo os municípios de Santa Catarina – 2007)

É perfeitamente possível realizar uma análise sobre a quantidade de CTGs em locais onde as práticas campeiras faziam-se freqüentes, como um produto do meio, ou onde houve iniciativas de migrantes rio-grandense de fundarem entidades gaúchas em terras catarinenses. Entretanto, é um pouco complexo explicar uma tradição do campo em grandes centros urbanos²²⁶, onde essas práticas eram quase nulas, onde a diversidade cultural é soberana que é o caso das 7ª, 8ª e 9ª RT, onde se localizam cidades como Joinville, a maior cidade do Estado, Florianópolis e Blumenau, entre outras, ou seja, os maiores centros urbanos de Santa Catarina.

²²⁶ Sobre Rural e Urbano ver: VEIGA, José Eli. **Cidades Imaginárias: o Brasil é menos Urbano do que se calcula**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

O primeiro fator que se pode considerar para a análise é o êxodo rural em Santa Catarina²²⁷, o crescimento da população urbana catarinense, superando a rural, pois principalmente nos anos 80, há o deslocamento da população do campo para a cidade, em busca de uma vida melhor, ou seja, a migração da população do interior do próprio Estado para as grandes cidades, como também do interior de outros Estados brasileiros para o litoral catarinense. Mas, principalmente do interior de Santa Catarina, caracterizando a intensa migração para os centros urbanos que vai concentrando-se de forma gradativa nas grandes cidades próximas ao litoral. Este aumento da população urbana vai coincidir com o crescente número de CTGs nestas grandes cidades, o qual inicia também na década de 80 e cresce ainda mais após os anos 90, quando os migrantes do interior estão estabilizados, social e financeiramente, nos grandes centros urbanos.

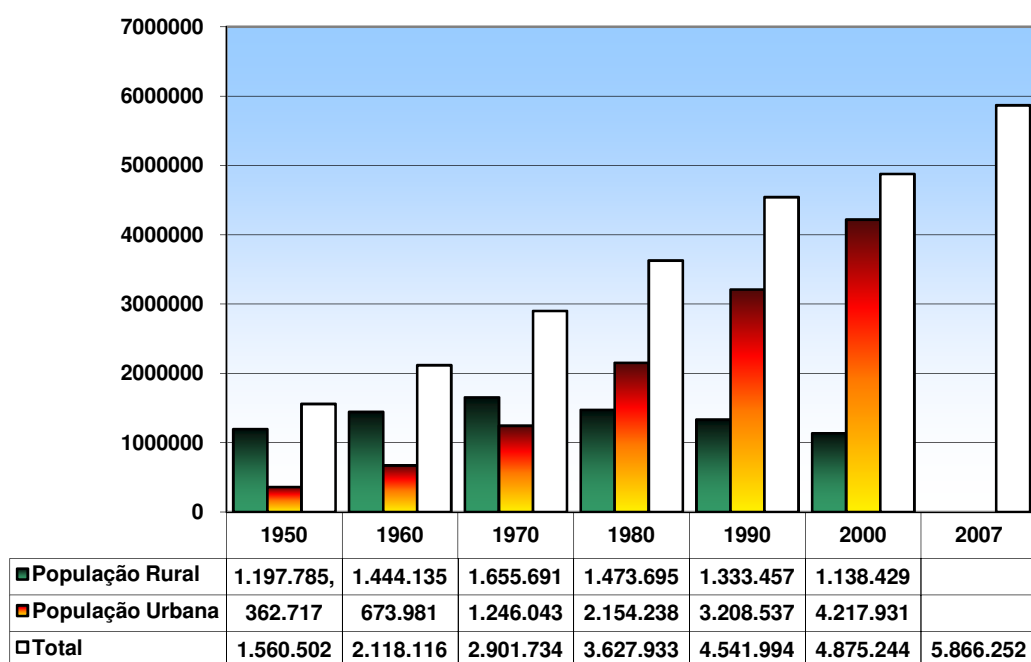


Gráfico 7 - Evolução da população rural e urbana em Santa Catarina entre os anos de 1950 e 2007.

Fonte: IBGE, senso demográfico de 2000 e contagem da população (estimada e recenseada em 2007).

Esse novo habitante da cidade se vê com uma necessidade de reconstrução e afirmação da identidade na diferença. Longe da realidade que o cercava, o migrante não quer voltar para o interior, mas quer reviver, os usos e costumes que tinha antes de migrar. O movimento tradicionalista gaúcho que, após os anos 90,

²²⁷ CORRÊA, Carlos Humberto (org.). **A realidade catarinense no século XX**. Florianópolis: Instituto histórico Geográfico de Santa Catarina, 2000, p. 271.

ocupou uma posição de *status* como uma entidade que busca reviver práticas do campo, na cidade, chama também a atenção daqueles que se sentem deslocados no meio urbano, no sentido sócio-cultural, passando o CTG a atrair este migrante campeiro, agora totalmente urbano, para fazer parte dessa comunidade imaginada.

Nos anos 90, o MTG em Santa Catarina destaca-se nacionalmente e ocupa lugar de *status* no Estado. O novo habitante sente-se atraído, não pela história do gaúcho, mas pelas qualidades que contribuiu para a formação do mito do gaúcho, como visto no capítulo I, vindo a identificar-se com as qualidades de coragem, bravura, valentia, hospitalidade, entre outras, atribuídas ao mito do gaúcho ao longo do tempo. O novo habitante da cidade também se auto-intitula um “gaúcho”, pelo fato de que, com coragem e bravura, veio para a cidade e venceu os obstáculos, apropria-se de uma identidade a fim de garantir a sua permanência no novo ambiente. Na cidade ele não está no seu *habitat* de origem, sendo assim, não se sente, nem do campo, nem integrado à cidade. Segundo Bauman, este migrante sente-se total ou parcialmente “deslocado”, como se não estivesse totalmente em lugar algum. Esta sensação poderá ser uma experiência desconfortável e em muitos casos até perturbadora²²⁸, sendo que garantir a sua permanência no seu novo ambiente é necessário.

As práticas oferecidas pelos CTGs despertam a atenção neste momento e serão determinantes para a integração desse indivíduo no novo ambiente, pois são semelhantes àquelas vividas por eles no interior, e revivê-las na cidade por intermédio do CTG, permite-lhe suprir a saudade do campo, através de memórias, como também apropriar-se dessa identidade que é sinônimo de *status*. Sendo assim, a procura não é pelo “ser gaúcho”, mas participar das práticas do CTG que lembram algum momento da sua vivência no passado.

Essa busca por identificações do passado no seu presente, a fim de vivenciá-las, e assumir uma identidade, vai acontecer na cidade, não só no CTG como também nas Academias de Danças Gaúchas - ADGs*, pois mesmo com o

²²⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2005, p. 18 -19.

* **ADG** - Academia de Danças Gaúchas são grupos de pessoas, que em sua maioria não são filiados aos CTGs e MTGs, mas que a partir de algumas práticas gaúchas, neste caso, a dança, formam grupos em média de 15 pessoas, a fim de ministrar cursos de danças gaúchas. Além da dança, são ensinadas outras práticas do viver gaúcho, como a história, a indumentária definida como gaúcha, a poesia, causos gauchescos, entre outras práticas, sendo a campeira, a única que não é passada devido aos locais serem inviáveis, pois são realizados em escolas, salões comunitários, clubes, grandes espaços alugados de particulares, entre outros.

crescimento no número de CTGs ainda há espaço suficiente para o surgimento de mais entidades. Logo, surgem as ADGs que irão trazer à tona outras práticas, além da dança gaúcha. A ADG vai ensinar o culto aos valores do gaúcho, valores estes pré-determinados pelo MTG/SC, mesmo que as ADGs não sejam filiadas ao MTG/SC. Contudo, são as ADGs que serão responsáveis por “formar gaúchos” em seus cursos, ensinando, segundo os tradicionalistas, a filosofia do gauchismo, como: princípios morais, valores da família, respeito, ética, honestidade, hospitalidade, enfim, uma filosofia tida como do gaúcho.

Essas iniciativas serão determinantes para atrair um grande número de adeptos ao gauchismo, principalmente nas grandes cidades dessas regiões tidas como alemãs, onde o tradicionalismo gaúcho vem firmar um sentimento de pertencimento, fixando os indivíduos a uma raiz, uma identidade própria, principalmente em uma região onde as festas tidas como “típicas” dos imigrantes começam a ganhar espaço. O próprio poder público estadual incentiva a exploração turística catarinense baseada no incentivo à tradições locais, procurando dar uma caracterização específica às cidades, dotando-as de uma identidade tipificada que pudesse ser colocada no mercado fazendo movimentar a economia local.²²⁹ Surge nos últimos anos a *Oktoberfest* em Blumenau, considerada a maior festa “típica alemã” do país, com o intuito de melhorar as finanças da cidade que havia sofrido uma seqüência de trágicas enchentes, após realização da primeira *Oktoberfest*, em outubro de 1984. Evento que já havia acontecido em janeiro do mesmo ano na vizinha cidade de Pomerode, uma festa para mostrar ao País a “cidade mais alemã do Brasil”²³⁰, muitas outras festas vão surgir no cenário catarinense, como *Fenachopp*, em Joinville, que hoje já não existe mais; *Schützenfest*, em Jaraguá do Sul, lembrando a tradição dos atiradores, cuja origem remonta à idade média na Alemanha; Fenarreco em Brusque, criada para divulgar um prato “típico” alemão; Marejada em Itajaí, considerada a maior festa portuguesa e do Brasil; Fenastra em

²²⁹ BITENCOURT, J. B. Cidades em movimento. In: Ana Brancher. (Org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. 2 ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999, v. p. 37.

²³⁰ WOLFF, Cristina Scheibe, FLORES, Maria B. Ramos. A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. **Os alemães no Sul do Brasil**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994, p. 214.

Florianópolis, festa nacional da ostra e da cultura açoriana, e muitas outras que darão ênfase a cultura e a economia local.²³¹

Muitos indivíduos já não se sentem alemães, italianos, portugueses, etc. Na atual conjuntura a população é resultado de uma miscigenação, sendo assim, difícil de identificar as origens étnicas da maioria dos indivíduos, fazendo com que muitas pessoas se identificassem com o CTG, que não exigia uma origem, segundo o estatuto do MTG – SC, não estipula uma origem, bastaria gostar e se identificar com a filosofia do gauchismo.

Porém, o gauchismo atraiu inclusive aqueles considerados de “origem”, da mesma forma como aconteceu no Rio Grande do Sul. As “mamas” vestiram de prenda suas “bambinas” e os *tozatti* fizeram-se homens dentro das bombachas. Prendas e peões carregados de sotaque dançam a chimarrita e animam fandangos.²³² É comum ver muitos descendentes de alemães, italianos, entre outras etnias, vestidos com a indumentária tida como gaúcha e freqüentando CTG em plena cidade de Blumenau.



Figura 13 : Prenda da cidade de Blumenau.
 Fonte: Jornal Buenas Chê, da cidade Blumenau.
 [http://www.buenas.com.br/edi113/fuxicos.htm] acesso em 17 dez. 2008.

²³¹ As festas citadas, bem como outras que fazem parte do cenário das festas “típicas” de Santa Catarina são encontradas no site do governo do Estado:

[http://www.belasantacatarina.com.br/festas.asp] acessado em 13/12/2009.

²³² FACCIÓNI, MAESTRI, op. cit., p. 206.

Através desta imagem fotográfica, podemos analisar a indumentária utilizada pelo sujeito que se deixou fotografar e o próprio sujeito. A semelhança deste vestido de prenda com os vestidos utilizados nas festas alemãs que acontecem na região ou nas comunidades imaginadas alemãs são visíveis, vindo retratar um hibridismo. A imagem é de uma prenda da cidade de Blumenau, que, por ocasião de seu aniversário no ano de 2002, foi fotografada por um colunista social, para que posteriormente a fotografia fosse publicada em um jornal gaúcho, Essa imagem, passará por um processo de multiplicação, ao olharmos a imagem, o vestido se destaca na fotografia e a alegoria chamará atenção para a comunidade alemã. Miriam Moreira Leite identifica como fotografias usadas de maneira dirigida:

O valor de culto as imagens dá lugar ao valor de exibição (...). A multiplicação das imagens feita a ponto de anular a percepção de seu observador conduz ao problema da saciedade da percepção, um dos complicadores da leitura da imagem.²³³

No momento em que as pessoas olharem a imagem impressa em jornais, analisarão em seu primeiro momento a indumentária, que na fotografia é o que mais chama atenção, alterando assim a identidade da prenda (criada pelo MTG) e já que toda representação tenta passar a idéia de verdade, neste caso, será confundida com signos das tradições alemãs e ainda assim passará uma idéia de verdade, pois neste momento são os adereços que irão determinar e identificar o indivíduo. Através da fotografia, a alegoria que será confundida com a alemã, irá atrair mais adeptos ao movimento gaúcho pela eventual semelhança com a sua cultura de “origem”.

Sendo assim a 7ªRT, 8ªRT e 9ªRT, vieram atrair muitos adeptos na região considerada o “Vale Europeu” do estado de Santa Catarina, vindo a ser as regiões do litoral com maior número de CTGs. Alguns desses CTGs, a exemplo das festas “típicas” dos imigrantes, também nasceram com objetivos de obter lucros, ou são “CTG familiares”, e não uma associação de cunho ideológico. Recentemente, foi realizado um diagnóstico²³⁴ com os CTGs do estado de Santa Catarina, a fim de saber a atual situação dessas entidades, sendo possível constatar, dentre outras situações, os CTGs que pertencem a particulares.

²³³ MOREIRA LEITE, Miriam. A imagem através das palavras. in: retratos de família. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1993. p. 24.

²³⁴ O diagnóstico foi realizado através das primeiras Prendas do MTG – SC, e supervisionado pela autora, na ocasião do IX Congresso Tradicionalista gaúcho Barriga Verde na cidade de São José.

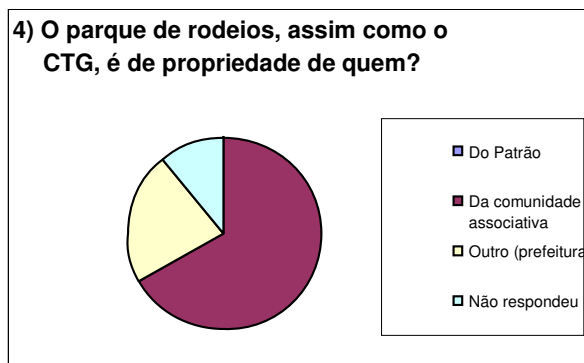


Figura 14: Proprietários do CTG – 12ª RT Fonte: ZIMMERMANN, Eronides. SIEVERT, Allan. **Diagnóstico da situação das entidades tradicionalistas gaúchas do Estado de Santa Catarina, Resultado das análises.** São José. MTG – SC, 2006, p. 150.

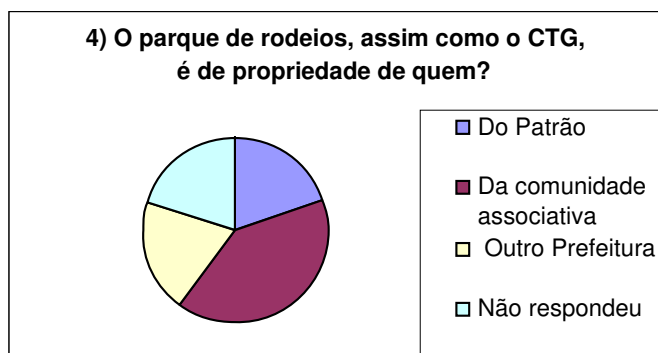


Figura 15: Proprietários do CTG – 8ª RT Fonte: ZIMMERMANN, Eronides. SIEVERT, Allan. **Diagnóstico da situação das entidades tradicionalistas gaúchas do Estado de Santa Catarina, Resultado das análises.** São José. MTG – SC, 2006, p. 99.

Comparando a 12ª RT, situada no oeste catarinense, região onde inicia a criação de CTGs no final da década de cinquenta e que hoje conforme o gráfico 4, é a grande região que possui o menor número de entidades, podemos perceber que embora haja poucos CTGs, não há entidades de cunho particular, e sim associativa, o que já não acontece no litoral, comparando com a 8ª RT no vale do Itajaí, embora seja a região com o maior número de CTGs do litoral, há uma quantidade significativa de entidades que não pertencem a associações, e sim a particulares, ficando conhecida entre os tradicionalistas como entidades que visam lucros, mas que também contribui para a expansão do gauchismo no litoral.

São diversos os fatores a contribuir para a construção dessa memória gaúcha no estado de Santa Catarina, além do discurso, as práticas do tradicionalismo gaúcho serão os fatores determinantes para atrair mais adeptos ao gauchismo, pois cada qual se identifica com determinadas práticas, adotando-as como suas, e passam a fazer parte dessa comunidade gaúcha.

3.3 NECESSIDADE DE RECONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NA DIFERENÇA

O tradicionalismo em Santa Catarina é uma alternativa para aquelas pessoas que desejam preservar algumas referências culturais, que se identificam e adotam algumas práticas criadas pelo MTG, reconstruindo uma identidade na diferença. Passado o momento da identificação, o indivíduo vai à busca pela afirmação, a fim de legitimar a sua permanência na comunidade, participando fielmente das práticas criadas pelo MTG, buscando sempre a sua autenticidade como gaúcho. Essa busca por uma identidade dar-se-á, segundo BAUMAN, por não estar na sua “comunidade de vida”.

Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros “vivem juntos numa ligação absoluta”, e outras que são “fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios”. [...]. A questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” da segunda categoria – e apenas porque existe mais de uma idéia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por idéias” a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural”. É porque existem tantas dessas idéias e princípios em torno dos quais se desenvolvem essas “comunidades de indivíduos que acreditam” que é preciso comparar, fazer escolhas, fazê-las repetidamente [...].²³⁵

O deslocamento do campo para a cidade fez com que esse indivíduo saísse dessa “comunidade de vida” e seguisse em direção à comunidade de destino, caso contrário, dificilmente ocorreria essa indagação sobre a sua identidade. A busca de afirmação acontece por estar vivendo em uma comunidade destino, fundida por mais de uma idéia, onde este indivíduo faz a sua escolha em meio a tantas idéias, e tende a legitimá-la. É o que se percebe na declaração de Celívio Holz*, um rio-grandense

²³⁵ BAUMAN, op. cit., p. 17.

* **Celívio Holz** - engenheiro agrônomo e mestre em jornalismo agrícola, nascido em General Câmara – RS. Veio para Santa Catarina para trabalhar na ACARESC, atual Epagri – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S. A., para atuar em programas

que reside em Florianópolis/SC, desde 1974, que entrou para o tradicionalismo gaúcho somente após vir morar em Santa Catarina. Holz fala dos motivos que o levou a ser adepto do tradicionalismo gaúcho em terras catarinenses:

Nos convidaram para fazer um curso de danças de fandango, no início de noventa e um, [...] esse curso foi dado por Moacir Conrad, ele tinha vindo de Lajeado, no Rio Grande do Sul, para dar cursos nesta área da grande Florianópolis, que não existia ainda. Um ano depois de termos feito esse curso, o pessoal começou a se organizar para montar uma entidade. Montamos um grupo de amizade como nós chamamos, [...] depois fundamos o grupo Ilha Xucra com mais de 150 famílias [...]. Pois é, tudo o que chamou atenção foi esse curso de danças de fandango em que o Moacir dava alguma noção de alguma coisa sobre o gauchismo. [...]. Me identifiquei principalmente pelos costumes que o meu pai tinha, né. Com formas de relacionamentos que nós tínhamos em casa, com aqueles princípios morais. O pai sempre era uma pessoa muito retilínea, muito preocupado com a honestidade, com esse tipo de coisa, sim, **aí eu comecei a ligar as coisas** e valorizar as coisas, aquelas coisas que a gente não valorizava quando era criança. Nesse aspecto, quando eu comecei a estudar e sentir melhor a filosofia do movimento, **eu comecei a relacionar coisas que aconteciam na minha infância** e aí chegava a conclusão de que, o gauchismo, eu analiso como uma filosofia de vida. Se nós analisarmos assim, ela nos traz muitos ensinamentos. Ela serve de base para a defesa dos valores que são na verdade universais e não exclusivamente do gaúcho. Eles defendem mais os seus princípios, mas eu vejo como toda a família organizada e de origem alemã, que é rígida nos seus costumes, faz parte também da mesma filosofia do gauchismo que se defende. (informação verbal, grifo nosso).²³⁶

Além dos CTGs, as ADGs também fazem o papel de formação do gaúcho e, conseqüentemente, da criação dessa memória em Santa Catarina, que, como citada por Holz, foi responsável pela inclusão de 150 famílias no movimento gaúcho. Fica evidente o retorno ao passado, quando da comparação que Holz faz dos valores e princípios do movimento tradicionalista, que aprendeu em conseqüência do curso de dança gaúcha, com aqueles por ele vividos ainda quando estava na sua “comunidade de vida”, onde morava com seus pais no interior do Rio Grande do Sul. Ao formar a identidade gaúcha, baseado nas danças e nos discursos de valores e princípios dos gaúchos, Holz ainda inclui a identidade alemã, que também é formadora da sua identidade e assim, vai moldando, a fim de formar uma nova, apropriando-se de memórias que este identifica como suas. Segundo Hall, identidade é algo formado, ao longo do tempo:

de rádios e televisão. Foi Patrão do Grupo de Arte e Cultura Ilha Xucra (entidade filiada ao MTG/SC), em Florianópolis. Foi 1º Peão Barriga Verde do estado de Santa Catarina, Diretor Artístico do MTG/SC e Presidente da CBTG.

²³⁶ HOLZ, Celívio. **Tradicionalista gaúcho catarinense, nascido no Rio Grande do Sul**. Entrevista concedida em Itapema/SC, 23 jan. 2010.

Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. [...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.²³⁷

A identidade gaúcha está em processo contínuo, pois a cada congresso e convenção são incluídas e ou excluídas novas práticas tidas como gaúchas, e, a partir delas, os “gaúchos” se identificam ou não com as mesmas, colocando a identidade em constante processo de identificações. De acordo com a citação de Bauman, esse processo de identificação, essa busca por uma identidade, dá-se pelo fato de o indivíduo estar deslocado, pois se estivesse em sua “comunidade de vida” dificilmente seriam trazidas à tona as questões de identidade, pelo menos não de maneira intensa como fazem os gaúchos tradicionalistas, principalmente aqueles que vivem no espaço urbano, que sentem falta de algo e buscam nas práticas tradicionalistas suprir tal necessidade. Hall afirma também que essa busca por uma identidade surge pela falta de inteireza que é preenchida a partir do exterior, pela forma de como o indivíduo imagina ser visto por outros, onde este cria formas de representações.



Figura 16 - Integrantes do GA Amigos da Tradição, Itajaí - SC.
Fonte: GA Amigos da Tradição, 2007

²³⁷ HALL, op. cit., p. 38-39.

O próprio movimento gaúcho estabelece formas de representação. Uma delas é o uso obrigatório da vestimenta determinada pela entidade maior, chamada de “indumentária gaúcha”, como visto no capítulo I. Os tradicionalistas utilizam-se de recursos modernos, como a fotografia, para auto-representarem-se com a indumentária e com objetos que lembram o gaúcho, a fim de legitimar suas práticas, como se os adereços criassem efeitos de verdade. Por meio da fotografia, o gaúcho imagina como é visto pelo outro.

A imagem da Figura 16, faz parte de uma sequência de cinco imagens que foram produzidas para propaganda do espetáculo “Bailares, Cantares e Versos do Sul Brasileiro”, que o GA Amigos da Tradição* estava realizando no teatro municipal da cidade de Itajaí, por ocasião do seu 16º aniversário, em outubro de 2007. A fotografia foi utilizada nos convites e cartazes do evento. Esta imagem está permeada de intenções, que, segundo Annateresa Fabris, ao citar Philippe Lejeune, afirma que o “auto-retrato é uma encenação de si, para o outro como um outro”.²³⁸ A fotografia apresenta esta encenação, onde o grupo tem a intenção de convidar a comunidade para o evento, logo, é produzida para o outro. Na fotografia, ao mesmo tempo em que o cenário lembra que o evento acontece na cidade de Itajaí, com a praia ao fundo, cartão postal da cidade, também faz, por meio da vestimenta utilizada pelo grupo, com que as pessoas reconheçam como um outro, como um grupo gaúcho, “pois as fotos permitem associações e evocações produtivas de outras imagens armazenadas na memória”.²³⁹ A vestimenta e a pose proporcionam ainda reconhecer o gaúcho através de imagens armazenadas na memória.

A intenção é apresentar, por meio da representação, algumas práticas do movimento gaúcho que se passa no litoral, incluindo todo o significado dessas práticas, com o intuito de esclarecer quem é o gaúcho na visão do grupo. Sendo assim, os recursos utilizados são estratégicos, desde a pose até a construção dos personagens. A pose escolhida para serem retratados evoca uma série de intenções onde os representados passam a idéia de respeito que o gaúcho tem pela mulher. As roupas masculinas assemelham-se às roupas dos habitantes que viviam nos

* **Grupo Artístico Amigos da Tradição** - é uma entidade gaúcha fundada há 19 anos na cidade de Itajaí, no litoral de Santa Catarina, filiada ao MTG/SC. É chamada de GA – Grupo Artístico, por não ter as práticas campeiras.

²³⁸ FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais**: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 67.

²³⁹ SAMAIN, Etienne. O Fotográfico. In: LEITE, M. L. M. **Retratos de família**: Imagem paradigmática no passado e no presente. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 39.

campos do Rio Grande do Sul, retratados nas obras de Debret²⁴⁰, sendo que numa destas obras que Paixão Côrtes²⁴¹ e Véra Zattera²⁴² se baseiam para definir a vestimenta do gaúcho, a fim de legitimar e se aproximar do “real histórico”. A mulher apresenta uma vestimenta recatada e, ao mesmo tempo, o colorido reflete a alegria e harmonia do grupo, que encena uma dança de roda intitulada de “Balaio”, que faz parte das danças tradicionais gaúchas incluídas nas práticas do MTG/SC, e escolhida pelo grupo, por apresentar, além do respeito do homem à mulher, o companheirismo, ao ajudá-la a levantar-se do chão, como também princípios e valores existentes no gauchismo, onde a fotografia vem memorizar.²⁴³

O convite impresso do evento no qual a fotografia está inserida ainda faz uma breve explanação dos trabalhos do grupo e o que é o tradicionalismo gaúcho:

ESPETÁCULO BAILARES CANTARES E VERSOS DO SUL BRASILEIRO
O Grupo Artístico Amigos da Tradição comemora seus 16 anos de história na cidade de Itajaí apresentando o espetáculo Bailares Cantares e Versos do Sul Brasileiro. Trabalho este voltado a apresentar a história do Grupo Artístico Amigos da Tradição, o talento de seus músicos, declamadores e bailarinos das danças tradicionais que tem na maioria das suas origens açorianas e espanholas e foram pesquisadas pelos folcloristas Paixão Côrtes e Barbosa Lessa. Este trabalho possui a preocupação de representar com fidelidade as gerações, **os usos e os costumes do tradicionalista gaúcho**, que não é apenas as pessoas que nascem no Rio Grande do Sul e sim todos que buscam resgatar os **valores do passado** nos seus usos e costumes. Este espetáculo está sendo realizado através da Lei nº 3.473, com seu incentivo a cultura. Data: 21 de outubro de 2007 Horário: 19:00h Faixa etária recomendada para o espetáculo: livre. Valor do Ingresso: Sem 1 k de alimento não perecível Inteiro = 15,00 Com 1 k de alimento não perecível Inteiro = 10,00 (grifo nosso).²⁴⁴

O convite tem a preocupação em afirmar que as danças também são de origem açoriana, e portanto, têm vínculos com a cidade de Itajaí, que possui fortes laços com a cultura açoriana²⁴⁵, pois o primeiro contingente a influir na formação das danças rio-grandenses foi o dos colonos açorianos²⁴⁶, logo danças como chimarrita, pau-de-fita, o fandango, o sarrabalho entre outras, são danças tradicionais das

²⁴⁰ DEBRET, op. cit. P. 246.

²⁴¹ CÔRTEES, João Carlos Paixão. **O gaúcho, danças, trajes e artesanato**. Porto Alegre: Garatuja, 1978, p. 8-10.

²⁴² ZATTERA, Véra Stedile. **Gaúcho: vestuário tradicional**. Porto Alegre: Pallotti, 1997, p. 18-50.

²⁴³ CÔRTEES e LESSA, op. cit., p. 13-14, 130-131.

²⁴⁴ GRUPO ARTÍSTICO AMIGOS DA TRADIÇÃO. **Convite impresso do espetáculo Bailares Cantares e Versos do Sul Brasileiro**. Itajaí: GA Amigos da Tradição, 21 out. 2007.

²⁴⁵ SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível**. Itajaí, Editora da Univali, 1999, p. 52 e 53. Ver, ÁVILA, Edison d'. **Pequena história de Itajaí**. Itajaí. Fundação Genésio Miranda Lins, 1981, p. 78.

²⁴⁶ CÔRTEES, op. cit., p. 19.

comunidades litorâneas, e já estavam presentes no litoral de Santa Catarina.²⁴⁷ Reafirmam também que, tradicionalista gaúcho não é apenas a pessoa que nasceu no Rio Grande do Sul, mas que são todos aqueles que buscam resgatar os valores do passado. Para concluir, o convite deixa claro que é reconhecido pelos órgãos governamentais, apoiado por projetos da Lei nº 3.473 de incentivo à cultura²⁴⁸, e, portanto, legítimo no município de Itajaí. O texto complementa a fotografia que está em evidência encenando o que foi planejado e trazendo à tona toda uma gama de significados.

“O registro imagético vem permeando cada vez mais a nossa cultura e transformando talvez no principal ‘texto’ orientador da construção das memórias individuais e da memória coletiva dos grupos sociais”.²⁴⁹ Imagens são constantemente usadas pelo tradicionalista gaúcho, sejam em retratos individuais ou coletivos, para fins particulares ou públicos, a imagem fotográfica principalmente, será mais uma tentativa de reafirmar a identidade na diferença. Um exemplo de retrato individual público que é referência e que influencia muitos catarinenses são as imagens de Pedro Raimundo:



Figura 17 - Pedro Raimundo

Fonte: SOUZA, André Pinto de. *Brasil ritmos*. 6ª ed. São Paulo, Editora Souza, 1960. Capa do livro.

²⁴⁷ FARIAS, Vilson Francisco de. *De São José aos Açores, 252 anos em busca das raízes*. Florianópolis, Ed. do autor, 2002, p. 296.

²⁴⁸ ITAJAÍ. Lei Municipal nº 3.473, de 11 de janeiro de 2000. Dispõe sobre incentivos fiscais para apoio à realização de projetos culturais, e dá outras providências. Itajaí: 11 jan. 2000.

²⁴⁹ SIMSON, Olga Rodriguez de Moraes. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne (org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Editora Senac. São Paulo, 2005, p 31.

A imagem fotográfica de Pedro Raimundo, faz parte de uma série de fotografias do autor, usada para ilustrar seus discos e suas reportagens, porém esta ficou sendo a mais popular imagem do cantor, ilustrando a capa do livro *Brasil Ritmos*²⁵⁰, o último CD do cantor²⁵¹, também o livro *Rádio Nacional*²⁵², *Brasil em sintonia*, entre outras. Conhecido nacionalmente como “Gaúcho Alegre do Rádio”, Pedro Raimundo foi também capa da renomada *Revista do Rádio*²⁵³, com outra fotografia da mesma série, algumas delas se encontram, juntamente com seu acordeom, em exposição no museu “Anita Garibaldi”, na cidade de Laguna, em Santa Catarina.

As imagens fotográficas de Pedro Raimundo chamam atenção de muitos tradicionalistas, principalmente tradicionalistas gaúchos de Santa Catarina, que tem na imagem dele um exemplo de gaúcho nascido em Santa Catarina. Pedro Raimundo, muito conhecido por ser o primeiro cantor vestindo indumentária gaúcha e se apresentar pelo Brasil, através da sua imagem ficou conhecido como o típico homem dos pampas, com bombachas, guaiaca e barbicacho. Apesar de o artista ter nascido em Santa Catarina²⁵⁴ também influenciou o renomado sanfoneiro Luiz Gonzaga a adotar o chapéu de couro e gibão²⁵⁵, que diz:

Tomei coragem de cantar foi realmente recebendo, ou sofrendo, ou gozando a grande influência que tive de Pedro Raimundo, aquele gaúcho alegre do rádio. Quando eu vi Pedro Raimundo cantar, improvisar, declamar, eu fiquei doido. Disse: “É isso que eu tenho que fazer. Vou imitar esse homem: ele no sul, eu no norte.” (Luiz Gonzaga, Especial JB, 30 jul 1983).²⁵⁶

A forma como o catarinense se apresentava chamava atenção, vestindo indumentária campeira na cidade, considerado um estilo fanfarrão, segundo a revista *Globo Rural*. Muito antes de Paixão Côrtes e Barbosa Lessa iniciarem o resgate da música rio-grandense, fez sucesso no rádio brasileiro o cantor e gaiteiro Pedro Raymundo (1906-1973), precursor de um estilo fanfarrão.²⁵⁷ No entanto, com

²⁵⁰ SOUZA, André Pinto de. **Brasil Ritmos**. 6ª ed. São Paulo, Editora Souza, 1960. Capa do livro.

²⁵¹ RAIMUNDO, Pedro. *Revivendo Pedro Raimundo: Saudade de Laguna*. Produção: Leon Barg. Curitiba: Revivendo Músicas Comércio de Discos, 2003. CD

²⁵² SAROLDI, Luiz Carlos. MOREIRA, Sonia Virgínia. *Rádio Nacional: o Brasil em sintonia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 85.

²⁵³ **Revista do Rádio**. Pedro Raimundo. Número 49, 1950, capa.

²⁵⁴ SAROLDI e MOREIRA, op. cit., p. 84.

²⁵⁵ [<http://www.pedroraymundo.com.br/biografia.html>] acessado em 10/01/2010.

²⁵⁶ SAROLDI e MOREIRA, op. cit., p. 84.

²⁵⁷ **Globo Rural**. A imagem viva do gaúcho. Edição 275, Editora Globo, setembro, 2008.

seu estilo peculiar, o catarinense serviu de inspiração e continua servindo de modelo para muito catarinenses que aderem ao tradicionalismo gaúcho, principalmente pelo sucesso que fez o catarinense gaúcho na década de 40 e 50, levando o estilo gaúcho para auditórios e palcos do Rio de Janeiro e São Paulo.

Vê-se então, tanto na imagem de Pedro Raimundo, quanto no grupo de dança Amigos da Tradição, de Itajaí, e demais CTGs das grandes cidades, que o tradicionalismo gaúcho no espaço urbano promove um retorno sócio-cultural que permite revivê-las, por meio das práticas, para sua comunidade inicial. Porém, aqueles que não têm raízes no campo, que nunca pertenceram ao ambiente rural, mas que também aderem ao movimento gaúcho, como é o caso de muitos tradicionalistas dos grandes centros urbanos, justificam a sua permanência e atribuem o seu gauchismo a um estado de espírito.

3.4 GAÚCHO , O ESTADO DE ESPÍRITO E A INTOLERÂNCIA

O tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina tem se constituído em um fenômeno sócio-cultural de presença relevante no estado. Porém, o momento vivido atualmente, por aqueles que aderem ao tradicionalismo, tem sido de constante preocupação com a afirmação da identidade gaúcha. A todo momento criam discurso a fim de legitimar e garantir a sua permanência dentro da comunidade imaginada gaúcha, principalmente por aqueles que não nasceram no Rio Grande do Sul e não descendem daquele estado.

Várias hipóteses são levantadas, muitas histórias manipuladas, possíveis conceitos são criados e outros forjados para justificar a escolha pelo gauchismo. A justificativa mais presente nos discursos do tradicionalista atual, que o teria motivado a participar do movimento gaúcho, é a questão de sentimento, prazer, preenchimento de um “vazio” resultante do mundo moderno, de querer “ser” antes do “ter”.

A advogada, Nathália Regina Burger de Camargo, 25 anos, natural de Balneário Camboriú - SC, aderiu a essa cultura. Perguntada sobre o que a motivou a entrar para o movimento gaúcho, responde que foi:

A busca pela identidade cultural e a **busca por um grupo, por ser um meio cultural integrado por pessoas com os mesmos valores e afinidades**. Também a busca por uma atividade saudável, que pudesse

envolver amigos, aliado ao respeito e colaboração. Eu considero ter uma identidade definida como gaúcha porque me identifiquei, porque é a cultura que escolhi para fazer parte da minha vida. Defender, divulgar e participar. É o que eu faço, é o que eu amo fazer!²⁵⁸ (grifo meu).

O depoimento de Nathália vem ao encontro daquilo que define Barbosa Lessa: “o indivíduo sente necessidade de companheirismo, do encorajamento e da segurança emocional, proveniente do fato de pertencer a uma unidade social coesa cujos membros compartilham as mesmas idéias e padrões de comportamento”.²⁵⁹

Essa nova geração de tradicionalistas não tem problema em dizer que aderiu ao gauchismo por afinidade, porque se identificou e escolheu fazer parte deste grupo. Não tem a preocupação em criar um passado histórico para se incluir ou buscar antecedentes, a fim de legitimar-se. É tão somente a busca por uma identidade cultural que os motiva a escolher a tradição gaúcha, a qual supriu as suas necessidades, ao contrário das pessoas mais velhas, que buscam justificar e comprovar sua participação através de vínculos familiares ou com o Rio Grande do Sul, ou ainda, com a vida do campo.

Essa busca por uma identidade cultural em Santa Catarina tem sido uma constante. Já em 1948 no Primeiro Congresso de História Catarinense - Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, se discutia e se buscava as origens do povo de Santa Catarina. O catarinense sente falta de uma identificação que faça o outro reconhecê-lo como “catarinense”. Esse é um dos fatores pelos quais o tradicionalismo se expande no estado. Esperidião Amim, político catarinense e professor universitário, que entre outros cargos públicos, governou o estado de Santa Catarina por duas gestões, já se declaravam em 1982, ano em que foi eleito governador pela primeira vez, preocupado com a identidade catarinense:

Com efeito, do ponto de vista cultural, quem é o catarinense? Será o homem do litoral, de cultura marcadamente européia? Será o ‘serrano de traços gauchescos’? Será o ‘oestino’, mescla euro-gaúcha? Nossa riqueza cultural é tão vasta e singular que impediu ao longo do tempo a formação de um ‘tipo’ do qual se possa dizer: este é o homem típico catarinense.²⁶⁰

²⁵⁸ CAMARGO, Nathália Regina Burger de. **Instrutora de danças tradicionais gaúchas no CTG Independentes da Querência, na cidade de Itajaí – SC e “Primeira Prenda” da 8ª RT do MTG/SC.** Entrevista concedida em Balneário Camboriú – SC, 1 nov. 2009.

²⁵⁹ LESSA, op. Cit. p. 59.

²⁶⁰ HELOU FILHO, Esperidião Amin. **A vez do pequeno**: uma experiência de governo. Florianópolis: Casa Civil, 1986.p. 127.

A dificuldade em definir o catarinense, frente a diversidade cultural presente no estado, facilita sua entrada no movimento gaúcho, pois o gauchismo fornece uma gama de qualidades e uma identidade forte, baseada em valores, princípios morais, coragem, bravura, hospitalidade, entre outros. Para o tradicionalista gaúcho Altair Baptista Nunes, o tradicionalismo gaúcho é um estado de espírito, é um modo de vida, é sentir-se bem, diz ainda que:

Ser gaúcho é um estado de espírito, é gostar da nossa cultura e tradição, é sentir-se bem neste meio, viver e cultivar como um modo de vida. Tradicionalista é a pessoa que vive e cultua a tradição, por gostar e sentir-se a vontade dentro dela, indiferente de ser ou não gaúcho. Entrei para o tradicionalismo pelo fato de, desde criança, estar envolvido com ela, por sentir-se bem e gostar de tudo a ela relacionada, como os costumes, as comidas, a dança, o modo de viver.²⁶¹

Da mesma forma, pensa Elaine Cristina Martins, consultora de vendas e patroa, há sete anos, do Grupo de Dança Coração do Sul, da cidade de Gaspar, no Vale do Itajaí. Elaine diz que:

Ser gaúcho é um estado de espírito, pois vem de dentro da alma, do coração. Pra mim ser gaúcho não basta nascer no Estado de origem, mais sim amar os costumes, respeitar a cultura, isso sim é ser Gaúcho! Desde nova me encantava muito com os vestidos de prenda, nasceu daí minha vontade de ir em Bailes, aprender a dançar, e então me dedico até hoje, pois amo de paixão o que faço! Cultivo os costumes, respeito a cultura e sigo com amor e dedicação.²⁶²

O ser gaúcho veio a se transformar em um estado de espírito, adquiriu um sentido desvinculado de quaisquer territorialidade²⁶³, basta que seja um adepto das suas práticas, que cultive os costumes, divulgue e respeite o tradicionalismo gaúcho. São atraídos pelas práticas do movimento, pela indumentária ou pelo discurso, aderem ao tradicionalismo simplesmente por gostar daquilo que ele propõe, como é

²⁶¹ NUNES, Altair Baptista. **Tradicionalista gaúcho, contabilista, natural da cidade de Abelardo Luz – SC e Coordenador Artístico da 12ª RT do MTG/SC**. Entrevista concedida em Abelardo Luz, 28 jan. 2010.

²⁶² MARTINS, Elaine Cristina. Tem 29 anos, consultora de vendas e patroa do Grupo de dança Coração do Sul. Entrevista concedida em Gaspar, 27/04/2009.

²⁶³ CAMPOS, Émerson César de. **O catarinense de bombacha**: movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina. 1999. 119f. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

o caso do patrão do CTG Laço do Bom Vaqueiro, da cidade de Brusque, Germano Hoffmann Filho, que em entrevista diz:

Eu não resolvi entrar na tradição gaúcha, ela foi entrando em mim. E isto também não foi uma decisão repentina, simplesmente foi acontecendo ao longo dos anos, a partir do momento em que passei a ir conhecendo melhor a cultura gaúcha. Talvez também tenha influído o fato de ter estudado 4 anos em São Leopoldo no RS, mas acho que o principal foi o gosto pelo cavalo, desde minha infância, começamos a ir em rodeios, depois aprendemos a laçar e então assumimos a patronagem do CTG, as letras e o ritmo das músicas gaúcha também me atraíram, mas creio não ter uma identidade definida somente como gaúcha, tenho descendência alemã com português e índio.²⁶⁴

Atraídos pelas práticas, alguns participantes do movimento gaúcho, aderem ao tradicionalismo como uma forma a mais de lazer, e acabam por abdicar da sua cultura em favor da gaúcha, fazendo com que algumas pessoas nativas do estado passem a ver os gaúchos como intrusos, que vão penetrando na “verdadeira” cultura do estado com as suas práticas, descaracterizando o catarinense. Atualmente, na cidade de Bombas, litoral de Santa Catarina, o “Instituto Boimamão”, uma ONG, trabalha a fim de preservar a cultura local, que é açoriana. Segundo a presidente do instituto Rosane Luchtenberg, o tradicionalismo gaúcho tentou se firmar na região, mas não obteve sucesso, pois a ONG procura conscientizar que aquilo não uma tradição do local.

Aqui nós valorizamos a cultura local, nosso objetivo é preservar os usos e costumes da nossa comunidade. Os gaúchos chegaram aqui e compraram tudo, aqueles nativos que moravam na beira do mar vendiam muito barato suas terras, ficavam doentes e não tinham convênio, então trocavam por terras. Na verdade eles fizeram dos nativos umas marionetes. Teve até um pessoal de Bagé que trouxeram cavalos para alugar para fazer cavalgadas na praia, mas não deu certo não. Eles chegavam e se sentiam os deuses do pedaço, usavam aquelas roupas, bombacha, bota, aqueles vestidos e tal, como se fosse uma tradição enraizada aqui, na verdade seduziam pela alegoria, atraiu alguns jovens, mas aqui não funcionou muito. Se depender de nós, não vamos deixar invadirem a nossa cultura (...). Hoje os filhos desses nativos foram para faculdade e estão vendo a importância da nossa cultura, hoje eles tem consciência e se reconhecem enquanto nativos mesmo, o valor que é, abriram os olhos e retornaram para as suas terras. Esses jovens dizem que se depender deles a nossa cultura não vai morrer, porque essa é a nossa cultura, (...) o boi sempre esteve aqui, pouco era o cavalo, quem tinha uma parelha de boi era rico na época, por isso a farra do boi é forte aqui. Esse dias aí, foi aprovada na câmara de vereadores o dia do gaúcho em Bombinhas, olha se tem cabimento? Por isso nós buscamos conscientizar os nativos, a fim de não deixar a nossa cultura se perder, é importante promover a diversidade cultural, mas respeitando o outro.²⁶⁵

²⁶⁴ FILHO, Germano Hoffmann. **Bioquímico, Patrão do CTG Laço do Bom Vaqueiro**. Entrevista concedida a mim em Brusque, 6 agos. 2009.

²⁶⁵ LUCHTENBERG, Rosane. Fundadora e presidente da ONG Instituto Boimamão em Bombinhas, entrevista concedida a mim em Bombinhas – SC, 31/01/2010.

É possível perceber que as pessoas são atraídas não somente pela história atrelada ao tradicionalismo gaúcho, mas pelo vestido, como disse em entrevista Elaine Cristina Martins, pela alegoria das roupas, como também citou Rosane Luchtenberg. O cavalo também chamou atenção de Germano Hoffmann. Nem mesmo a resistência que há com relação ao gauchismo em determinados locais de Santa Catarina, principalmente pelos nativos mais militantes, impediu a proliferação do gauchismo no estado. Com um discurso que atribui ao gaúcho um “estado de espírito”, o gauchismo segue conquistando mais adeptos, provocando intolerância e preconceito, seja por aqueles que moram no Rio Grande do Sul ou que lá nasceram, que se consideram mais gaúchos, ou por aqueles que aqui moram e não aceitam essa cultura.

Embora a expansão do gauchismo tenha sido algo notável e crescente nos últimos tempos em Santa Catarina, o movimento cresce em meio a um turbilhão de preconceito, intolerância e idéias contrárias, persistindo na diversidade cultural do estado. Além de sofrer resistência dentro de Santa Catarina, sendo considerado uma cultura de fora, uma identidade do Rio Grande do Sul, pelos próprios catarinenses que não aderem a essa cultura, sofre resistência, principalmente, dos rio-grandenses, que não consideram os tradicionalistas gaúchos catarinenses legítimos. A primeira situação é tranquilamente resolvida entre os catarinenses com discurso baseado no respeito ao próximo e entendida como uma opção cultural, uma filosofia de vida e um estado de espírito. Ao tradicionalista catarinense é possível contornar e explicar ao conterrâneo para que este entenda o motivo que o faz aderir a cultura gaúcha, porém, alguns ainda persistem no entendimento de que esta adesão é a dominação do rio-grandense sobre os catarinenses, dentro do próprio estado. Entretanto, já a intolerância do rio-grandense sobre os catarinenses, seja dentro do estado de Santa Catarina ou fora dele, é o que leva a uma situação mais complexa.

Esse discurso é ainda mais forte, por parte de algumas pessoas mais velhas do movimento gaúcho no Rio Grande do Sul, que percebendo a proporção que tomou o gauchismo, tanto no Brasil quanto no exterior, reforçam o discurso de que o tradicionalismo gaúcho lhes pertence, sentindo-se mais gaúchos por terem nascido no Rio Grande do Sul, ou intitulado-se gaúchos verdadeiros por direito, criando um

atrato entre aqueles que não são rio-grandenses e os que aderiram ao tradicionalismo por opção.

A própria criação da CBTG não foi bem aceita por alguns rio-grandenses. Cyro Ferreira, que nasceu e sempre viveu em Porto Alegre, tendo sido um dos fundadores do 35 CTG²⁶⁶, e que, posteriormente, contribuiu para a consolidação do Movimento Tradicionalista do Rio Grande do Sul²⁶⁷, em entrevista, afirma seu desagrado e sua resistência à fundação da CBTG, vindo a afirmar que:

O Jacob que começou tudo né! O Jacob que começou a fazer essa junção do pessoal de Lages, de Santa Catarina, o Paraná e tal, pra formar um todo. Uma confederação nacional... Bom, aí a coisa estava em formação, e nós tínhamos um congresso em Caçapava, onde nós tínhamos que nos definir se íamos fazer parte dessa confederação ou se íamos ficar de fora e deixar que eles fizessem do resto do Brasil uma confederação sem o Rio Grande do Sul. **Porque de qualquer forma heim! A história toda começou aqui né. A célula mater é aqui. As tradições são daqui.** [...] chegamos a seguinte conclusão: de sugerirmos em Caçapava a criação da Confederação Nacional das Tradições sem a palavra gaúcho, entende? Então cada estado entraria nessa confederação com as suas tradições. [...] Agora a tradição gaúcha, o perigo na nossa proporção que nós achamos, que logo iria começar surgir os problemas por causa dos assuntos regionais. [...] Então como é que nós iríamos misturar, uma confederação assim? Iriam começar a aparecer os problemas, as diferenças. [...] aí no ano seguinte, no primeiro congresso acontece a fundação oficial da CBTG. Lá saiu uma briga medonha [...] que os homens quase se agarraram, já por causa dessas coisas. [...] Se a gente pudesse separar, porque aí os CTGs de outros Estados, mesmo **puro** que não tivesse influência nenhuma das tradições locais, **esses poderiam ter o alvará direto no Rio Grande do Sul** e viriam para os congressos aqui e tal. Bom, mas eu não vou mais falar. (grifo meu).²⁶⁸

Desta forma, é bastante revelador a resistência, inclusive pelos dirigentes do movimento gaúcho do Rio Grande do Sul, em limitar a institucionalização do tradicionalismo gaúcho ao estado do Rio Grande do Sul, e aqueles que aderissem ao tradicionalismo gaúcho fora do estado, mas que fossem “puros”, poderiam filiar-se a eles. Desde a fundação da CBTG até os dias de hoje, ainda há essa resistência entre a entidade e os rio-grandenses.

²⁶⁶ FERREIRA, Cyro Dutra. **35 CTG: o pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG**. Porto Alegre: Edições Renascença, 2005, p. 38.

²⁶⁷ SAVARIS, Manoelito Carlos. Tradicionalismo gaúcho, 40 anos de MTG. **MTG**. Artigo escrito pelo autor quando presidente do MTG. Disponível em: <<http://www.mtg.org.br/editoriais.html>>. Acesso em: 29 jan. 2010.

²⁶⁸ FERREIRA, Cyro Dutra. **Tradicionalista gaúcho do Rio Grande do Sul, faleceu em 09/08/2005, aos 78 anos**. Entrevista concedida a mim em Porto Alegre – RS, em 13/04/2005.

Recentemente, no último congresso da CBTG, ocorrido nos dias 27, 28 e 29 de novembro de 2009, em Brasília - DF, Édio Schweitzer, que participou do congresso, conta que:

foi aprovado a moção que transferiria em definitivo, a sede da CBTG que 'estava' em Brasília, para o estado do Rio Grande do Sul, deixando descontentes muitos tradicionalistas de outros estados que lá estavam, que nada puderam fazer, por estarem em menor número de delegados para votar na referida moção²⁶⁹.

Nota-se uma monopolização, uma apreensão da identidade gaúcha pelos rio-grandenses ainda hoje dentro do próprio estado de Santa Catarina. É o que se percebe com alguns, que por situações diversas, escolheram Santa Catarina para morar, que criam um discurso etnocêntrico e justificam essa apropriação da identidade gaúcha, afirmando não ser por opção, mas por questões relacionadas às origens. Jane Trindade, nascida no Rio Grande do Sul, residente em Joinville há quinze anos, deixa transparecer esta idéia de monopolização da identidade gaúcha, em sua declaração, ao afirmar que:

Sou gaúcha, sempre serei, não é um estado de espírito, nasci no Rio Grande do Sul, em Caçapava do Sul. Muito corri descalça nos campos cheios de geadas. Muito da identidade o povo está perdendo, eu não, eu tenho orgulho das minhas origens, de onde vim, da família bem gaúcha, de andar de bombacha, botas e chapéu, não por modismos, mas como uma identidade. Gaúcho usa bombacha larga, usa tirador nas lides campeiras, usa a faca sempre na cintura e tem como meio de transporte o cavalo pra ir na venda buscar os mantimentos que faltavam, que não eram plantados. Gaúcho frequenta galpão, assa o churrasco no fogo de chão, prepara o carreteiro numa panela de ferro pendurada numa trempe. Toma mate ouvindo o crepitar do fogo, com erva bem boa, mate bem cevado, bem topetudo. Ouve e canta música nativa, do trabalho diário, do que ele faz e vive. Não posso desprezar os antepassados, afinal todos somos uma mistura de raças, mas prevalece a gaúcha 100% e pronto. [...] sempre gostei de ser gaúcha, tenho orgulho de dizer: sou gaúcha, sim senhor! de ter nascido na campanha, no interior [...] tradicionalista é preservar a nossa identidade, os nossos costumes, sem interferências externas, termos orgulho do chão onde nascemos e pisamos [...].²⁷⁰

* **Estava em Brasília**, porque o presidente da CBTG era de Brasília e segundo o Estatuto da Entidade, a sede era itinerante e acompanhava o domicílio do presidente.

²⁶⁹ SCHWEITZER, Édio. **Diretor administrativo do MTG/SC**. Depoimento concedido em Florianópolis, 1 dez. 2009.

²⁷⁰ TRINDADE, Jane. **Natural da cidade de Caçapava do Sul - RS, 52 anos, trabalha como produtora de eventos em Joinville, incluindo eventos gauchescos**. Depoimento concedido em Joinville - SC, 28 jan. 2010.

Em resposta a situações como esta, onde o rio-grandense chega ao estado e tende a afirmar a sua identidade, o próprio catarinense que não é adepto ao gauchismo também torna-se intolerante ao seu discurso. Recentemente, na cidade de Florianópolis, houve um caso de agressão por intolerância do catarinense para com um tradicionalista gaúcho, natural de Sarandi - RS, que estava usando “bombacha”*. De acordo com a matéria jornalística, o gaúcho foi espancado por estar “pilchado”**:

Gotardo dos Santos, 55 anos, teria sido espancado por usar bombacha e botas. Segundo a esposa da vítima, ele teria sido agredido por estar pilchado — usando trajes típicos gaúchos [...]. De acordo com Anastácia dos Santos, 50 anos, o marido foi espancado por um grupo de oito pessoas num posto de combustível na SC-403, no domingo à tarde[...]. Integrantes de um grupo que estava no posto teriam insultado Gotardo por ele estar usando bombacha e botas. Na discussão, Gotardo saiu do carro e foi agredido com uma lata de cerveja no rosto. Segundo Anastácia, com o golpe, o marido caiu no chão e foi espancado[...]. Ele é gaúcho de honrar a tradição. Não usa outro tipo de roupa — disse a mulher, natural de Santa Rosa (RS), que vive com o marido e os filhos há sete anos na Capital catarinense.²⁷¹

O fato de estar pilchado chama a atenção daqueles que moram em Santa Catarina, pois o gauchismo é visto como uma cultura que se limita ao Rio Grande do Sul. Para Celívio Holz, adepto do tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina, essa intolerância já foi pior:

Hoje há casos como este, mas são isolados, nós fazíamos um trabalho nesse sentido. Quando nós fazíamos as apresentações nas escolas, nós dizíamos que a Havaneira não era criada no Rio Grande do Sul, mas que tinha influência dos negros de Havana. Mostrávamos que nós não queríamos ali dominar. A visão que eles tinham é que os gaúchos estavam em Florianópolis para dominar Florianópolis. [...] eles imaginavam a nossa presença como uma invasão cultural. Por experiências anteriores, com os porto alegrenses, que não são gaúchos no verdadeiro sentido da palavra,

* **Bombacha** – principal vestimenta masculina dos adeptos ao tradicionalismo gaúcho. Segundo o dicionário de regionalismo do Rio Grande do Sul bombachas são calças muito largas, presas por botões acima do tornozelo. É a vestimenta predileta dos homens do campo do Rio Grande do Sul que a usam tanto para o trabalho quanto para passeio. NUNES, Rui Cardoso; NUNES, Zeno Cardoso. **Dicionário do regionalismo do Rio Grande do Sul**. 6. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1995, p. 70.

** **Pilchado** – trajado com vestimenta típica do gaúcho. NUNES e NUNES, op. cit., p. 374.

²⁷¹ GAÚCHO pilchado é agredido em Florianópolis. **Jornal Diário Catarinense**. Florianópolis, 5 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18§ion=Geral&newsID=a1945387.xml>>. Acesso em: 28 jan. 2010.

que sempre falavam mal dos “manesinhos”²⁷² e menosprezavam os “manesinhos”, daí mais raiva ainda eles tinham dos gaúchos.²⁷³

Houve, e ainda há, uma preocupação em esclarecer quem é o gaúcho. Percebe-se nas palavras de Holz que nem todos que nascem no Rio Grande do Sul são gaúchos. O discurso do tradicionalista é sempre permeado de esclarecimentos com relação aos seus objetivos, sempre com a preocupação em não limitar a um espaço geográfico, trazendo à tona o gaúcho como um estado de espírito, uma filosofia de vida, enfim.

Em fóruns, murais de recados, notícias em *sites* gaúchos na *Internet*, é possível encontrar inúmeras discussões sobre o gaúcho, principalmente entre tradicionalistas gaúchos do Rio Grande do Sul e tradicionalistas gaúchos de outros estados brasileiros. De um fórum que discutia tal assunto, foram selecionados dois depoimentos, entre um rio-grandense e um catarinense, onde o rio-grandense Juliano Franczak, da cidade de Novo Hamburgo, na data de 20 de janeiro de 2006, envia a seguinte mensagem:

Catarina sempre imitando gaúcho, o sonho de vocês é ser gaúcho, mas não adianta por mais que vocês tentem nos imitar estragando a cultura do Rio Grande, não corre o sangue farrapo na veia de vocês. Gaúcho é quem é parido no Rio Grande!!²⁷⁴

Em contrapartida, o catarinense de nome Felipe, de São José do Cedro, deixa outra mensagem, na data de 16 de outubro de 2007, em resposta a Juliano Franczak, defendendo o tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina:

Muito grande é teu engano ao achar que Gaúcho é só quem nasce no Rio Grande do Sul. Se assim fosse, o Rio Grande do Sul é quem deveria ter parido o Gaúcho!!! E na verdade o Rio Grande é que é filho do Gaúcho, porque o Gaúcho vem de muito antes, antecedeu fronteiras políticas e deixou rastros em muitos lugares além do Rio Grande do Sul. E sangue, meu amigo, está nas veias e não no berço. Saiba que muitos nascidos fora do estado do Rio Grande do Sul, ou aprenderam gostar e respeitar a tradição ou são filhos, netos e bisnetos (como eu) de Gaúchos que lutaram pelo Rio Grande, migraram para além fronteiras e espalharam sua cultura, fundaram CTG's, e deixaram a cultura como herança a muitos que não nasceram no Rio Grande do Sul, mas são Gaúchos porque cultivam a tradição, seja aquela recebida de berço ou abraçada por bandeira.

²⁷² **Manesinho** - termo popularmente utilizado para designar os nativos de Florianópolis.

²⁷³ HOLZ, Celívio. **Tradicionalista gaúcho catarinense, nascido no Rio Grande do Sul**. Entrevista concedida em Itapema - SC, 23 jan. 2010.

²⁷⁴ PORTAL DO GAÚCHO. Disponível em: <www.portaldogaicho.com.br>. Acesso em: 29 jan. 2010.

Sou, com muito orgulho, nascido em Santa Catarina, e também admiro e tenho orgulho do Rio Grande do Sul, da bela cultura Gaúcha, que meus ancestrais defenderam e me ensinaram a respeitar. Acredito que Deus coloque vários tauras no Rio Grande do Sul, verdadeiros gaúchos que compreendem o que realmente é a cultura e a tradição... e também acredito que o Patrão Velho faça vários tauras (também verdadeiros gaúchos) nascer em outras bandas além das fronteiras, para fazer lembrar que nossa cultura é muito mais ampla do que um regionalismo medíocre.

[...] **tradição gaúcha. É o campo, a natureza, que resumem a beleza da própria simplicidade, respeito, autenticidade e não fronteiras políticas.** Até porque, as únicas fronteiras que conheciam os antigos gaúchos eram as pedras da Cordilheira e os Arenais do Oceano. E de mais a mais meu amigo, pra que causar conflito se lutamos todos pela mesma causa????? Deixa isso pra quem quer destruir cultura. Um grande Abraço a todos os Gaúchos de verdade, do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná, de todo o Brasil, irmãos de causa, de ideal (grifo nosso).²⁷⁵

Discursos como o de Felipe são comuns no gauchismo em Santa Catarina, principalmente por aqueles que nasceram neste Estado e que sempre procuram argumentos para defender a cultura pela qual optaram, a fim de legitimar a sua escolha.

Paixão Côrtes, que também foi responsável pela criação dessa memória gaúcha em Santa Catarina, pois a partir dos anos 80 a convite do CTG Barbicacho Colorado, da cidade de Lages, vem ao estado e realiza uma “reunião, não um curso, mas um momento de recreação, de conhecer as danças, as cantigas, a maneira de vestir”²⁷⁶, como também traz um grupo para se apresentar, dando início às práticas artísticas do tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina, em entrevista a autora, quando perguntado sobre a intolerância dos tradicionalistas gaúchos rio-grandenses, diante dos tradicionalistas gaúchos catarinenses, que são vistos com certo preconceito, responde que:

Mas aí é falta de consciência da importância do movimento gaúcho, o movimento é dinâmico, e não é privilégio de ninguém. Aquele que achar que quer restringir, é medíocre é ignorante e realmente não pode entender a grandiosidade do movimento. [...] a tradição gaúcha, não é exclusividade do Centro de Tradição Gaúcha, com limite geográfico, tem toda essa abrangência que é a fraternidade [...].²⁷⁷

Nesse processo de construção de identidade, apesar da resistência, é contínuo o processo de expansão do tradicionalismo gaúcho no estado de Santa

²⁷⁵ PORTAL DO GAÚCHO. Disponível em: <www.portaldogaúcho.com.br>. Acesso em: 29 jan. 2010.

²⁷⁶ CÔRTEES, José Carlos Paixão. **Idealizador e fundador do primeiro CTG em Porto Alegre.** Entrevista concedida mim em Porto Alegre – RS, 13/04/2005.

²⁷⁷ CÔRTEES, loc. cit., 13/04/2005.

Catarina. O movimento tradicionalista é muito bem articulado em suas práticas, chamando a atenção de uma considerável parcela da população, como observa Amim, “não é possível identificar o catarinense”.²⁷⁸

O indivíduo da sociedade catarinense moderna sente falta do “pertencer” e de ser identificado pelo outro por boas qualidades. As práticas e o discurso do MTG permitem que seja identificado pelo outro de forma positiva. Essa intolerância do “outro” diante do gauchismo em Santa Catarina é o fator que faz aflorar ainda mais essa escolha, levando o tradicionalista gaúcho catarinense a pensar que, se há alguém preocupado em apreender esse gauchismo dos catarinenses, é porque realmente ele está fazendo a diferença dentro do movimento gaúcho, e faz este acreditar que a cultura gauchesca é realmente tudo aquilo que o MTG diz ser: sinônimo de coragem, bravura e honestidade, mesmo que a pessoa que a escolheu como sua identidade, não ostente todas essas qualidades.

A tradição gaúcha, segundo o seu discurso, oferece uma vivência à parte, num ambiente mais calmo e tranquilo, longe do agitado dia-a-dia do mundo moderno, com uma vida voltada às práticas rurais, onde aquele que já viveu tem vontade de retornar, mesmo que sendo através de representações, e aquele que nunca viveu, sente-se atraído pela curiosidade. Por fim, o MTG proporciona ainda uma vida permeada de valores, princípios morais “condicionando a visão de mundo do homem”²⁷⁹, e, conseqüentemente, uma vida considerada por ele melhor, diante de uma série de tribulações típicas do mundo moderno. Sendo assim, o que constrói a memória gaúcha em Santa Catarina não é necessariamente ser ou não ser um gaúcho. Ser chamado de gaúcho ou ter vínculos com o primitivo gaúcho. Mas sim, as práticas de que o movimento gaúcho dispõe e o discurso imbuídas de uma série de qualidades disponibilizadas para aqueles que optam por suas práticas e que, contabilizam, atualmente, 37,9 mil filiados, distribuídos em 562 CTGs no estado de Santa Catarina.

²⁷⁸ AMIN, Esperidião. **A vez do pequeno**: uma experiência de governo. Florianópolis: Casa Civil, 1985, p. 124.

²⁷⁹ LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 67.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Hoje, com calma, lendo e relendo essa dissertação, a fim de traçar minhas considerações finais, consegui perceber nitidamente nesses escritos minha ansiedade em cada capítulo. A falta de escritos sobre o tema, fez com que a responsabilidade e dedicação aumentassem, pois além de dedicar-me ao objeto, me ative na construção de grande parte do referencial teórico. Talvez em algum momento eu tivesse tido a pretensão de achar que, com essa dissertação eu esclareceria todas as dúvidas, ou pelo menos as minhas.

Ainda há muito para ser pesquisado sobre o movimento tradicionalista gaúcho, como também o próprio gaúcho. Existem grandes lacunas nas poucas pesquisas realizadas, inclusive na minha. O tema deve e merece ser estudado, há muitas possibilidades de enfoques, que não somente na perspectiva de desprestigiar uma prática, ou de pensar que esta se esgota na *Invenção das Tradições*. Pude perceber muitas imbricações nas quais esse fenômeno sócio-cultural se entrelaça, algumas ficaram evidentes, outras merecem ser aprofundadas.

Ainda que minhas pesquisas não tenham cessado, dúvidas e inquietações, mais emergentes, foram resolvidas. Bom seria, encontrar pesquisadores debruçando-se no mesmo tema, pois críticas fundamentadas nos instigam a esmiuçar ainda mais nosso objeto. Por enquanto o meu lado científico discute com a minha militância, e embora ela seja o bálsamos dos meus dias, eu prefiro as inquietações e desafios na busca pela cientificidade. Pois como a Filosofia, de todas, eu prefiro a Moderna, e da História, a dos Annales, mas não desconsidero as demais.

O estudo realizado, me trouxe respostas e alívios. No primeiro capítulo, busquei o que a muito me inquietava: a origem do meu personagem principal. A história do gaúcho foi o ponto de partida, necessária para a resolução dos demais questionamentos. Muitas obras, sustentam a tese, de ladrão e bandido e isso me instigava. Não considero ele, o ladrão que os europeus descreviam. Era um homem que lutava pela sobrevivência, num espaço em que as disputas eram freqüentes.

A necessidade de identidade em determinados períodos converge na criação de um mito, e o gaúcho foi o escolhido. Com diferentes iniciativas, porém objetivos semelhantes, as associações em torno do fortalecimento dessa identidade foram se

multiplicando, assim como suas práticas. Sendo assim, o tradicionalismo constrói um discurso sobre aquilo que ele selecionou e que deseja preservar como memória. Vindo a formar um imenso *sistema simbólico*, talvez com a função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação.

A expansão dessa *comunidade imaginada*, toma proporção descontrolada, principalmente após o grande fluxo migratório, do Rio Grande do Sul para o oeste do Brasil, em meados do século passado. O número de Centros de Tradições Gaúchas cresce, e essa comunidade simbólica com grande poder de gerar sentimento de identidade e lealdade, conquista espaços, e aos poucos vai se impondo na sociedade.

Essa conquista de espaços, acontece principalmente por apreensão e imposição, raramente por negociação. No estado pesquisado, essa conquista inicia como um retorno ao Rio Grande do Sul, passa pela apreensão, por parte dos catarinenses, algumas negociações, e hoje, transformou-se em estado de espírito e segue conquistando ainda mais adeptos.

A construção dessa memória, estabeleceu para a sociedade, práticas e valores tidos como verdadeiros, por invocar como referência, um passado idealizado, enaltecendo as pessoas que dele fazem parte. A partir do momento em que os seguidores, ou tradicionalistas, aderem a essas práticas, eles se sentem o próprio personagem, demonstrando que seguem a ordem de uma moral conservadora, e as diferentes formas de representação, criam efeitos de verdade.

Apesar da primeira entidade tradicionalista gaúcha, ter sido introduzida no estado catarinense por rio-grandenses, posteriormente passado pela apreensão dos catarinenses, hoje o grupo social que encarna esta espirituosa vivência, adquiriu um sentido desvinculado de qualquer territorialidade.

A análise dos relatos orais me conduziram a observar um sentimento, por parte daqueles que seguem o movimento, e ainda uma necessidade de afirmação. A partir deste, pude aproximar ainda mais esse movimento gaúcho, da *Comunidade Imaginada* proposta por Benedict Anderson, pois é “imaginada” no sentido de que faz sentido para a “alma”.

Dentre as inúmeras entrevistas, muitas não incluídas nesta dissertação, uma aconteceu por acaso, e fiz questão de citar nesta conclusão. Em uma das minhas viagens, quando convidada para avaliar um concurso de primeiras prendas, da Federação Tradicionalista Gaúcha do Planalto Central, na cidade de Barreiras, oeste

do estado da Bahia, no CTG Querência do Oeste Baiano, uma situação me causou espanto e horas de reflexão, como historiadora. Como militante diante do tradicionalismo, fiquei muito feliz. Conversando com uma das participantes, da categoria mirim, uma menina loira de olhos azuis, de apenas oito anos, os pais nascidos em Santa Catarina, percebi que, com tão pouca idade, era muito fervorosa diante do movimento. Perguntei, no momento da avaliação do concurso, o que tudo aquilo significava para ela. A menina, que havia estudado muito sobre assuntos relacionados as práticas do tradicionalismo, olhou para mim, com espanto, talvez indignada pelo fato de que, a pergunta não fazia parte dos seus estudos, me respondeu com os olhos brilhando: *“Ora! Isso aqui, é a minha vida. A escola, é uma das minhas pernas; a catequese, é a outra; os meus brinquedos, é um braço; e o outro não sei; mas o CTG, a tradição e a invernada é a minha cabeça. Se me tirarem a perna ou o braço eu vou viver ainda, mas, se me tirarem a cabeça eu fico sem a vida, porque eu amo o CTG!”*

Aquela menina, me fez refletir por alguns dias. Outras entrevistas também me permitiram observar o sentimento das pessoas diante do tradicionalismo gaúcho, porém foi com as palavras naquela menina, que eu me aproximei de Benedict Anderson. A comunidade imaginada é envolvida de sentimentos e imaginação. Outra observação, que posso fazer entorno deste enfoque, é com relação a tradição. Talvez ela se aproxime mesmo, da *Invenção das Tradições*, de Eric Hobsbawm, porém hoje, ela não seria mais inventada, hoje ela existe de fato, pois também os avós daquela menina, já participavam do CTG, quando aqui moravam, também os pais participavam e a inseriram no movimento. Por isso, hoje considero uma tradição. Inventada, no sentido de ser falsa? Não considero.

Outra situação que me deparei, foi com a intolerância, que também se faz presente na comunidade, os rio-grandenses não consideram legítimos, os gaúchos nascidos em outro estado, se não o seu. Já por parte dos catarinenses não simpatizantes, essa não faz parte da sua cultura. Segundo Anderson, a comunidade é finita e limitada, embora o discurso do movimento, seja de inclusão, ele acaba mais excluindo, do que incluindo.

É possível perceber que, além daqueles que aderem ao movimento por identificação, que desejam preservar valores, tem aqueles que não se preocupam com os objetivos, e são freqüentadores eventuais. Esses participam, apenas para desfrutar de alguns momentos de lazer, que são oferecidos pelos CTGs, e as

entidades delineando suas práticas, acabam conquistando esses freqüentadores eventuais.

O tradicionalismo gaúcho complementa suas práticas com elementos criados, que somado com indícios históricos, cria efeitos de verdade. Por fim conquista muitos adeptos, pois sua atuação, remete para um movimento que mantém a ordem, a moral e os bons costumes. Um movimento que pensa uma sociedade organizada e conservadora.

FONTES

Eletrônicas:

CTG FRONTEIRA DA QUERÊNCIA. **História**. Disponível em: <<http://www.ctgfronteradaquerencia.com.br>>. Acesso em: 19 jan. 2010.

CTG Saudade da minha terra. Disponível em: <<http://www.www.ctgnj.com/galeria.php>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

DELAZERI, Jatir Cosme. Tradicionalismo gaúcho. **Rancho gaúcho**. Disponível em: <<http://www.ranchogaicho.com/ccgpage.cfm>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

Festas de Santa Catarina. <<http://www.belasantacatarina.com.br/festas.asp> > Acesso em: 13 dez. 2009.

GAÚCHO pilchado é agredido em Florianópolis. Jornal Diário Catarinense. Florianópolis, 5 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18§ion=Geral&newsID=a1945387.xml>>. Acesso em: 28 jan. 2010.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Textos e lenços: representação de federalismo na república rio-grandense (1836-1845). **Almanack Brasiliense**. São Paulo: n. 01, maio 2005. ISSN 1808-4139. Versão on-line USP - Portal das Revistas. http://www.almanack.usp.br/PDFS/1/01_artigo_1.pdf.

Jornal Buenas Chê. Blumenau. [<http://www.buenas.com.br/edi113/fuxicos.htm>] Acesso em 17 dez. 2008.

MENESES, Upiano. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 13, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2009.

RAIMUNDO, Pedro. Biografia. Disponível em:
[<http://www.pedroraymundo.com.br/biografia.html>]. acesso em:10 jan. 2010.

SOCIEDADE SUL RIO - GRANDENSE. **História**. Disponível em: <<http://www.sociedadesulriograndense.org.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2010.

Manuscritas

ATGESC. **Estatuto da Associação Tradicionalista Gaúcha do Estado de Santa Catarina**. Lages: ATGESC, 1984.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA. **Primeira ata de fundação**. Ponta Grossa: CBTG, 1987.

_____. **Segunda ata de fundação**. Vacaria: CBTG, 1988.

_____. **Terceira ata de fundação**. Itapetininga: CTGB, 1988.

_____. **Estatuto Social**. Lages: CBTG, 2010.

_____. **Arquivos corrente e permanente**. Lages: CBTG, 2010.

CTG PLANALTO LAGEANO. **Estatuto e ata de fundação**. Lages: CTG Planalto Lageano, 1959.

CTG PORTEIRA ABERTA. **Estatuto**. São Miguel do Oeste: CTG Porteira Aberta, 1961.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Diretrizes para a Pilcha Gaúcha**. Bento Gonçalves: MTG, 2006.

Orais

CAMARGO, Nathália Regina Burger de. **Instrutora de danças tradicionais gaúchas no CTG Independentes da Querência, na cidade de Itajaí – SC e “Primeira Prenda” da 8ª RT do MTG/SC.** Entrevista concedida a autora em Balneário Camboriú – SC, 01 nov. 2009.

CÔRTEZ, José Carlos Paixão. **Idealizador e fundador do primeiro CTG em Porto Alegre.** Entrevista concedida a autora em Porto Alegre – RS, 13 abril 2005.

FERREIRA, Cyro Dutra. **Tradicionalista gaúcho do Rio Grande do Sul, faleceu em 09/08/2005, aos 78 anos.** Entrevista concedida a autora em Porto Alegre – RS, 13 abril 2005.

FILHO, Germano Hoffmann. **Bioquímico, Patrão do CTG Laço do Bom Vaqueiro.** Entrevista concedida a autora em Brusque, 06 agos. 2009.

HOLZ, Celívio. **Tradicionalista gaúcho catarinense, nascido no Rio Grande do Sul.** Entrevista concedida a autora em Itapema - SC, 23 jan. 2010.

LUCHTENBERG, Rosane. **Fundadora e presidente da ONG Instituto Boimamão em Bombinhas.** Entrevista concedida a autora em Bombinhas – SC, 31 jan. 2010.

MARTINS, Elaine Cristina. Tem 29 anos, **Consultora de vendas e patroa do Grupo de dança Coração do Sul.** Entrevista concedida a autora em Gaspar, 27 abril 2009.

MOMM FILHO, Jacob (Dr.). **Advogado aposentado, presidente do MTG/SC, principal responsável pela criação da CBTG, presidente da CITG, faleceu em 02/09/2007.** Entrevista concedida a autora em Florianópolis - SC, 21 jul. 2007.

NUNES, Altair Baptista. **Tradicionalista gaúcho, contabilista, natural da cidade de Abelardo Luz – SC e Coordenador Artístico da 12ª RT do MTG/SC.** Entrevista concedida a autora em Abelardo Luz, 28 jan. 2010.

OLIVEIRA, Sebastião N. de. **Tradicionalista gaúcho, um dos fundadores do MTC, da ATGESC e da ATG, bem como presidente do MTG em SC, por dois mandatos.** Entrevista concedida a autora em Lages, 17 jan. 2010.

SEVERINO, Balbino João. **Vice diretor campeiro do MTG - SC, associado ao CTG 13 Guapos de Imbituba, onde foi Patrão por quatro gestões.** Entrevista concedida a autora em Imbituba, 21 fev. 2010.

SCHWEITZER, Édio. **Diretor administrativo do MTG/SC.** Entrevista concedida a autora em Florianópolis, 01 dez. 2009.

SOUZA, José Eurico de. **Coordenador Artístico da 6ª RT do MTG/SC.** Entrevista concedida a autora em Criciúma, 21 fev. 2010.

TELLES, João Maria. **Histórico do CTG Planalto Lageano.** Entrevista concedida a autora em Lages, 17 jan. 2009.

TRINDADE, Jane. **Natural da cidade de Caçapava do Sul - RS, 52 anos, trabalha como produtora de eventos em Joinville, incluindo eventos gauchescos.** Entrevista concedida a autora em Joinville - SC, 28 jan. 2010.

Periódicos

Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. Florianópolis. Santa Catarina.
SOARES, Doralécio. Porque Barriga Verde. ano XXVI, nº 39-40, dez/1988.

Eco da Tradição, CCG Bento Gonçalves amplia as Fronteiras do Rio Grande. Porto Alegre, Set de 2002.

GAÚCHO chegou de mala vazia e hoje planta 250ha. **Jornal Folha de São Paulo,** São Paulo, 18 ago. 1996.

Ministério das Relações Exteriores. (Org.). **Brasileiros no Mundo.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008, v. I.

O BRASIL de Bombachas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 mar. 1995. Série especial, cap. 2.

O BRASIL de Bombachas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 31 mar. 1995. Série especial, cap. 3.

O BRASIL de Bombachas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 abr. 1995. Série especial, cap. 4.

O BRASIL de Bombachas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 28 mar. 1995. Série especial, cap. 7.

Globo Rural. A imagem viva do gaúcho. Edição 275, Editora Globo, setembro, 2008.

Revista do Rádio. Pedro Raimundo. Número 49, 1950.

Secretaria de Estado de Coordenação Geral e Planejamento, subsecretaria de Estudos Geográficos e Estatísticos. **Atlas Escolar de Santa Catarina**. Rio de Janeiro. Aerofoto Cruzeiro. 1991.

VEJA. São Paulo: Abril, v. 31, n. 1556, 22 jul. 1998.

VEJA. São Paulo: Abril, v. __, n. __, 24 jan. 1996.

VEJA. São Paulo: Abril, 06 out. de 1999.

ZIMMERMANN, Eronides. SIEVERT, Allan. **Diagnóstico da situação das entidades tradicionalistas gaúchas do Estado de Santa Catarina, Resultado das análises**. São José. MTG – SC, 2006.

Sonoras

CÔRTEZ, João Carlos Paixão. **Cantares & sapateios gaúchos**. Porto Alegre, Chantecler, 1982. 1 LP.

_____. **Do folk aos novos rumos**. Porto Alegre, Musicolor, 1977. 1 LP.

RAIMUNDO, Pedro. Revivendo Pedro Raimundo: Saudade de Laguna. Produção: Leon Barg. Curitiba: Revivendo Músicas Comércio de Discos, 2003. CD

Bibliografia

ALISOWSKI, Jairo; ARENT, Ilário. **CTG Os Paraianos: 30 anos de tradição**. São José: CTG Os Praianos, 2002.

AMIN, Esperidião. **A vez do pequeno: uma experiência de governo**. Florianópolis: Casa Civil, 1882.

AMORIM, Alberto Hélio Amorim. CARVALHO, Bernardino Roberto de. DUARTE, Romeu. **Tradicionalismo Gaúcho em destaque**. v.01. Criciúma, Editora Ribeiro, 1985.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Comunidades imaginadas: reflexão sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ANTUNES, Cláudia Rejane Dornelles. **A poética do conto de Simões Lopes: o exemplo de O negro Bonifácio**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. Tradução: Sérgio Bath. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ASSUMPÇÃO, Euzébio; MAESTRI, Mário (org.). **Nós, os afro-gaúchos..** 2.ed. Porto Alegre, Ed. Universidadae/UFRGS, 1998.

AVÉ-LALLEMANT, Roberto. **Viagem pelo sul do Brasil.** REISE DURCH SÜD-BRASILIE (ERSTER THEIL). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.

ÁVILA, Edison d'. **Pequena história de Itajaí.** Itajaí. Fundação Genésio Miranda Lins, 1981.

BAGUET, Alexandre. **Viagem ao Rio Grande do Sul.** Florianópolis/Santa Cruz do Sul: PARAULA/EDUNISC, 1997.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Nativismo.** Porto Alegre. L&PM Editores, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2005.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. In: _____. **Sobre o poder simbólico.** Tradução: Fernando Tomaz. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRANCHER, Ana. (Org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos.** 2 ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

BRAUN, Jayme Caetano. **Galpão de estância.** 4. Ed., Porto Alegre, Sulina, 1981.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** história e imagem. Bauri: EDUSC, 2004.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina.** 4 ed., Florianópolis, Lunardelli, 1994.

CAMPOS, Émerson César de. **O catarinense de bombacha:** movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina. 1999. 119f. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

_____. **Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas na cidade contemporânea, Criciúma, SC 1980-2002.** Florianópolis, Dissertação (Doutorado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

COLAÇO, Ricardo Zanotto. **Enciclopédia Personagens Tradicionalistas Brasil Sul.** Bento Gonçalves, RD Editora, 2006.

CONI, Emílio. **Argentina, Brasil e Uruguai.** Buenos Aires: Solar/Hachette, 1969.

CORRÊA, Carlos Humberto. (org) **A realidade catarinense no século XX.** Florianópolis, Instituto histórico Geográfico de Santa Catarina, 2000.

CÔRTEZ, João Carlos Paixão. **Aspectos da música e fonografia gaúcha.** Porto Alegre, Editora Proletra, 1984.

_____. **Danças tradicionais rio-grandenses achegas.** Passo Fundo, Editora Padre Berthier, 1994.

_____. **O gaúcho, danças, trajes e artesanato.** Porto Alegre: Garatuja, 1978.

_____. **Origem da semana farroupilha e primórdios do movimento tradicionalista.** Porto Alegre: Evangraf, 1994.

_____. **O Rio Grande do Sul canta e dança com Paixão Côrtes.** Caxias do Sul, Lorigraf, 2005.

CÔRTEZ, José Carlos Paixão. **O laçador: símbolo da terra gaúcha e sua nova morada.** Caxias do sul, 2008.

_____. **O laçador: um pealo na sua história.** Porto Alegre: Lorigraf, 2009.

CÔRTEZ, João Carlos Paixão; LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Danças e andanças da tradição gaúcha**. Porto Alegre: Editora Garatuja, 1975.

_____. **Manual de danças gaúchas**. 5. ed. São Paulo: Irmãos Vitale, 1967.

COSTA, Dimas. **Poesia gauchesca; para moças e crianças; com instruções para declamadores tradicionalistas**. 4. Ed. Porto Alegre, Martins Livreiro Ed., 1983.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Vols. I, II, III. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1940.

DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990.

DURKHEIM, Émili. **As regras do método sociológico**. Tradução: Paulo Neves; Revisão da tradução: Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Da divisão do trabalho social**. Tradução: Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

DUTRA, Cláudia Pereira. **A prenda no imaginário tradicionalista**. 2002. 126 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

EU, Luís Filipi Maria Fernando Gastão de Orléans, Conde d'. **Viagem militar ao Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: USP, 1981.

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

FAGUNDES, Antonio Augusto. Tradicionalismo. **Caderno de História**, n. 22, Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. **Curso de tradicionalismo gaúcho**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994.

FAGUNDES, Glênio Cabral Portela. **Cevando o mate**. 7.ed. Porto Alegre, Habitasul, 1984.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre o ontem e o amanhã: diferença cultural tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Itajaí: UNIVALI, 2000.

FARIAS, Vilson Francisco de. **De São José aos Açores, 252 anos em busca das raízes**. Florianópolis, Ed. do autor. 2002.

FERREIRA, Cyro Dutra. **35 CTG: o pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG**. 4. ed. Porto Alegre: Edições Renascença, 2005.

FIÃO, José Antonio do Vale. **O corsário**: romance rio-grandense. Coleção Rio Grandense, v. 37. Porto Alegre: MTG, 1979.

FISCHER, Luís A. GERTZ, René E. (org) **Nós os teuto-gaúchos**. GERTZ, René. **Os cidadãos teuto-gaúchos**. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Alemães na Guerra dos Farrapos**. Coleção História. 6. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

FLORES, Moacyr. **Gaúcho: história e mito**. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

_____. **A Revolução Farroupilha**. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

FONSECA, Pedro A. V. da. **Formação do gaúcho**. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982.

FONSECA, Roberto. **História do Rio Grande do Sul para jovens**. 2. ed. Porto Alegre: AGE Editora, 2003.

FREITAS, Letícia F. R. de. A sala de aula como espaço que constitui a identidade gaúcha. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 32, n. 02, p. 53, 2007.

GERTZ, René E. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação**. 3. ed. São Paulo: Anna Blume, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELOU FILHO, Esperidião Amin. **A vez do pequeno**: uma experiência de governo. Florianópolis: Casa Civil, 1986.

HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: o Modelo Catarinense de Desenvolvimento**. Blumenau, Editora da FURB, 1987.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HÖRMEYER, Joseph. **O Rio Grande do Sul de 1850**: descrição da província do Rio Grande do Sul no Brasil meridional. Porto Alegre: D.C Luzzatto Ed. EDUNI-SUL, 1986.

HYARUP, Luis Celso Gomes. **Indumentária sul-riograndense no decênio farroupilha**. Porto Alegre: IGTF, 2008.

ITAJAÍ. Lei Municipal nº 3.473, de 11 de janeiro de 2000. Dispõe sobre incentivos fiscais para apoio à realização de projetos culturais, e dá outras providências. Itajaí: 11 jan. 2000.

ISABELLE, Arsène. **Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul**. Brasília: Senado Federal, 2006.

JACQUES, João Cezimbra. **Assuntos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da história**. Campinas: Papyrus, 1996

JUNG, Carl G. (org). **O homem e seus símbolos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

KAISER, Jakzam Dalla Leite. **Ordem e progresso: o Brasil dos gaúchos**. 1998. 168f.L Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro**. Florianópolis. Papa livro, 1994.

LAMBERTY, Salvador Ferrando. **ABC do tradicionalismo gaúcho**, Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 1989.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2009.

LÊ GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. São Paulo: UNICAMP, 2003.

LEITE, Miriam. **Retratos de família**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

LISOWSKI, Jairo. ARENT, Ilário. **CTG Os Praianos, 30 anos de Tradição**. São José: CTG Os Praianos, 2002.

LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos e lendas do sul**. 10. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

_____. **Contos gauchescos**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, 1999. Clássicos Populares II (coleção).

LUCAS, Luís Henrique Haas. Arquitetura das estâncias e fazendas do Rio Grande do Sul: distribuição interior e gênese. **ARQTEXTO - Revista do Departamento de Arquitetura e do Propar**, Porto Alegre, n. 3-4, 2003.

LUCENA, Célia Toletto. **Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes**. São Paulo: Artes e Ciência, 1999.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Bugres, tropeiros e birivas: aspectos do povoamento do planalto serrano**. BRANCHER, Ana. ARENT, Silvia Maria Fávero. (Org). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis.: Ed. da UFSC. 2001.

MAESTRI, Mário. (org) **Nós, os Ítalos-gaúchos**. 2.ed. , Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

MARTINE, Joly. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

MAUCH, Cláudia. VASCONCELLOS, Naira. **Os alemães no Sul do Brasil**. Canoas, Ed. ULBRA, 1994.

MEYER, Augusto. **Prosa dos pagos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no oeste de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2009.

NUNES, Rui Cardoso; NUNES, Zeno Cardoso. **Dicionário do regionalismo do Rio Grande do Sul**. 6. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1995.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil - Nação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

PAGE, Thomas Jefferson. **La Plata, The Argentine Confederation and Paraguay**. London: Trubiner & CO., 1859.

PAIVA, Eduardo. **História e imagem**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PELUSO Jr.; V.A. **Aspectos da população e da imigração no Estado de Santa Catarina**. Rio de Janeiro. Editora Laudes, 1970.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras da ficção: diálogos da história com literatura**. Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História, Florianópolis VIII Julho de 1999.

_____. **Gaúcho: mito e história**. Porto Alegre, v. 24, n. 03, Letras de Hoje, 1989.

_____. **História do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

PIAZZA, Walter Fernando. **A colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: BRDE, 1982.

PIAZZA, Walter Fernando. HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina, história da gente**. 3.ed., Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1989.

RADIN, José Carlos. **Italianos e Ítalo-Brasileiros na Colonização do Oeste Catarinense**. Joaçaba: UNOESC, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO NETO, Afonso Alberto. **O gaúcho**. Lages: ATGESC, 1984.

RODRIGUES, José Honório. **O Continente do Rio Grande**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

RIO GRANDE DO SUL. Lei ordinária nº 11826, de 26 de agosto de 2002. Diário Oficial do Estado, n. 164 de 27 de agosto de 2002.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)**. Tradução Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

SALDANHA, José de. **Diário resumido**. Anais da Biblioteca Nacional, v. 51.

SAROLDI, Luiz Carlos. MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. 3.ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.

SAVARIS, Manoelito Carlos. **Rio Grande do Sul: história e identidade**. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha – MTG, 2008.

SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível**. Itajaí, Editora da Univali, 1999.

SILVA, Adriano Larentes da. **Fazendo cidade, a construção do urbano e da memória em São Miguel do Oeste – SC**. 2004. Dissertação (Mestrado em História Cultural), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SAMAIN, Etienne (org). **O fotográfico**. SIMSON, Olga. **Imagem e memória**. 2ª edição. São Paulo. Editora SENAC São Paulo, 2005.

SMITH, Antony. **Nacionalismo: teoria, ideologia, história**. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

SOUZA, André Pinto de. **Brasil Ritmos**. 6ª ed. São Paulo, Editora Souza, 1960.

TEIXEIRA, Ana Lúcia. **Cavalo crioulo: história de um símbolo.** Porto Alegre: Viver no Campo, 2007.

TERRA, Mano. **Raízes da América Gaúcha.** Florianópolis: Ilha Xucra, 1993.

TORRES, Sonia (Org). **Raízes e Rumos: perspectivas interdisciplinares e estudos americanos.** Rio de Janeiro. 7Letras. 2001.

VEIGA, José Eli. **Cidades Imaginárias: o Brasil é menos Urbano do que se calcula.** Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

ZATTERA, Véra Stedile. **Gaúcho: vestuário tradicional e costumes.** Porto Alegre: Editora Pallotti, 1997.